

# PLANO DE MANEJO DA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL PEUGEOT-ONF BRASIL



Fotos: Luciana Rebellato; Roberto Silveira; Miranda et al. 2011; Rodrigues et al. 2011



Cotriguaçu, Mato Grosso

# **PLANO DE MANEJO DA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL PEUGEOT-ONF BRASIL**

## **Proprietária da RPPN**

ONF Brasil

## **Sede**

Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu-MT  
CEP 78330-000

## **Suporte financeiro (Peugeot Automobiles)**



## **Coordenação Geral e Elaboração**

Fátima Sonoda  
Luciana Rebellato

## **Cooperação Técnica e Científica**

Cleide Regina de Arruda (ONFBrasil)  
Alan Bernardes da Silveira (ONFBrasil)  
Felipe Daher (ONFBrasil)  
Roberto Silveira (UFMT e ONFBrasil)

## **AGRADECIMENTOS**

À Peugeot e ONF Internacional e ONF Brasil pelo financiamento deste trabalho.

Ao Sr. Marc Bocqué, que incentivou e apoiou a criação da RPPN Peugeot-ONF Brasil.

À diretora da ONF Brasil, Msc. Cleide Arruda, que tornou realidade o Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil, e que nos deu todo apoio logístico para sua elaboração, além de acesso à informações sobre o Projeto Poço de Carbono Florestal-ONF Brasil.

A toda equipe do Projeto Poço de Carbono Florestal-ONF Brasil, que de alguma forma contribuíram para a elaboração deste Plano de Manejo, em especial, a Alan Bernardes da Silveira, Felipe Daher e Solange da Silva Ribeiro.

Ao professor e pesquisador Dr. Roberto Silveira da UFMT pela atenção e apoio para acesso a dados, fotos e informações sobre o Projeto Poço de Carbono Florestal-ONF Brasil.

Ao Comitê Científico do Projeto Poço de Carbono Florestal-ONF Brasil pelas contribuições durante a reunião anual.

Aos pesquisadores que contribuíram para os inventários de fauna da fazenda São Nicolau das Universidades Federal (UFMT) e Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) e que tornaram público seu conhecimento graças ao lançamento do livro “Descobrimos a Amazônia Meridional: biodiversidade da Fazenda São Nicolau”, organizado por Domingos de Jesus Rodrigues, Thiago Junqueira Izzo e Leandro Dênis Battirola (2011).

Ao professor e pesquisador da UFMT (Sinop), Juliano de Paulo Santos, por contribuir com a listagem de espécies da flora arbórea da fazenda São Nicolau.

A Msc. Eliana Paixão por contribuir com a listagem de flora herbácea da fazenda São Nicolau.

Ao auxiliar de campo Roberto E. Stofl pela grande ajuda durante as visitas a campo.

## **APRESENTAÇÃO**

A Reserva Particular do Patrimônio Natural Peugeot ONF Brasil é uma unidade de conservação estadual, integrante do Sistema Estadual de Unidades de Conservação do Estado de Mato Grosso, instituída legalmente no ano de 2010.

O Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil orientará o manejo dos recursos naturais da unidade de conservação, a implantação de estruturas físicas, o estabelecimento de normas, restrições para o uso, ações a serem desenvolvidas, enfim indicará os caminhos para a gestão de uma riquíssima área.

O documento foi estruturado em conformidade com o Roteiro Metodológico para Elaboração de Plano de Manejo para Reservas Particulares do Patrimônio Natural, adotado pelos governos federal e estadual, de tal forma que é possível visualizar a condição de conservação e as frentes de pressão na RPPN Peugeot-ONF Brasil, tanto quanto da Fazenda São Nicolau e do seu entorno imediato.

As pesquisas desenvolvidas na Fazenda São Nicolau, em seus vários ambientes, demonstram a riqueza da biodiversidade local e a necessidade de se envidar esforços no sentido de fortalecer esta atividade na região.

O Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil foca, nesta primeira edição, na estruturação da unidade de conservação e no fortalecimento da capacidade institucional para a Pesquisa Científica, podendo na sua revisão agregar outras atividades, em consonância com os preceitos estabelecidos no ato de seu reconhecimento, pelo Governo do Estado de Mato Grosso.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (SNUC).....	15
SISTEMA ESTADUAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE MATO GROSSO (SEUC).....	17
RPPNS NO BRASIL E MATO GROSSO - BREVE HISTÓRICO .....	20
PARTE 1 - INFORMAÇÕES GERAIS.....	23
1.1 - Acessos .....	23
1.2 - Histórico de Criação e Aspectos Legais da RPPN.....	24
1.3 - Ficha-Resumo da RPPN Peugeot-ONF Brasil.....	27
PARTE 2 - DIAGNÓSTICO.....	29
2.1 – Clima .....	30
2.2 – Relevo .....	31
2.3 – Hidrografia .....	31
2.4 – Vegetação .....	32
2.5 – Fauna .....	36
2.5.1 - Invertebrados.....	36
Diplopodas (Myriapoda, Arthropoda).....	36
Abelhas Euglossine .....	36
Rola bosta (Insecta: Coleoptera: Scarabaeidae: Scarabaeinae).....	36
Formigas (Hymenoptera: formicidae).....	39
2.5.2 – Vertebrados .....	39
Ictiofauna.....	39
Anfíbios.....	41
Répteis Escamosos (Reptilia, Squamata) .....	42
Avifauna.....	43
Pequenos mamíferos não-voadores.....	45
Mamíferos de médio e grande porte.....	47
2.6 - Caracterização da Propriedade.....	48
2.7 – Visitação.....	50
2.8 - Pesquisa e Monitoramento.....	51
2.9 - Ocorrência de Fogo.....	51
2.10 - Atividades Desenvolvidas na RPPN.....	51
2.11 - Sistema de Gestão .....	52
2.12 - Pessoal .....	52
2.13 - Infraestrutura.....	52
2.14 - Equipamentos e Serviços .....	53
2.15 - Recursos Financeiros .....	54
2.16 - Formas de Cooperação - Técnico-científica .....	54
2.17 - Caracterização da Área do Entorno à Fazenda São Nicolau.....	54
2.18 - Possibilidades de Conectividade .....	59
2.19 - Declaração de Significância.....	63
PARTE 3 - PLANEJAMENTO .....	65
3.1 - OBJETIVOS DE MANEJO.....	65
3.2 - ZONEAMENTO.....	66
3.2.1 - Zona Silvestre .....	67
3.2.2 - Zona de Proteção.....	68
3.2.3 - Zona de Visitação .....	69
3.2.4 - Zona de Transição.....	70
3.2.5 - Zona Tampão .....	70
3.3 PROGRAMAS DE MANEJO .....	72
3.3.1 - Programa de Administração.....	73
3.3.1.1 – Sub-Programa de Manutenção da Infraestrutura e Equipamentos .....	75

3.3.2 - Programa de Proteção .....	76
3.3.4 - Programa de Pesquisa e Monitoramento.....	78
3.3.5 - Programa de Visitação .....	79
3.3.6 - Programa de Sustentabilidade Econômica.....	80
3.3.7 - Programa de Comunicação .....	81
3.3.8 – Programa de Educação Ambiental .....	82
3.4 - PROJETOS ESPECÍFICOS.....	82
3.5 - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES E CUSTOS.....	83

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Unidades de conservação brasileiras. Fonte: MMA, 2014. ....	16
Figura 2 - Mapa de Mato Grosso com Unidades de Conservação. Fonte: SEMA, 2015 .....	18
Figura 3 – Rodovias de acesso à RPPN Peugeot-ONFBrasil, Fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu, MT.....	23
Figura 4 - Localização da Fazenda São Nicolau e RPPN Peugeot-ONF Brasil, Cotriguaçu, MT.	26
Figura 5 - Microbacias da Fazenda São Nicolau. As microbacias 01 e 02 estão na área da RPPN Peugeot-ONF Brasil, Cotriguaçu, MT. ....	32
Figura 6 - Mapa de vegetação da Fazenda São Nicolau, RPPN Peugeot-ONF Brasil e entorno, Cotriguaçu, MT.....	33
Figura 7 - A) <i>Theobroma</i> sp.; B) <i>Mauritiella aculeata</i> ; C) <i>Astrocaryum aculeatum</i> ; D) <i>Virola</i> sp.; E) <i>Caryocar glabrum</i> , fazenda São Nicolau, Cotriguaçu-MT. (Fotos: Luciana Rebellato). ...	35
Figura 8 - A) <i>Trichomanes vittaria</i> ; B) <i>Trichomanes pinnatum</i> ; C) <i>Adiantum dolosum</i> ; D) <i>Adiantum obliquum</i> ; E) <i>Calathea zingiberina</i> ; F) <i>Selaginella amazonica</i> ; G) <i>Olyra latifolia</i> ; H) <i>Costus scaber</i> , fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT. Fotos gentilmente cedidas por Eliana Paixão.	35
Figura 9 - A) <i>Ateuchus</i> aff. <i>striatulus</i> , sobre folha; B) <i>Canthidium</i> aff. <i>thalassinum</i> , sobre folha; C) <i>Oxysternon conspicillatum</i> , fêmea, sobre folha; D) <i>O. conspicillatum</i> , macho a esquerda e fêmea a direita; E) <i>Oxysternon macleayi</i> , fêmea; F) <i>Coprophanæus lancifer</i> , fêmea; G) <i>Phanaeus bispinus</i> , macho; H) <i>P. bispinus</i> , fêmea. Fotos: A-C, E: Roberto Silveira; D,F: Domingos Rodrigues; G-H: Fernando Vaz-de-Mello (Prancha de fotos retirada de Rodrigues <i>et al.</i> 2011). ....	38
Figura 10 - Igarapés estudados e espécies de peixes capturadas na Fazenda São Nicolau. A) igarapé em área com vegetação de entorno preservada; B) igarapé em área de pastagem; C) <i>Farlowella</i> sp.; D) <i>Erythrinus erythrinus</i> ; E) Hypoptomatinae gen. n sp. n; F) <i>Corydoras</i> cf. <i>polistictus</i> ; G) <i>Megalechis picta</i> ; H) <i>Hyphessobrycon</i> aff. <i>heliacus</i> . (Prancha de fotos retirado de Rodrigues <i>et al.</i> 2011). ....	40
Figura 11 - Ambientes de coleta e espécies coletadas em Cotriguaçu, MT. Pequenos córregos no interior da floresta (A e B); <i>Dendrophryniscus minutus</i> (C), <i>Rhaebo guttatus</i> (D), <i>Rhinella</i> cf. <i>margaritifera</i> (E), <i>Hyalinobatrachium crurifasciatum</i> (F), <i>Proceratophrys concavitympanum</i> (G), <i>Cruziohyla craspedopus</i> (H). Fotos de Ricardo A. Kawashita-Ribeiro (E e H). As outras fotos são dos autores (Prancha de fotos retirado de Rodrigues <i>et al.</i> 2011). ....	41
Figura 12 - Espécies de lagartos encontrados na Fazenda São Nicolau: (A) <i>Hemidactylus mabouia</i> , (B) <i>Arthrosaura reticulata</i> , (C) <i>Cercosaura eigenmanni</i> , (D) <i>Iphisa elegans</i> , (E) <i>Leposoma osvaldoi</i> , (F) <i>Enyalius leechii</i> , (G) <i>Anolis fuscoauratus</i> , (H) <i>Anolis niten</i> (Prancha de fotos retirado de Rodrigues <i>et al.</i> 2011). ....	43
Figura 13 - A) Arara Vermelha Grande ( <i>Ara chloropterus</i> ) com ninho próximo a plantação de teca; B) araracanga ( <i>Ara macao</i> ); C) gaviãobelo ( <i>Busarellus nigricollis</i> ); D) socozinho ( <i>Butorides striata</i> ), E) anambé-pombo ( <i>Gymnoderus foetidus</i> ); F) Chora-chuva-preto ( <i>Monasa nigrifrons</i> ); G) maçarico-solitário ( <i>Tringa solitaria</i> ); H) o mítico uirapuru verdadeiro ( <i>Cyphorhinus arada</i> ) este	

indivíduo foi capturado na mata ciliar do Juruena (Fotos: Dalci Oliveira) (Prancha de fotos retirado de Rodrigues <i>et al.</i> 2011).....	45
Figura 14 - A) <i>Marmosops noctivagus</i> ; B) <i>Marmosops</i> gr. <i>parvidens</i> ; C) <i>Metachirus nudicaudatus</i> ; D) <i>Monodelphis</i> sp. n; E) <i>Neacomys spinosous</i> ; F) <i>Oecomys bicolor</i> ; G) <i>Hylaeamys megacephalus</i> ; H) <i>Proechimys</i> sp. (Prancha de fotos retirado de Rodrigues <i>et al.</i> 2011). .....	46
Figura 15 - A) Jovem de <i>Tayassu pecari</i> (queixada); B) Rastros de <i>Hydrochoerushydrochaeris</i> (capivara); C) Rastro de <i>Panthera onca</i> (onça-pintada); D) Rastros de <i>Dasypus novemcinctus</i> (tatu-galinha); E) Toca de <i>Dasypus</i> sp. (tatu); F) <i>Lagothrix lagotricha cana</i> (macaco-barrigudo); G) <i>Tapirus terrestres</i> (anta) sendo registrada em armadilha fotográfica; H) Pesquisador observando rastros de mamífero ao longo de estrada de terra. Foto A gentilmente cedida por Dalci Oliveira. (Prancha de fotos retirado de Rodrigues <i>et al.</i> 2011). .....	47
Figura 16- Localização da Infraestrutura da sede da fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT. ....	53
Figura 17 - Conjunto de Unidades Sócio-Econômicas agregadas segundo interação dos aspectos sócio-econômicos-ecológicos e os elementos estruturadores das regiões de influência dos pólos urbanos (Fonte: SEPLAN, 2015).....	55
Figura 18 - Áreas de assentamentos próximos à fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu, MT. ....	58
Figura 19 - Terras indígenas e Unidade de Conservação próximas à fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu, MT. ....	59
Figura 20- Unidades de Conservação e Terras Indígenas da região Noroeste de Mato Grosso..	60
Figura 21- Área de Reserva Legal da fazenda São Nicolau (contorno em branco) e RPPN Peugeot-ONF Brasil conectada à propriedade vizinha com forte maciço florestal ao norte, Cotriguaçu, MT.....	62
Figura 22 - Corredor dos Ecótonos Sul-amazônicos. Fonte: AYRES, 2005.....	64
Figura 23 - Zoneamento da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT. ....	66
Figura 24 - Zona Silvestre da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.....	67
Figura 25 – Zona de Proteção da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT. .	68
Figura 26 - Zona de Visitação da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.	69
Figura 27 - Zona de Transição da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.	70
Figura 28 - Zona de Tampão da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT. ....	71

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Unidades de Conservação do Estado de Mato Grosso. Fonte: SEMA, 2015.....	18
Tabela 2 - Reservas Particulares do Patrimônio Natural, em Mato Grosso. Fonte: ICMBio, 2015.	21
Tabela 3- Resumo de informações sobre o uso e ocupação do solo da Fazenda São Nicolau de acordo com o licenciamento ambiental (LAU). ....	49
Tabela 4 - Divisão do território no município de Cotriguaçu. Fonte: ICV. ....	57
Tabela 5 - Terras Indígenas do Noroeste de Mato Grosso. Fonte: SEPLAN, 2011.....	61
Tabela 6 - Unidades de Conservação da Região Noroeste de MT. Fonte: SEPLAN, 2011.....	61
Tabela 7 - Cronograma de atividades de acordo com os programas estabelecidos pelo Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil. ....	83

## ANEXOS

ANEXO 1 - Espécies lenhosas amostradas na fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT. Coleta: 1 – Colpiniet *et al.* (2008); 2 – Juliano Santos (trabalhos em andamento); 3 – Luciana Rebellato e Fátima Sonoda (visita à área da RPPN).

ANEXO 2 - Espécies herbáceas da Fazenda São Nicolau e RPPN Peugeot-ONF Brasil, Cotriguaçu, MT.

ANEXO 3 – Distribuição de Diplopoda (Arthropoda, Myriapoda) entre as diferentes áreas avaliadas na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT.

ANEXO 4 – Espécies de abelhas inventariadas na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu-MT.

ANEXO 5 – Espécies de Scarabaeinae coletadas na Fazenda São Nicolau; tribo, grupo funcional e novos registros estatais.

ANEXO 6 - Espécies de formigas coletadas no solo de áreas de reflorestamento de Teca (*Tectonagrandis*) e coletadas no solo e na vegetação sub-arbórea de mata nativa, na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, Mato Grosso.

ANEXO 7 - Espécies de peixes e seu respectivo número de exemplares capturados nos ambientes de floresta preservada (Mata), e pastagem (Pasto), em igarapés de primeira e segunda ordem pertencentes à bacia do Rio Juruena, na Fazenda São Nicolau, em coletas realizadas em dezembro de 2009. (N) = número de igarapés amostrados em cada tipo de ambiente.

ANEXO 7.1 - Espécies de peixes capturados qualitativamente nos ambientes de floresta preservada (Mata), e pastagem (Pasto), em igarapés de primeira e segunda ordem pertencentes à bacia do Rio Juruena, na Fazenda São Nicolau.

ANEXO 8 - Espécies de anfíbios encontradas em áreas de floresta (FLO) e abertas (AA) na Fazenda São Nicolau, Município de Cotriguaçu, MT.

ANEXO 9 - Espécies de répteis escamosos registradas em campo e das espécies de abrangência regional, registradas através de dados secundários. Legenda: Coleta= espécies registradas em campo; UFMT= espécies depositadas na Coleção Zoológica de Vertebrados da Universidade Federal de Mato Grosso Campus de Cuiabá; B1= espécies registradas no Zoneamento Sócio-Econômico de Mato Grosso; B2= espécies registradas no guia da Fazenda São Nicolau por Dewynter (2007).

ANEXO 10 – Espécies de aves registradas na Fazenda São Nicolau (2001-2009). As formas de registro das aves: visualização (V), Auditivo (A), captura (C), vocalização gravada (G).

ANEXO 11 - Pequenos mamíferos não-voadores registrados na área de estudo. A classificação e os nomes populares seguem Reis *et al.* (2006); os hábitos alimentares seguem Fonseca *et al.* (1996). Tipo de evidência e registro na área de estudo: GA: Gaiola; AQ: armadilha de queda; ENT: Entrevista. Status de conservação: PP: pouco preocupante; SD: sem dados.

ANEXO 11.1 – Dados complementares: lista de espécies de pequenos mamíferos não-voadores esperadas para a Amazônia mato-grossense. Os dados apresentados nessa lista são baseados em: 1 - Rossi *et al.* (2010); 2 – Silva *et al.* (2006); 3 - Bonvicino *et al.* (2008).



ANEXO 12 - Espécies de médios e grandes mamíferos registradas na fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu, noroeste de Mato Grosso, com seus respectivos nomes vulgares, métodos de detecção, pontos de amostragem e categorias de ameaça segundo IUCN (2009) e MMA (2003). \*Espécies com potencial para caça. Métodos: CEN (censo), AF (armadilhas fotográficas), OCA (registros ocasionais) VEST (busca por vestígios) e ENT (entrevistas). Categorias de ameaça: AM (Ameaçada), QA (Quase ameaçada), EP (Em perigo), VU (Vulnerável).

ANEXO 13- Dados complementares: lista de espécies de médios e grandes mamíferos esperados para a região noroeste de Mato Grosso, Brasil, segundo dados da literatura. 1 = Reis *et al.* (2006b); 2 = Bonvicino *et al.* (2008); 3 = Gardner (2008); 4 = Emmons e Feer (1997); 5 = Eisenberg e Redford (1991); 6 = Vivo (1996); 7 = Van Roosmalen (2002); 8 = Gregorin (2006).

## **LISTA DE SIGLAS**

APA: Área de Proteção Ambiental

CAR: Cadastro Ambiental Rural

CDB: Convenção sobre Biodiversidade

CNUMAD: Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento ou "Cúpula da Terra" (Earth Summit) ou "ECO-92" ou ainda "Rio- 92"

COP: Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas

COFIL: Coordenação de Pilotagem

CCT: Conselho Científico e Técnico

EE: Estações Ecológicas

EP: Estradas Parques

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBDF: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

ICMBio: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

ICV: Instituto Centro da Vida

IMAZON: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia

IUCN – The World Conservation Union

LAU: Licenciamento ambiental

MDL: Mecanismo de Desenvolvimento Limpo

MMA: Ministério do Meio Ambiente

MoNa: Monumento Natural

MT: Mato Grosso

ONF: Office National des Forêts

ONF Brasil: ONF Brasil – Gestão Florestal LTDA

ONF-Internacional: ONF International SARL

PE: Parques Estaduais

PI: Proteção Integral

PNI: Pro-Natura Internacional

PPBio: Programa de Pesquisa em Biodiversidade

PRODEAGRO: Programa de Desenvolvimento Agro-ambiental

REBio: Reserva Biológica

REPAN: Refúgios Particulares de Animais Nativos

RESEX: Reserva Extrativista

RPPN: Reserva Particular do Patrimônio Natural

RVS: Refúgios de Vida Silvestre

SEPLAN: Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral

SEUC: Sistema Estadual de Unidades de conservação

SNUC: Sistema Nacional de Unidades de Conservação

US: Uso Sustentável

UHE: Usina hidroelétrica

FAPEMAT: Fundação de amparo à pesquisa do Mato Grosso

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas verificou-se uma preocupação crescente com questões ambientais globais, decorrentes principalmente pela degradação do meio ambiente, de práticas não-sustentáveis para o uso dos recursos naturais, e acarretando perda acelerada da diversidade biológica (AMARAL *et al.* 2000).

Na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) ou "Cúpula da Terra" (Earth Summit) ou "ECO-92" ou ainda "Rio- 92", evento mais significativo, que induziu a construção de cinco (05) documentos, direta ou indiretamente relacionados com a proteção e conservação da biodiversidade, em nível global, a saber:

- **Convenção sobre Biodiversidade (CDB)** - É o primeiro instrumento a tratar especificamente da tutela da biodiversidade no âmbito internacional, estabelecendo normas e princípios, que orientam a proteção à diversidade biológica, procurando implementar a sua conservação e uso sustentável com a respectiva repartição justa e equitativa de seus benefícios. Neste documento destaca-se o "Protocolo de Biossegurança", que permite que países deixem de importar produtos que contenham organismos geneticamente modificados.
- **Convenção sobre Mudanças do Clima** - dispõe sobre a estabilidade das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera, num nível que reduza a interferência antrópica perigosa no sistema climático.
- **Agenda 21** - é um programa de ação que viabiliza o novo padrão de desenvolvimento ambientalmente racional, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.
- **Princípios para Administração Sustentável das Florestas** - trata-se de um consenso global sobre o manejo, conservação e desenvolvimento sustentável de todos os tipos de florestas. Apesar de controvertido, este foi o primeiro a tratar da questão florestal de maneira universal. A declaração visa a implantação da proteção ambiental de forma integral e integrada.
- **Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento** - reafirma a soberania dos Estados sobre seus recursos naturais; inclui o direito internacional, os princípios da precaução, da prevenção, do poluidor-pagador e das responsabilidades comuns, mas diferenciadas; propõe a eliminação de padrões insustentáveis de produção e consumo, o intercâmbio de conhecimento e a transferência de tecnologias.

A Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) obteve adesão de mais de 160 países e entrou em vigor em dezembro de 1993 (MMA, 2015). O Brasil ratificou sua adesão através do Decreto nº 2.519/98, onde os países signatários “*assumiram o compromisso de desenvolver estratégias, planos ou programas para conservação e utilização sustentável da diversidade biológica e ainda estabelecer um sistema de áreas protegidas ou áreas em que medidas especiais precisem ser tomadas para conservar a diversidade biológica e promover a proteção de ecossistemas, habitats naturais e manutenção de populações viáveis de espécies em seu meio natural*” (BRASIL, 2000).

As áreas protegidas são consideradas componentes vitais para qualquer estratégia de conservação da biodiversidade, são ferramentas competentes na gestão de ecossistemas quando acompanhadas por políticas adequadas. A eficiência na gestão e o aumento da cobertura da conectividade, em nível das paisagens terrestres, podem incrementar a resiliência dos ecossistemas em relação às alterações climáticas, salvaguardando a biodiversidade e os serviços ecossistêmicos vitais.

O termo “área protegida” teve ampla divulgação com a criação do Parque Nacional de *Yellowstone* (USA), em 1872, destinado à preservação perpétua, considerando os direitos das gerações futuras usufruírem do local nas mesmas condições atuais. O modelo americano desencadeou a criação de áreas protegidas no mundo, Canadá (1885), Nova Zelândia (1894), África do Sul e Austrália (1898), México (1894), Argentina (1903) e Chile (1926), entre outros.

Entretanto, foi em 1994, no 4º Congresso Mundial sobre Parques Nacionais e Áreas Protegidas que foi definido o seu conceito, adotado desde então pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN), como: “*Uma área terrestre e/ou marinha especialmente dedicada à proteção e manutenção da diversidade biológica e dos recursos naturais e culturais associados, manejados através de instrumentos legais ou outros instrumentos efetivos*”. Entretanto, só o Brasil adotou a terminologia de “*unidade de conservação*”.

A primeira iniciativa brasileira para criação de unidade de conservação partiu do Engenheiro Militar André Rebouças (1838-1898), crítico da devastação ambiental e abolicionista, quatro anos após a criação do Parque Nacional *Yellowstone*, propondo a criação do Parque Nacional de Sete Quedas e o Parque Nacional da Ilha do Bananal, justificando o potencial das duas áreas para o desenvolvimento do turismo, porém não conseguiu sensibilizar os gestores da época (PÁDUA, 2002).

O Parque Nacional de Itatiaia, primeira unidade de conservação em território brasileiro foi criada em 1937, sessenta e um anos após a indicação de André Rebouças, no Estado do Rio de Janeiro.

Uma lei que incorporasse os conceitos fundamentais, fornecesse os mecanismos legais para a categorização e o estabelecimento de normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação no Brasil levou a sociedade a pleitear a instituição de um sistema unidades de

conservação. O Congresso Nacional aprovou a Lei nº 9.985/2000 instituindo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), regulamentado pelo Decreto nº 4340/2002.

Um Sistema de Unidades de Conservação é um conjunto organizado de áreas naturais protegidas que planejado, manejado e gerenciado como um todo é capaz de viabilizar os objetivos nacionais de conservação (MILANO, 1989).

A vontade da sociedade em fazer parte do esforço nacional de conservação da biodiversidade se concretizou com a instituição da figura da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), que veio contribuir significativamente com a proteção de fragmentos de vegetação nativa, principalmente aqueles localizados nas áreas de interstício entre unidades de conservação, e na ampliação e consolidação de iniciativas de formação de corredores de biodiversidade.

A RPPN foi criada como unidade de conservação pelo Decreto Federal nº 98.914/1990, atualizado pelo Decreto Federal nº 1.922/1996. No SNUC foi enquadrada no grupo de Uso Sustentável e assim definida: *“área protegida, gravada com perpetuidade, instituída em propriedade de domínio privado por iniciativa de seu proprietário, mediante um ato de reconhecimento do poder público por ser considerada de relevante sua importância para a proteção da biodiversidade, e por possuir características que justificam ações de recuperação, de modo a promover a conservação do seu ecossistema por apresentar atributos de caráter paisagístico que mereçam sua preservação. Nos seus limites, só serão permitidas a pesquisa científica e a visitação com objetivos turísticos, recreativos e educacionais”*.

O Estado de Mato Grosso, antecipando o governo federal, criou o Sistema Estadual de Unidades de Conservação de Mato Grosso-SEUC-MT em 1997, pelo Decreto nº. 1.795. Já as RPPNs foram criadas pelo Decreto Estadual nº 7279/2006, com uma ressalva: aqui foram enquadradas no grupo de **Proteção Integral**.

Os 903.378,292 km<sup>2</sup> de extensão do território mato-grossense encontra-se protegido por 103 unidades de conservação: 23 federais, 45 estaduais e 35 municipais, sendo que 5,57% estão no bioma Amazônia, 6,68% no Cerrado e 9,88% no Pantanal (SEMA, 2015).

Em relação às unidades de conservação privadas, são 15 (quinze) RPPN federais, perfazendo 172.980,67 ha e 06 (seis) estaduais, com aproximadamente 7.700,00 ha.

O SNUC e o SEUC-MT estabeleceram que as unidades de conservação devem dispor de um Plano de Manejo: *“documento técnico mediante o qual se estabelece o zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade”*.

A ONF Brasil, de acordo com a legislação em vigor, elabora o Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil, reconhecida pela Portaria nº 074/2010, atendendo os objetivos abaixo relacionados:

1. Caracterizar a RPPN quanto aos seus aspectos legais, físicos (clima, relevo, geomorfologia, pedologia, hidrografia) e bióticos (vegetação e fauna);
2. Levantar os aspectos históricos e culturais da RPPN (visitação, pesquisa e monitoramento, ameaças, sistema de gestão, pessoal, equipamentos e serviços, recursos financeiros e formas de cooperação);
3. Determinar seus objetivos específicos de manejo;
4. Propor diretrizes para o zoneamento da unidade;
5. Propor programas de manejo e projetos.

## **SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO (SNUC)**

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo em megadiversidade, concorrendo com a Indonésia pelo título de nação biologicamente mais rica do nosso planeta. Privilegiado como é, todavia, raramente atrai atenção pelo que possui; particularmente, é criticado pelo que está perdendo através do desmatamento; da conversão das paisagens naturais em reflorestamentos, plantações de soja e pastagens; e da expansão industrial e urbana. Embora as ameaças à vida silvestre e às paisagens naturais do país sejam dramáticas, o Brasil também tem se tornado um líder mundial em conservação da biodiversidade, principalmente por causa de seu, sempre crescente, quadro de profissionais de conservação (MITTERMEIER, 2005).

A Constituição Federal determina, em seu art. 225, III: “*definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção*”. A criação de espaços protegidos é ainda o meio mais eficiente e adequado de proteção dos diversos ecossistemas existentes e garantia do direito constitucional difuso a um meio ambiente equilibrado e preservado.

As áreas protegidas segundo Terborgh & Van Schaik (2002) são ferramentas essenciais para a preservação da biodiversidade e vitais para a perpetuação da biodiversidade, em um mundo dominado pelo homem. Os autores vão além, quando preconizam que existem dois desafios, que devemos enfrentar: “*A necessidade de destinar mais áreas para a proteção da biodiversidade e a efetividade de proteção das terras destinadas à conservação da biodiversidade contra um conjunto de forças destrutivas*”.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) foi aprovado pela Lei nº. 9985/2000, após dez anos de tramitação no Congresso brasileiro e definiu as unidades de conservação como: “*espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção*”.

O SNUC foi um marco na organização política do sistema de gerenciamento de áreas protegidas. Embora com muitas lacunas, defeitos e imperfeições administrativas, o Sistema organiza e estrutura algumas das áreas geográficas ambientalmente mais valiosas, tanto em escala local quanto global. Ele também estabeleceu critérios e regras para o manejo das unidades de conservação (UCs) nas diferentes escalas político-administrativas, desde os municípios até a federação, e as organiza em dois grandes grupos: UCs de Proteção Integral (UPIs), onde a interferência humana direta é proibida, e

UCs de Uso Sustentável (UCS), que admitem a presença de populações humanas em seu interior (MARTINS, 2012)..

Esses dois grupos se subdividem em doze categorias de manejo (tipos diferentes de UCs), variando de acordo com o grau de proteção ambiental a que se prestam:

- **Grupo Proteção Integral**, onde é admitido o uso indireto dos recursos naturais e é composto por cinco categorias: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio de Vidas Silvestres.

- **Grupo Uso Sustentável**, que tem a finalidade de compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos recursos naturais e possui sete categorias: Área de Proteção Ambiental (APA), Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

Muito ainda deve ser feito, pois além de um Sistema Nacional de Unidades de Conservação deficiente no que tange à sua representatividade, muitas áreas existentes ainda carecem de planos de manejo ou a sua implementação (MARENZI, 2000).

O Brasil possui 887 unidades de conservação federais, abrangendo 754.854 km<sup>2</sup>, 761 estaduais, que abrangem 760.652 km<sup>2</sup> e 181 municipais que representam 8.574 Km<sup>2</sup> de território protegido (MMA, 2014) (Fig. 1).

Segundo Martins (2012), 14,65% do território brasileiro pertence às Unidades de Conservação (UCs) em 2012. Se as metas assumidas pelo país durante a 15ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP 15) forem cumpridas, em 2020, aproximadamente, 21% do território estará sob regime especial de gestão ambiental.

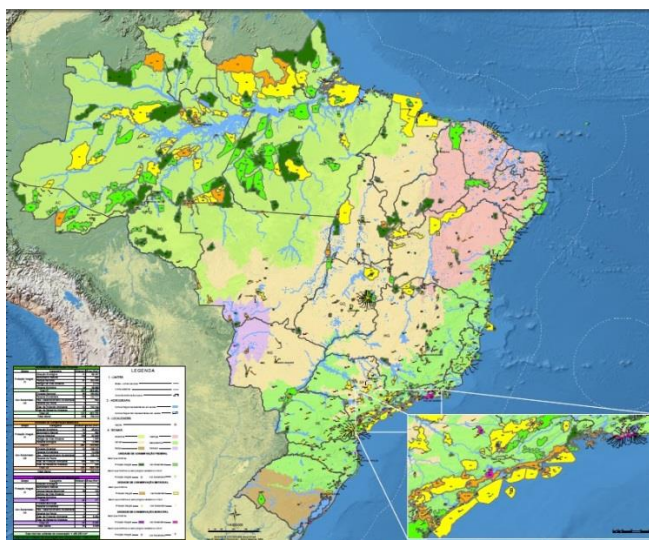


Figura 1 - Mapa de Unidades de conservação brasileiras. Fonte: MMA, 2014.



## **SISTEMA ESTADUAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DE MATO GROSSO (SEUC)**

O Sistema Estadual de Unidades de conservação (SEUC) foi instituído pelo Decreto nº. 1.795/97 regulamentando, estabelecendo objetivos e normas para a criação, implantação e gestão dos espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos em Mato Grosso.

A primeira unidade de conservação, criada pelo governo do Estado de Mato Grosso, foi o Parque Estadual de Águas Quentes, em 1978.

Considerável sucesso foi obtido no estabelecimento de unidades de conservação sob o Programa de Desenvolvimento Agro-ambiental (PRODEAGRO), ocorrido na década de 1990 por ações advindas de sua programação. O número de unidades de conservação estaduais saltou de 3 (três) para 30 (900% de variação) (SEPLAN, 2015).

Hoje as 45 unidades de conservação estaduais representam aproximadamente 4% do território do estado, sendo 2,2% do bioma Amazônico, 4,42% do Cerrado e 3,89% do Pantanal e estão assim distribuídas nas categorias de manejo (SEMA, 2015):

- 12 são unidades de conservação de Uso Sustentável (US), sendo 01 Reserva Extrativista (RESEX), 05 Estradas Parques (EP) e 06 Áreas de Proteção Ambiental (APA);

- 32 unidades de conservação de Proteção Integral (PI), sendo 05 Estações Ecológicas (EE), 01 Monumento Natural (MoNa), 18 Parques Estaduais (PE), 02 Refúgios de Vida Silvestre (RVS) 01 Reserva Biológica (REBio) e 05 Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN);

- 01 unidade de conservação aguardando recategorização, para adequação ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação sendo ela: Reserva Ecológica de Apiacás. E sete unidades de conservação federais: Seis de Proteção Integral e uma de Uso Sustentável (Fig. 2).

Em 2011, o SEUC passou por revisão na Assembleia Legislativa de Mato Grosso e foi sancionado pela Lei nº 9502/2011, revogando a legislação anterior.

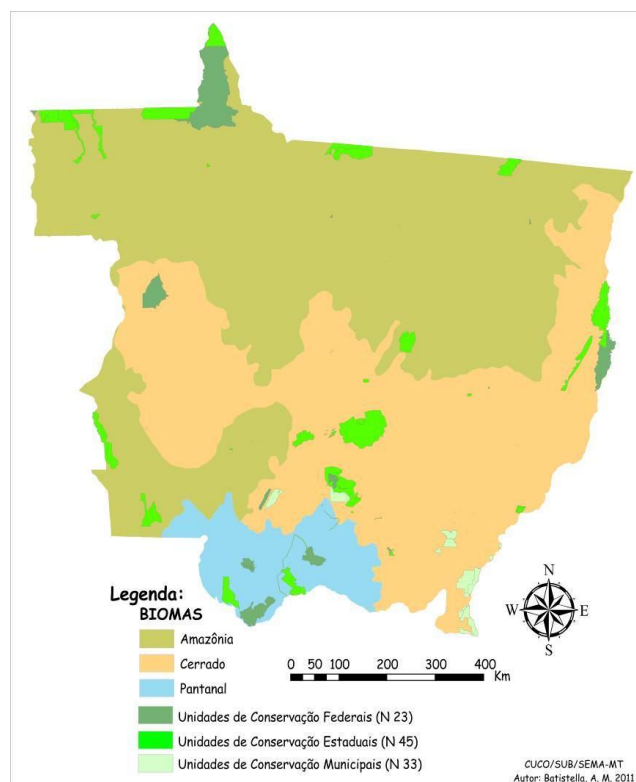


Figura 2 - Mapa de Mato Grosso com Unidades de Conservação. Fonte: SEMA, 2015

As unidades de conservação estaduais pertencentes ao Grupo de Proteção Integral perfazem um total de 1.777.249,59 hectares e as de Uso Sustentável, representam 1.018.122,03 hectares (Tab. 1).

Tabela 1 - Unidades de Conservação do Estado de Mato Grosso. Fonte: SEMA, 2015.

Nome	Área/ha	Ato legal	Município	Bioma
APA Cabeceiras do Rio Cuiabá	473.410,61	Lei 7161/1999	Rosário Oeste, Nobres, N. Brasil, Planalto da Serra e Nova Mutum	Cerrado
APA Chapada dos Guimarães	251.847,93	Lei 7804/2002	Cuiabá, Chapada dos Guimarães, Campo Verde e Santo Antônio do Leverger	Cerrado
APA Pé da Serra Azul	7.980,00	Lei 6436/1994	Barra do Garças	Cerrado
APA Nascentes do Rio Paraguai	77.743,50	Decreto 596/2006	Alto Paraguai e Diamantino	Cerrado
APA Salto Magessi	7.846,24	Lei 7871/2002	Santa Rita do Trivelato e Sorriso	Cerrado
APA do Rio da Casca	39.250,00	Lei 6437/1994	Chapada dos Guimarães	Cerrado
EE do rio da Casca I e II	3.534,00	Lei 6437/1994	Chapada dos Guimarães	Cerrado
EE do Rio Ronuro	102.000,00	Lei 8325/2005	Nova Ubiratan	Amazônia
EE do Rio Roosevelt	96.168,00	Lei 8680 /2007	Colniza	Amazônia

EE do Rio Madeirinha	13.682,96	Lei 7163/1999	Colniza	Amazônia
EE Rio Flor do Prado	8.517,00	Decreto 2124/2003	Aripuanã	Amazônia
EP Cachoeira da Fumaça	1.110,46	Lei 7091/1998	Jaciara	Cerrado
EP Cuiabá – Chapada Guimarães/ Mirante Km 15	3.635,94	Decreto 1473/2000	Cuiabá – Chapada dos Guimarães	Cerrado
EP Poconé – Porto Cercado	4.085,67	Decreto 1475/2000	Poconé	Pantanal
EP Santo Antônio – Porto de Fora – Barão de Melgaço	4.472,85	Decreto 1474/2000	Santo Antônio e Barão de Melgaço	Pantanal
EP Transpantaneira	8.646,83	Decreto 1028/1996	Poconé	Pantanal
MoNa Morro de Santo Antônio	258,09	Lei 8504/2006	Santo Antônio do Leverger	Pantanal
PE Mãe Bonifácia	77,16	Decreto 722/2011	Cuiabá	Cerrado
PE Águas do Cuiabá	10.600,00	Decreto 4444/2002	Rosário Oeste e Nobres	Cerrado
PE Águas Quentes	1.487,00	Decreto 1240/1978	Santo Antônio do Leverger	Cerrado
PE Zé Bolo Flô	66,39	Decreto 724/2011	Cuiabá	Cerrado
PE da Serra Azul	11.002,44	Lei 6439/1994	Barra do Garças	Cerrado
PE Araguaia	223.169,54	Lei 8458/2006	Novo Santo Antônio	Cerrado
PE do Cristalino	66.900,00	Lei 7518/2001	Alta Floresta e Novo Mundo	Amazônia
PE Cristalino II	118.000,00	Decreto 2628 /2001	Novo Mundo	Amazônia
PE do Xingu	95.024,84	Lei 8054/2003	Santa Cruz do Xingu	Amazônia
PE Dom Osório Stoffel	6.421,69	Decreto 5437/2002	Rondonópolis	Cerrado
PE Encontro das Águas	108.960,00	Decreto 4881/2004	Poconé e Barão de Melgaço	Pantanal
PE Gruta da Lagoa Azul	12.512,54	Lei 7369/2000	Nobres	Cerrado
PE Guirá	100.000,00	Lei 7625/2002	Cáceres	Pantanal
PE Massairo Okamura	53,75	Lei 7506/2001	Cuiabá	Cerrado
PE Serra de Ricardo Franco	158.620,85	Decreto 1796/1997	Vila Bela da Santíssima Trindade	Amazônia
PE Serra de Santa Bárbara	120.092,12	Lei 7165/1999	Pontes e Lacerda e Porto Esperidião	Amazônia
PE Tucumã	80.944,71	Decreto 5150/2005	Colniza	Amazônia
PE Igarapés do Juruena	227.817,00	Decreto 5438/2002	Colniza e Cotriguaçu	Amazônia
Refúgio de Vida Silvestre Corixão da Mata Azul	40.000,00	Lei 7519/2001	Novo Santo Antônio e Cocalinho	Cerrado
Refúgio de Vida Silvestre Quelônios do Araguaia	60.000,00	Lei 7520/2001	Cocalinho	Cerrado
Reserva Ecológica de Apiacás	100.000,00	Lei 6.464/1994	Apiacás	Amazônia
Reserva Biológica do Culuene	3.900,00	Decreto 723/2011	Paranatinga	Cerrado
Resex Guariba-Roosevelt	138.092,00	Lei 8680/2007	Aripuanã e Colniza	Amazônia

## RPPNS NO BRASIL E MATO GROSSO - BREVE HISTÓRICO

A perspectiva do Poder Público reconhecer uma propriedade particular como área protegida surgiu pela primeira vez, na legislação brasileira com o Código Florestal de 1934 (Decreto 23.793). Essa possibilidade denominava “florestas protetoras”: instituída para preservar as florestas, estabelecendo regras de exploração florestal e as penas aplicadas àqueles que as transgredissem.

O artigo 6º do Código Florestal brasileiro (Lei 4771/1965) oportunizou a criação das RPPN: *“O proprietário da floresta não preservada, nos termos desta Lei, poderá gravá-la com perpetuidade, desde que verificada a existência de interesse público pela autoridade florestal. O vínculo constará de termo assinado perante autoridade florestal e será averbado à margem da inscrição no Registro Público”*.

Mais tarde, em 1977, o extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) editou a Portaria IBDF 327/77, criando os Refúgios Particulares de Animais Nativos – REPAN, a partir de demanda de proprietários rurais. Em 1988, a Portaria 217 substituiu a anterior, instituindo as Reservas Particulares de Fauna e Flora.

A necessidade do estabelecimento de um mecanismo melhor definido, com regulamentação para as áreas protegidas privadas, levou o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) a publicar o Decreto Federal 98.914/1990, criando as Reservas Particulares do Patrimônio Natural – RPPN, substituído pelo Decreto 1.922/1996.

O Decreto Federal 5.746/2006, em vigor, regulamentou as RPPNs, como categoria de unidade de conservação (UC). A lei 9885/2000 que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), regulamentado pelo Decreto nº 4340/2002.

O Art. 12, Capítulo IV, do Decreto 4340/2002, trata do Plano de Manejo e assim refere-se à RPPN: *“O Plano de Manejo da unidade de conservação, elaborado pelo órgão gestor ou pelo proprietário quando for o caso, será aprovado I - em portaria do órgão executor, no caso de Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural, Refúgio de Vida Silvestre, Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva de Fauna e Reserva Particular do Patrimônio Natural.”*

O Art. 33 refere-se sobre aplicação de recursos da compensação ambiental de que trata o Art. 36 do SNUC, *“nas unidades de conservação, existentes ou a serem criadas”* e enumera os itens que podem ser aplicados no caso de uma RPPN receber recursos da compensação ambiental, referida acima, no seu Parágrafo Único.

Em Mato Grosso, a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) foi instituída pelo Decreto nº. 5.436/02, passando a integrar o SEUC-MT. O Decreto 7.279/2006 revogou o anterior e dispôs sobre a Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, como unidade do Grupo de Proteção Integral.

A instituição de uma legislação específica, em nível estadual, reconhece a iniciativa voluntária de cidadãos brasileiros, valoriza o esforço e a importância da RPPN como ferramenta para a conservação da biodiversidade.

A RPPN tem grande importância enquanto depositárias de biodiversidade, mesmo que em sua maioria sejam constituídas de fragmentos florestais, em especial por compor o Sistema de Unidades de Conservação, ou seja, articuladas com outros espaços especialmente protegidos, notadamente de domínio público. Um dos mais importantes funções é o de formar “corredores de biodiversidade”.

Há no Brasil 647 RPPNs instituídas em nível federal, juntas protegem 511.815,74 hectares. Em Mato Grosso são 15 RPPNs federais, que representam 172.980,67 hectares, e seis estaduais, que representam 5.289,18 hectares (Tab. 2).

Tabela 2 - Reservas Particulares do Patrimônio Natural, em Mato Grosso. Fonte: ICMBio, 2015.

<b>RPPN</b>	<b>ÁREA</b>	<b>DOC. CRIAÇÃO</b>	<b>GESTÃO</b>
RPPN Reserva Rama	400	Port 54/2002 - DOU 75 - 19/04/2002	Federal
RPPN Lote Cristalino	670	Port 28/N - DOU 70 - 14/04/1997	Federal
RPPN Reserva Ecológica Verde Amazônia	10.650,67	Port 106 - DOU 153 - 09/08/2002	Federal
RPPN Reserva Ecológica América Amazônica	4.942,75	Port 107 - DOU 153 - 09/08/2002	Federal
RPPN Estância Ecológica SESC – Pantanal	49.485,72	Port 71-N - DOU 127 - 07/07/1997	Federal
RPPN Estância Ecológica SESC – Pantanal	3.838,72	Port 151-N - DOU 215 - 10/11/1998	Federal
RPPN Jubran	35.531,00	Port 172 - DOU - 20/11/2001 - Port 50 - DOU 75 - 19/04/2002	Federal
RPPN Reserva Ecológica da Mata Fria	9,95	Port 60 - DOU 188-E - 28/09/2000	Federal
RPPN Hotel Mirante	19,79	Port 25/04-N - DOU 46 - 09/03/2004	Federal
RPPN Fazenda São Luiz	200,00	Port 104-N - DOU 190 - 05/10/1994	Federal
RPPN Reserva Ecológica José Gimenes Soares	200,00	Port 108/2002 - DOU 153 - 09/08/2002 - Port. 108/2002 - DOU 153 - 09/08/2002	Federal
RPPN Reserva Ecológica Lourdes Félix Soares	800,00	Port 105 - DOU 153 - 09/08/2002	Federal
RPPN Fazenda Estância Dorochê	26.518,00	Port. 6 - DOU 34 - 20/02/1997	Federal
RPPN Parque Ecológico João Basso	3.624,57	Port 170-N - DOU 252 -	Federal

		30/12/1997	
RPPN Fazenda Terra Norte	1.542,50	Port 60-N - DOU 109 - 11/06/1997	Federal
RPPN Vale do Sepotuba	1.104,54	Port.043/2003	Estadual
RPPN Cristalino III	1.617,70	Port. 14/2007	Estadual
RPPN Peugeot- ONF – Brasil	1.781,30	Port. 074/2010	Estadual
RPPN Cristalino I	2.445,33	Port. 055/2011	Estadual
RPPN Fazenda Loanda	490,64	Port. 417/2012 - Port.231/2011	Estadual
RPPN Reserva Natural Cachoeira do Tombador	295,0025	Port. 660/2014	Estadual

Em 24 anos de existência como política pública, as RPPNs consolidam o sistema nacional e estadual de unidades de conservação, como uma das mais importantes estratégias de proteção e conservação da biodiversidade.



Coordenada Geográfica: 09°51'53" S; 58°13'45"W.

Características:

Extensão de 930 metros de comprimento – Largura: 25 metros de largura

Sem pavimentação – piçarra.

Portaria ANAC nº 2151/SAI de 11/10/2012 alterou e renovou a inscrição do aeródromo privado Fazenda São Nicolau – MT no cadastro de aeródromos.

## **1.2 - Histórico de Criação e Aspectos Legais da RPPN**

A década de 1990 foi a mais quente desde que as primeiras medições foram efetuadas, no fim do século XIX. Este aumento da temperatura nas décadas recentes corresponde ao aumento no uso de combustível fóssil durante este período. Até finais do século XX, o ano de 1998 foi o mais quente desde o início das observações meteorológicas em 1861, com +0.54°C acima da média histórica de 1961-90 (MARENGO, 2006).

Em 1997 o Japão sediou a 3ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP-3), no episódio foi constituído o “Protocolo de Kyoto” - tratado internacional que definiu que os países industrializados reduziram em pelo menos 5,2% suas emissões combinadas de gases de efeito estufa em relação aos níveis de 1990. Muitos cientistas pensaram que já haviam fornecido os fatos mais relevantes sobre mudanças de clima para os políticos e tomadores de decisões, entretanto somente trinta e nove (39) países assinaram o Protocolo de Kyoto no evento.

Um ano depois, em 1998, a construtora de automóveis Peugeot, preocupada com a emissões de carbono originadas da indústria automobilística, decidiu estudar a dinâmica do carbono através de reflorestamentos. Os estudos se propõem a avaliar o potencial de reflorestamentos como instrumento para a recuperação de carbono atmosférico, com ênfase em sua utilização na luta contra o aquecimento global. Com esta concepção, nasceu o "Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil" (SILVEIRA, 2011).

A aquisição da Fazenda São Nicolau, de 10 mil hectares, ocupada anteriormente pelos indígenas da etnia Rikbatsa e depois pelos imigrantes de várias regiões do Brasil, possuía as condições ideais para o projeto, com uma matriz de ambientes composta de matas secundárias, em diferentes fases de regeneração, áreas de antigas pastagens e mata primária.

A proposta da Peugeot é testar o conceito de “Poço de Carbono” estabelecendo a meta de recuperar 110 mil toneladas de CO<sub>2</sub> por meio de reflorestamento de espécies nativas, com



investimentos em ações ambientais, científicas e socioeconômicas do projeto até 2038. E manter a “fazenda” por um período ainda maior (40 anos), para assegurar conhecimento ainda deficiente no mundo, sobre o volume de carbono que as florestas tropicais podem estocar em troncos, galhos, folhas e raízes, e assim ajudar a combater as mudanças climáticas do planeta. A experiência também serve como laboratório sobre a recuperação de áreas desmatadas na Amazônia (Sendo Sustentável, 2015).

A Peugeot buscou a Office Nationaldes Forêts (ONF), estatal francesa fundada em 1964, que administra as florestas públicas da França continental e em seus territórios ultramarinos, possui experiência em gestão florestal e esforça-se para que seja reconhecida a contribuição das florestas contra o aquecimento global.

O melhor arranjo para a execução do projeto foi concebido pela ONF Internacional (ONFI), filial direta e privada da organização, responsável pelos empreendimentos fora do país, e pela Pro-Natura Internacional (PNI), ong brasileira, que optaram pela criação de uma empresa brasileira.

A ONF Brasil (1999), filial de direito brasileiro da ONF International objetiva instalar reflorestamentos para sequestro de carbono e a gestão de florestas.

Hoje, a atividade da ONF Brasil concentra-se na condução do projeto de reflorestamento “Poço de Carbono Florestal Peugeot - ONF Brasil” em sua sede na Fazenda São Nicolau, região do noroeste do Mato Grosso, no município de Cotriguaçu-MT.

A partir de 2001 o Projeto se estruturou com Programas de Pesquisas, para fomentar dados sobre o carbono recuperado, e outros programas de apoio, abaixo relacionados:

O Programa de Pesquisas sobre o Carbono é o central, recebe dados de todos os outros demais programas para responder sobre as vantagens e eficiência do reflorestamento como instrumento de recuperação do carbono atmosférico. A interação entre os programas garante dados correlacionados, aumentando assim o poder de análise dos dados coletados.

Programa de Carbono: envolve todas as pesquisas relativas ao cálculo do estoque de carbono no reflorestamento, na floresta nativa, no solo e na atmosfera.

Programa de Silvicultura: envolve todas as pesquisas associadas às técnicas silviculturais dos reflorestamentos, curvas de crescimento de espécies cultivadas e etc. Também envolve estudos que caracterizam a floresta nativa, suas possibilidades de recursos não madeireiros e estratégias de manejo.

Programa da Biodiversidade: reúne todas as pesquisas relativas ao inventário da biodiversidade e sua ocupação na área da Fazenda, seja ela reflorestamento ou floresta nativa.

Programa da Integração Local: envolve todos os trabalhos efetuados em conjunto com a população local, tais como cursos de educação ambiental, integração dos assentados na área periférica da Fazenda com o Projeto através da coleta de castanhas etc.

A decisão de se criar uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), unidade de conservação privada, um ato espontâneo e exclusivo dos proprietários, demonstrou o compromisso exemplar da Peugeot e ONF Brasil, com a conservação da natureza. Após a aprovação do Comitê Científico, em novembro de 2007, o Projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil decidiu incluir, entre suas incumbências, uma RPPN na Fazenda São Nicolau, às margens do Rio Juruena.

A RPPN Peugeot-ONF Brasil foi criada pela Portaria nº 074/2010 da Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA-MT), averbada em caráter de perpetuidade no Cartório de Registro competente, com área de 1.781,30 hectares. A unidade de conservação localiza-se na Fazenda São Nicolau, no município de Cotriguaçu, no Estado de Mato Grosso (Fig. 4).

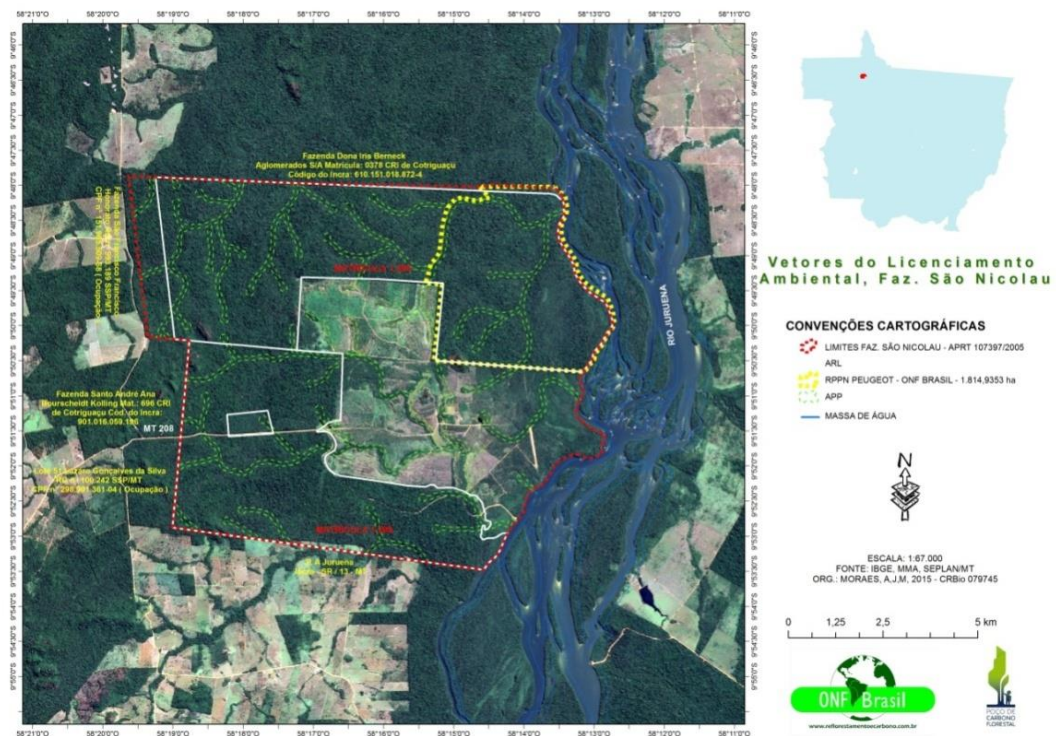


Figura 4 - Localização da Fazenda São Nicolau e RPPN Peugeot-ONF Brasil, Cotriguaçu, MT.

### 1.3 - Ficha-Resumo da RPPN Peugeot-ONF Brasil

<b>Nome das Unidades de Conservação:</b> RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN) PEUGEOT-ONF BRASIL	
Unidade Gestora Responsável: Secretaria de Estado do Meio Ambiente (MT)	
<b>Propriedades</b>	Fazenda São Nicolau
<b>Nomes dos proprietários</b>	ONF BRASIL Gestão Florestal Ltda
<b>Nome do representante</b>	Cleide Regina de Arruda
<b>Endereço da sede</b>	Fazenda São Nicolau, Estrada Ariel, Km 01, Zona Rural Cotriguaçu – MT - CEP: 78330-000
<b>Telefone/ e-mail/ página na internet</b>	(065) 36447787 <a href="mailto:cleide@onfbrasil.com.br">cleide@onfbrasil.com.br/</a> <a href="http://www.reflorestamentoecarbono.com.br">www.reflorestamentoecarbono.com.br</a>
<b>Superfície (cartográfico)</b>	Matrícula 1.298: 5.392,0306 hectares Total: 1.781,30 hectares
<b>Municípios que abrange</b>	Cotriguaçu
<b>Municípios de principal acesso</b>	Juína e Alta Floresta
<b>Estados que abrange</b>	Mato Grosso
<b>Coordenadas (UTM)</b>	Vértices da RPPN: Marco 1: X 363385,887 Y 8916562,898 Marco 2: X 365412,852 Y 8916548,595 Marco 3: X 366261,116 Y 8911451,434 Marco 4: X 362360,535 Y 8911778,623 Marco 5: X 362562,812 Y 8913780,932 Marco 6: X 362120,745 Y 8913816,108 Marco 7: X 363793,004 Y 8916062,662
<b>Acesso</b>	Há duas formas de acesso: - a primeira realizada por via terrestre a partir da cidade de Alta Floresta pela MT 208 até a Balsa do Rio Juruena. - a segunda, também por via terrestre, a partir de Juína pela MT 170 até Cotriguaçu. Em Cotriguaçu, segue-se a estrada em direção à balsa até o final, onde já nos encontramos na propriedade.
<b>Distâncias dos centros urbanos mais próximos</b>	Cotriguaçu: 40 km; Juruena: 100 km
<b>Decreto</b>	Portaria nº 074 de 02 de junho de 2010
<b>Marcos importantes (limites)</b>	Limite leste: margem esquerda do Rio Juruena
<b>Bioma e ecossistemas</b>	Amazônico, Floresta Ombrófila Densa, Submontana com Dossel Emergente e Floresta Ombrófila Aberta, Formação Submontana com Palmeiras

<b>Atividades ocorrentes</b>	Pesquisa, reflorestamento destinado a sequestrar carbono e Educação ambiental.
<b>Características do imóvel</b>	A fazenda São Nicolau possui áreas com floresta nativa em bom estado de conservação, áreas com plantio misto de espécies nativas e não mistos e áreas com capoeira e pastagens.

## PARTE 2 - DIAGNÓSTICO

### METODOLOGIA

O Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil foi elaborado conforme orienta o Roteiro Metodológico para Elaboração de Plano de Manejo para Reservas Particulares do Patrimônio Natural (FERREIRA, 2004).

Em reunião, com a Diretora da ONF Brasil, Msc. Cleide Arruda, e o Coordenador de Pesquisa, Dr. Roberto Silveira, foi consensuado que as informações geradas “*in loco*” nestes 16 anos de Projeto, deveriam constituir a base para a construção do primeiro Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil. Assim, foi disponibilizado um Banco de Dados, com as pesquisas e relatórios de campo produzidos desde a aquisição da Fazenda São Nicolau.

As informações relativas ao meio abiótico estão disponíveis em literatura pertinente para região em que se localiza a propriedade e seu entorno. Foram utilizadas a folha SC-21 Juruena do Radam Brasil (BRASIL, 1980) e o Atlas da SEPLAN (2011).

São diversos os grupos inventariados na Fazenda São Nicolau:

- As arbóreas foram amostradas para a elaboração do Plano de Manejo Florestal e Uso Múltiplo da Fazenda São Nicolau (COLPINI *et al.* 2008), bem como no inventário da vegetação ripária do rio Juruena e seus afluentes presentes na propriedade (SANTOS, 2015, pesquisa em andamento).
- Levantamentos da flora herbácea terrestre foram realizados em um sistema de parcelas de um módulo do Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio) instaladas na Fazenda São Nicolau (PAIXÃO, 2010).
- Os invertebrados: os Diplopodas (Myriapoda, Arthropoda), as abelhas Euglossini (Anthophila: Hymenoptera: Apidae), os Besouros Rola-Bosta (Insecta: Coleoptera: Scarabaeidae: Scarabaeinae) e Formigas (Hymenoptera: Formicidae) (RODRIGUES *et al.* 2011).
- O grupo dos vertebrados: ictiofauna, anurofauna, répteis escamosos (Reptilia, Squamata), aves e mamíferos de pequeno, médio e grande porte (RODRIGUES *et al.* 2011).

Os dados referentes a fauna estão reunidos em um livro “Descobrimos a Amazônia Meridional: biodiversidade da Fazenda São Nicolau”, organizado Domingos de Jesus Rodrigues, Thiago Junqueira Izzo, Leandro Dênis Battirola, 2011.

A maioria dos diagnósticos realizados na Fazenda São Nicolau registra-se que a riqueza em espécies pode ser muito superior ao apresentado, devendo-se aumentar os esforços de coleta.

A equipe de coordenação realizou trabalho de campo na Fazenda São Nicolau, na RPPN Peugeot-ONF Brasil e no entorno, que objetivaram: reconhecimento da vegetação e o seu estado de conservação, a complementação de listagem de espécies vegetais na área da RPPN, visita ao Projeto de Assentamento Juruena, conhecimento detalhado do funcionamento de rotina da fazenda, contato com a prefeitura municipal e instituições que atuam na região e possuem interface afins, para complementação e checagem das informações.

## **2) CARACTERIZAÇÃO DA RPPN**

### **2.1 – Clima**

A região noroeste de Mato Grosso possui clima Equatorial Continental Úmido, com estação seca definida da depressão sul-amazônica. A baixa latitude e as altitudes entre 100 - 300 metros definem uma condição megatérmica, onde as temperaturas médias anuais oscilam entre 24,6-24,1°C, com máximas entre 31,8-31,2°C e mínimas entre 20,4-19,6°C. A pluviosidade total anual varia de 2000 a 2100 mm, com 4 a 5 meses secos. A estação seca é considerada “moderada” e ocorre de junho a setembro, com uma deficiência hídrica de 200 – 250 mm. Outro aspecto relevante é a existência de um excedente hídrico elevado, entre 1000 – 1200 mm, ocorrendo ao longo de oito (8) meses (outubro a abril) (SEPLAN, 2011).

De acordo com a classificação de Köppen, predomina na região o clima pertencente ao grupo A (Clima tropical chuvoso), e o tipo climático é o “Am”, com pequeno período de seca em que as chuvas ocorrem com pluviometria inferior a 60 mm no mês mais seco. O clima é do tipo tropical quente e úmido, com umidade relativa média do ar de 80%. As temperaturas médias anuais são elevadas o ano inteiro, e compatíveis com a tropicalidade da área, entre 23° a 25°C, sendo os meses da primavera-verão os mais quentes, que coincide com o período mais chuvoso e precipitação pluviométrica abundante, com curto período seco no inverno.

O regime pluviométrico expressa o caráter transição entre dois domínios tropicais a Amazônia úmida e o Planalto central Brasileiro, com duas estações bem marcadas, uma chuvosa e outra seca (BRASIL, 1980). A precipitação média anual é de 2.300 mm. O período chuvoso, de setembro a abril, concentra mais de 80% das precipitações ocorridas durante todo o ano. O período seco ocorre nos meses de maio a agosto, estação do inverno.

## **2.2 – Relevo**

Geologicamente a RPPN Peugeot-ONF Brasil encontra-se inserida na região litológica do Pré-Cambriano médio superior, sobre as rochas do Complexo Xingu. Área com formação de rochas predominantemente ortometamórficas constituídas por granitos, granodioritos, adamelitos, dioritos, anfibolitos, gnaisses ácidos e básicos, migmatitos, granulitos, com subordinados quartzitos, quartzomica-xistos e mica-xistos. Grau metamórfico fácies anfibolito médio a granulito. (gl - granulito, gr - granitóides, qt - quartzitos, ogb - olivina-gabro) (SEPLAN, 2011).

A região se insere na unidade geomorfológica “depressão interplanáltica da Amazônia meridional”, onde sistemas mais dissecados entremeiam a superfície aplanada, de altimetrias variáveis entre 200 e 300 metros, também recortada por planícies fluviais que acompanham as principais drenagens, organizada conforme padrão dendrítico. É limitada ao norte pelas serras e chapadas do Cachimbo e ao sul pelo planalto dos Parecis (BRASIL, 1980).

Predominam solos Podzólico vermelho-amarelo distrófico e álico, com textura argilosa, ocorrendo em menor proporção os solos litólicos em relevo mais movimentado e solos hidromórficos ao longo da rede de drenagem, o Rio Juruena (BRASIL, 1980).

## **2.3 – Hidrografia**

A fazenda São Nicolau está inserida na bacia hidrográfica do rio Juruena, na bacia Amazônia e na sub-bacia do Tapajós. O rio Juruena constitui o limite leste da Fazenda São Nicolau. No interior da propriedade há vários pequenos canais de drenagem. Na RPPN são observadas nascentes que formam um córrego de segunda ordem sem nome, que escoia pela porção mais central da área e desagua a nordeste da área no rio Juruena.

Outro córrego de segunda ordem na RPPN, porém com as nascentes fora dos limites da mesma, faz limite a noroeste da RPPN. Este, porém, não possui nome, sendo apelidado de córrego da reserva (Fig. 5).

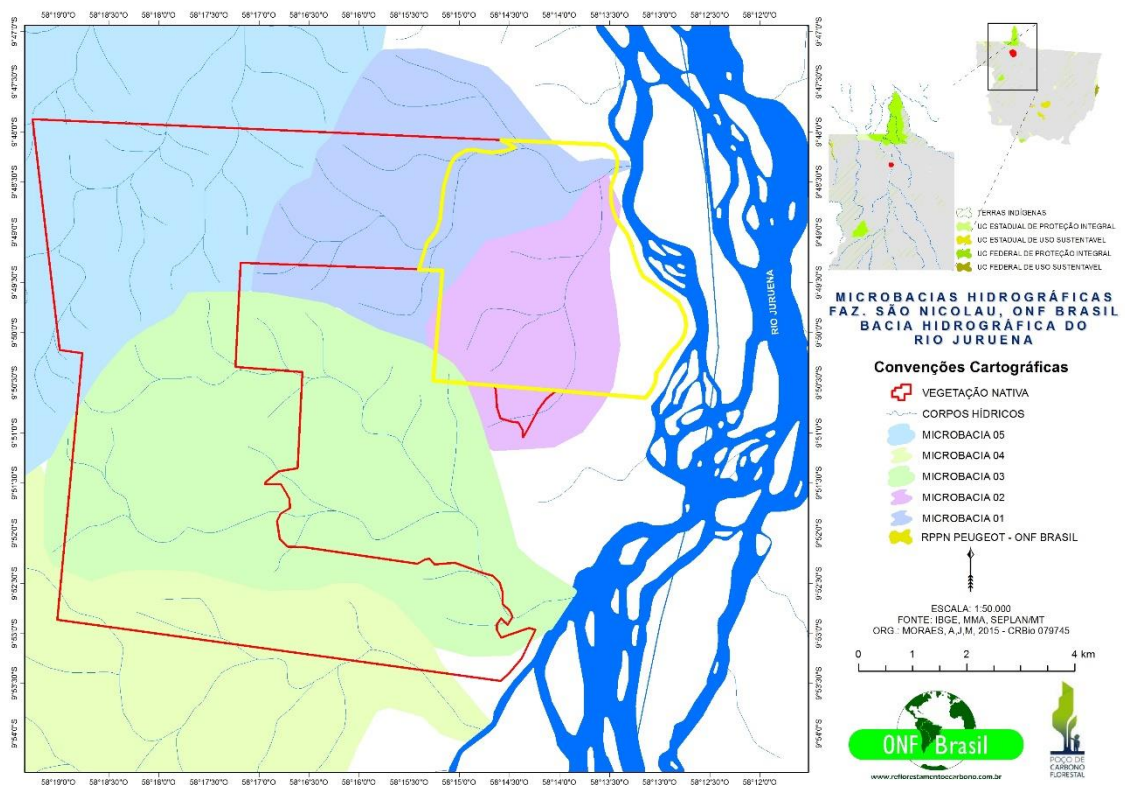


Figura 5 - Microbacias da Fazenda São Nicolau. As microbacias 01 e 02 estão na área da RPPN Peugeot-ONF Brasil, Cotriguaçu, MT.

## 2.4 – Vegetação

Predomina na região e na propriedade a Floresta Ombrófila, cuja característica é a sua pluriestratificação e o grande porte da vegetação, com dossel de 20 a 30 metros de altura e emergentes que podem atingir 45 metros, com predominância de espécies perenifólias e presença frequente de epífitas, lianas e plantas escandentes (SEPLAN, 2011).

A vegetação da RPPN se encontra em ótimo estado de conservação. Através do banco de dados vetoriais do IBGE e imagens landsat, a vegetação da RPPN foi classificada como Floresta Ombrófila Densa, Submontana com Dossel Emergente (IBGE, 2012), como indica a Figura 6. Em escala local, entretanto, observou-se a existência de adensamentos de muitas espécies de palmeiras intercaladas aos elementos arbóreos, que formam um dossel superior uniforme e contínuo. Assim, é possível afirmar que em grande parte, a vegetação da área da RPPN pode ser classificada como Floresta Ombrófila Aberta, com Formação Submontana e Sub-formação com Palmeiras, o que está em acordo com com a classificação do Radam Brasil (BRASIL, 1980), apesar deste utilizar uma escala de mapeamento maior.



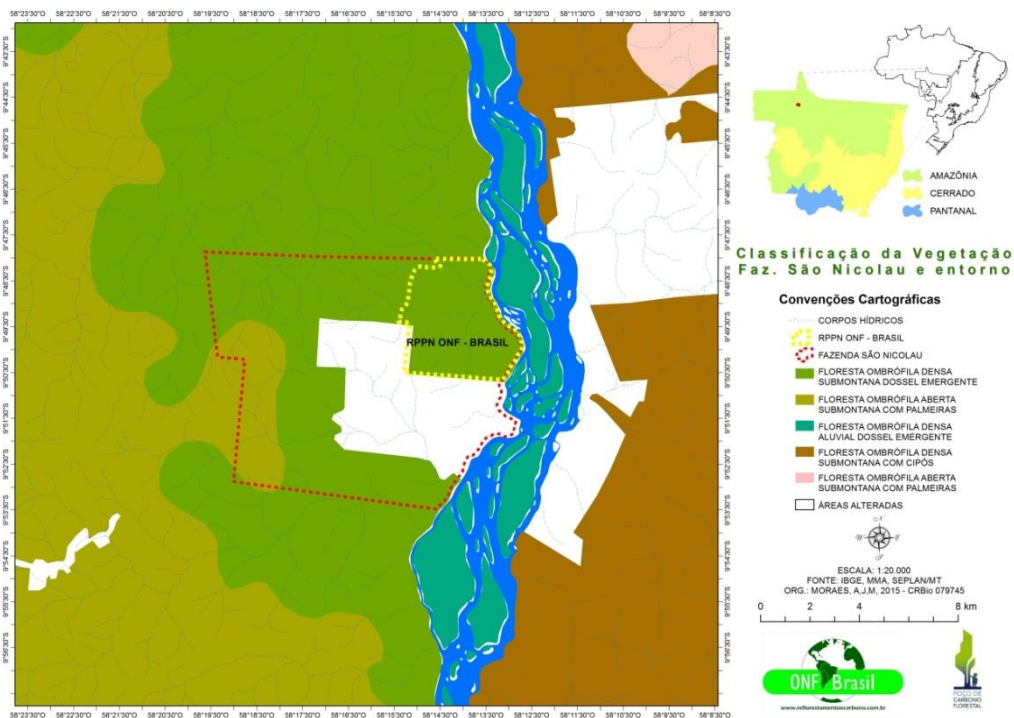


Figura 6 - Mapa de vegetação da Fazenda São Nicolau, RPPN Peugeot-ONF Brasil e entorno, Cotriguaçu, MT.

Em campo foi verificado um elevado número de palmeiras, tanto em densidade como em espécie. As principais palmeiras verificadas na RPPN foram: babaçu (*Orbignya* sp.), buriti (*Mauritia flexuosa*), buritirana (*Mauritiela aculeata*), injá (*Maximiliana maripa*), patuá (*Oenocarpus bataua*), paxiúba (*Iriartea* sp.), tucum (*Astrocaryum aculeatum*), sete-perna (*Socratea exorrhiza*), açaí (*Euterpe oleraceae*) e palmito (*Euterpe precatoria*). A ocorrência de determinadas espécies de palmeiras reflete o grau de encharcamento do solo, onde o açaí (*Euterpe oleraceae*), o buriti (*Mauritia flexuosa*) e a buritirana (*Mauritiela aculeata*) (Fig. 7) refletem os ambientes sob maior influência hídrica, nas áreas mais baixas e/ou próximos aos cursos de água.

Entre as arbóreas, estão em maior densidade as seguintes espécies: amescla-aroeira (*Protium robustum*), cega-corrente (*Maquira calophylla*), flor-de-paca (*Eschweilera ovata*), embaúba (*Cecropia* sp.), cacau (*Theobroma cacao*), sucupira-preta (*Bowdichia virgiloides*), peroba-cupiúba (*Goupia glabra*), três-folhas (*Vitex* sp.), roxinho (*Dialium guianense*), canela-fedida (*Nectandra cissiflora*), escova-de-macaco (*Apeibati bourbou*), angelin-pedra (*Dinizia excelsa*) (COLPINI *et al.* 2008).

Encontra-se também na RPPN uma pequena mancha de Floresta Estacional Decidual sobre áreas de relevo mais dissecado, com a presença de espécies como: angico (*Anadenanthera perigrina*), paricá (*Schizolobium amazonicum*), canela-de-cotia (*Mouriri* sp.), leitera (*Sapium aureum*), angiconjoleiro (*Acacia lorentensis*) e jaracatiá (*Jacaratia spinosa*).

Das parcelas amostradas na fazenda São Nicolau, foram inventariadas 211 espécies de árvores identificadas pelo menos até o nível de gênero, distribuídas em 51 famílias. A família Fabaceae é a mais rica, com 39 espécies, seguida de Moraceae (16 espécies), Arecaceae (10 espécies), Lauraceae, Rubiaceae e Sapotaceae (9 espécies), Burseraceae, Euphorbiaceae e Malvaceae (8 espécies) e Myrtaceae (7 espécies) (ANEXO 1).

A revisão de Nelson e Oliveira (2001) para várias regiões de mata de terra firme e matas periodicamente inundadas da amazônia mostrou Leguminosae (*lato sensu*) como a família mais abundante, tendo as demais famílias aqui citadas elevada riqueza nestes diversos estudos realizados na Amazônia. Várias espécies apresentam um bom valor econômico madeireiro de interesse comercial destinado à serraria e laminação, enquanto outras, ótimo valor para o aproveitamento extrativista (cacau, cajueiro, castanheira, caucho, copaíba, figueira, quina, seringueira, cajá, babaçu, açaí e demais palmeiras) (BRASIL, 1980; COLPINI *et al.* 2008). Na lista oficial do Ibama sobre a flora brasileira ameaçada de extinção *Bertholletia excelsa* (castanheira) e *Swietenia macrophylla* (mogno) são citadas como ameaçadas de extinção.

A listagem para a flora herbácea na fazenda São Nicolau conta com 40 espécies terrestres, sendo a família Marantaceae a mais rica, com 8 espécies, seguida de Pteridaceae, com 6 espécies (PAIXÃO, 2010) (ANEXO 2 e Fig. 8).

No levantamento realizado na São Nicolau, a família Pteridaceae foi a mais abundante, sendo que as espécies *Adiantum lucidum* e *Adiantum argutum* apresentaram maior densidade nas parcelas, com 1394 e 871 indivíduos, respectivamente. A abertura do dossel foi o principal preditor na distribuição de abundância das espécies de herbáceas terrestres (PAIXÃO, 2010). A sororoca (*Phenakospermum guyanense*), da família Strelitziaceae, marca o subosque os ambientes com maior influência hídrica.

Marantaceae é tida como uma das famílias mais importantes em herbáceas terrestres no neotrópico, com cerca de 550 espécies em 31 gêneros, sendo *Calathea* o mais importante (RIBEIRO *et al.* 1999). No estudo realizado por Costa (2004) na Amazônia central, esta família foi a mais rica (12 espécies), seguida de Pteridaceae (11 espécies). Marantaceae foi dominante em determinados ambientes, dada sua elevada cobertura, entretanto, Pteridaceae apresentou um maior número de indivíduos.

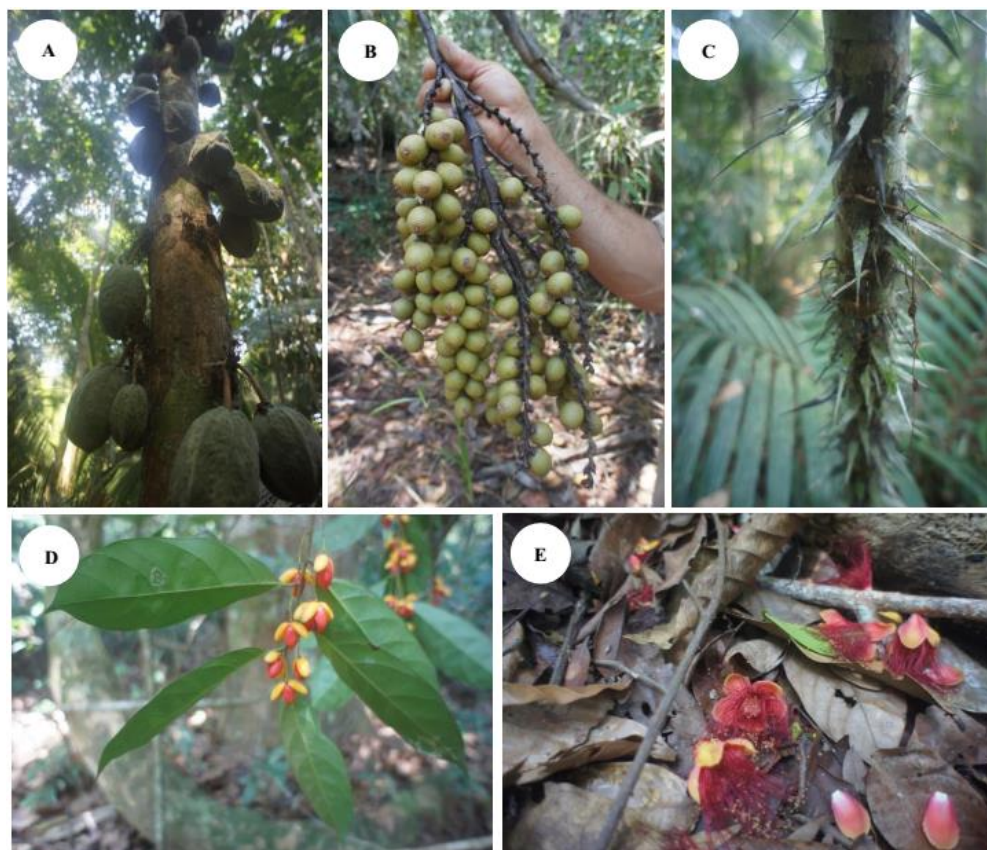


Figura 7 - A) *Theobroma* sp.; B) *Mauritiella aculeata*; C) *Astrocaryum aculeatum*; D) *Virola* sp.; E) *Caryocar glabrum*, fazenda São Nicolau, Cotriguaçu-MT. (Fotos: Luciana Rebellato).



Figura 8 - A) *Trichomanes vittaria*; B) *Trichomanes pinnatum*; C) *Adiantum dolosum*; D) *Adiantum obliquum*; E) *Calathea zingiberina*; F) *Selaginella amazonica*; G) *Olyra latifolia*; H) *Costus scaber*, fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT. Fotos gentilmente cedidas por Eliana Paixão.

## **2.5 – Fauna**

Aqui serão apresentados resultados de estudos sobre a riqueza de diferentes grupos dos diagnósticos realizados na Fazenda São Nicolau. Para maiores detalhes consultar o livro “Descobrimo a Amazônia Meridional: biodiversidade da Fazenda São Nicolau” (RODRIGUES *et al.* 2011).

### **2.5.1 - Invertebrados**

#### **Diplopodas (Myriapoda, Arthropoda)**

No inventário de diplopoda realizado por Batirolla *et al.*(2011) foram coletadas 20 espécies, distribuídas em quatro ordens (Polydesmida, Spirobolida, Spirostreptida e Polyxenida), nove famílias (Aphelidesmidae, Chelodesmidae, Paradoxosomatidae, Pyrgodesmidae, Spirobolidae, Rhinocricidae, Spirostreptidae, Pseudonannolenidae e Polyxenidae) e 19 gêneros (ANEXO 3).

A fauna de Diplopoda deste estudo foi considerada típica da Amazônia, entretanto, os autores ressaltam a necessidade de se aprimorar não apenas o conhecimento taxonômico, mas também biológico das espécies. Sendo assim, a amostragem de áreas ainda não estudadas como a Amazônia mato-grossense foi considerada de fundamental importância.

#### **Abelhas Euglossine**

Neste inventário realizado por Anjos-Silva (*et al.* 2011) foram catalogadas 20 espécies, distribuídas em quatro gêneros (ANEXO 4): *Eulaema* (4 espécies), *Euglossa* (13 espécies), *Exaerete* (2 espécies) e *Eufriesea* (1 espécie). Com esse estudo, o autor verificou que *Eufriesea pulchra* teve aumento de sua amplitude de distribuição na bacia Amazônica, de Manaus e Belém a Cotriguaçu, respectivamente (de 900 a 1500 km). Sua distribuição geográfica também foi ampliada da Bacia Amazônica até a Bacia Platina, em mais de 2000 km, quando coletada no Parque Nacional Chapada dos Guimarães.

#### **Rola bosta (Insecta: Coleoptera: Scarabaeidae: Scarabaeinae)**

No inventário realizado por Vaz-de-Mello *et al.* (2011) coletou-se 118 espécies de Scarabaeinae, distribuídas em oito tribos (Ateuchini, Canthonini, Coprini, Demarziellini, Epilissini,

Oniticellini, Onthophagini, Phanaeini) e 27 gêneros (ANEXO 5 e Fig. 9). Segundo os autores, das 49 foram identificadas em nível de espécie e 25 tinham ocorrência desconhecida para Mato Grosso. O restante corresponderia a grupos que necessitam revisões taxonômicas, ou a espécies ainda não descritas.

Os autores ressaltam que o número de espécies foi elevado, considerando-se que este foi um estudo de levantamento rápido. Segue-se abaixo os novos registros, novos reportes e prováveis espécies novas para Mato Grosso reveladas por este estudo:

Os novos registros de espécies foram: *Ateuchus murrayi*, *Ateuchus connexus*, *Besourengha horacioi*, *Canthon proseni*, *C. bimaculatus*, *C. luteicollis*, *C. semiopacus*, *Coprophanaeus jasius*, *C. degallieri*, *Deltochilum carinatum*, *D. enceladum*, *D. amazonicum*, *Dichotomius carinatus*, *D. imitator*, *D. mamilatus*, *D. robustus*, *D. worontzow*, *Eurysternus vastiorum*, *Ontherus carinifrons* e *Oxysternon conspicillatum*.

Os gêneros de primeiro reporte para o Estado foram: *Cryptocanthon*, *Sinapisomae* *Trichillidium*, tendo o último duas espécies novas, certamente.

As novas espécies e/ou prováveis espécies novas são: *Ateuchus* sp.7 e *Deltorhinum* sp. Os gêneros *Urox*, duas espécies novas e *Anomiopus*, quatro espécies novas. *Canthidium* aff. *bokermanni* e *Dichotomius* aff. *fissus*, são certamente novas e *O. appendiculatus* aparentemente nova.



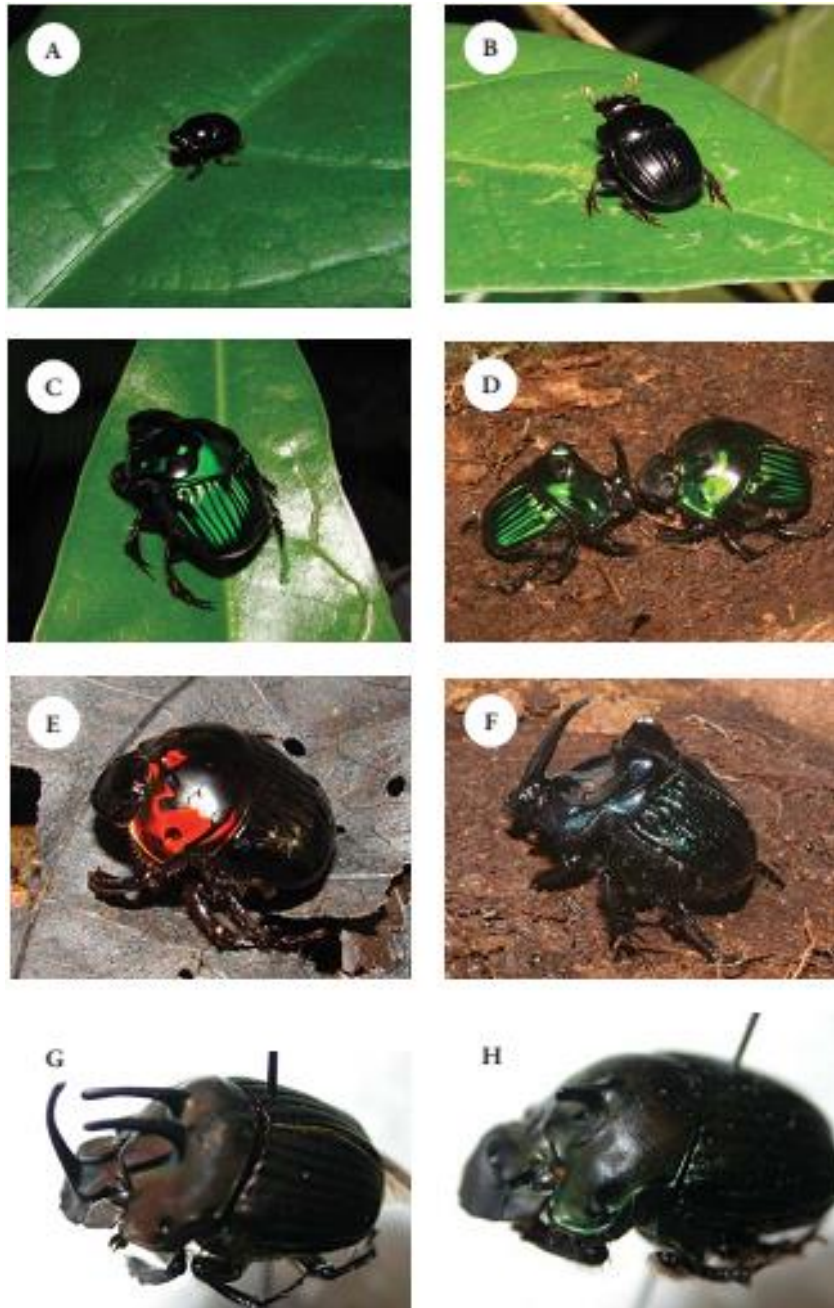


Figura 9 - A) *Ateuchus* aff. *striatulus*, sobre folha; B) *Canthidium* aff. *thalassinum*, sobre folha; C) *Oxysternon conspicillatum*, fêmea, sobre folha; D) *O. conspicillatum*, macho a esquerda e fêmea a direita; E) *Oxysternon macleayi*, fêmea; F) *Coprophana euslancifer*, fêmea; G) *Phanaeus bispinus*, macho; H) *P. bispinus*, fêmea. Fotos: A-C, E: Roberto Silveira; D,F: Domingos Rodrigues; G-H: Fernando Vaz-de-Mello (Prancha de fotos retirada de Rodrigues *et al.* 2011).

## **Formigas (Hymenoptera: formicidae)**

No inventário realizado por Monteiro *et al.* (2011) em diferentes ambientes da fazenda São Nicolau, foram coletadas 72 espécies (ANEXO 6), com apenas nove espécies encontradas tanto em solo de florestas nativas, quanto no solo de reflorestamentos de Teca, sendo estas: *Cephalote spellans* De Andrade, 1999, *Crematogaster* sp1, *Cyphomyrmex* sp3, *Hypoconera* sp2, *Nylanderia* sp2, *Pheidoles* sp1, *Pheidoles* sp2, *Solenopsis* sp1, *Solenopsis* sp2. Dessas, apenas três foram também encontradas no estrato sub-arbóreo na floresta nativa (*C. pellans*, *Crematogaster* sp1, *Solenopsis* sp2).

Os autores ressaltam que a floresta nativa da região é importante para a conservação das espécies de formigas, e de que há evidências de diferenças tanto na composição, quanto no número de espécies de formigas, entre as áreas de reflorestamento e de floresta nativa.

## **2.5.2 – Vertebrados**

### **Ictiofauna**

#### **Caracterização dos igarapés amostrados:**

Carvalho *et al.* (2011) caracterizaram sete igarapés da Fazenda São Nicolau, tanto em áreas de floresta nativa quanto em pastagens, sendo dois de 1ª ordem e cinco de 2ª ordem.

Os igarapés foram assim caracterizados pelos autores: largura média com variação entre 1,44 e 4,62 m e profundidade média entre 0,09 a 0,42 m. A velocidade média entre 0,06 e 0,46 m/s e vazão oscilando entre 0,05 e 0,24 m<sup>3</sup>/s. O leito coberto predominantemente por areia (50,1%), seixos (11,6%) e liteira grossa (11,4%). Nas áreas de pastagem, cobertura vegetal próximo de zero, e em áreas de floresta nativa cobertura vegetal média de 92,2% (entre 91,2% e 93,3%). As águas apresentaram valores de pH ácido (entre 3,61 e 5,10) e bastante oxigênio dissolvido (entre 6,1 e 8,8 mg/L). A temperatura média foi de 25,8 °C, com variação entre 24,7 e 27,7°C, e com o maior e menor valor registrados nos igarapés situados em áreas de floresta nativa.

Carvalho *et al.* (2011) coletaram 582 indivíduos de peixes, distribuídos em 6 ordens, 16 famílias e 51 espécies. Characiformes foi a ordem dominante, com 29 espécies (61,1%), seguida da ordem Siluriformes, com 16 espécies (29,6%), Gymnotiformes e Perciformes, ambas com duas espécies cada (4,08%) (ANEXO 7 e 7.1 e Fig. 10).

Segundo os autores, este estudo e as coletas adicionais apontam elevada riqueza em espécies (60) nos igarapés da Fazenda São Nicolau, entretanto, ressaltam que há carência de pesquisas na região, que está sujeita a impactos relacionados ao desmatamento e urbanização. Como em outros grupos inventariados na região, há ainda a possibilidade de alguns gêneros representarem novas espécies, como estudo o realizado por Ingenito *et al.* (2011), que descreveu uma nova espécie de *Hyphessobrycon*, o *H. peugeoti*, coletado em um tributário do rio Juruena localizado na fazenda São Nicolau.



Figura 10 - Igarapés estudados e espécies de peixes capturadas na Fazenda São Nicolau. A) igarapé em área com vegetação de entorno preservada; B) igarapé em área de pastagem; C) *Farlowella* sp.; D) *Erythrinus erythrinus*; E) *Hypoptomatinae* gen. n. sp. n.; F) *Corydoras* cf. *polistictus*; G) *Megalechispicta*; H) *Hyphessobrycon* aff. *heliacus*. (Prancha de fotos retirado de Rodrigues *et al.* 2011).



## Anfíbios

Rodrigues *et al.* (2011) registraram 45 espécies de anuros, distribuídas em nove famílias, além de uma espécie de gimnofiona (*Caecilia* sp.). Hylidae foi a família mais abundante (20 espécies), seguida de Leptodactylidae (9), Bufonidae (5), Strabomantidae e Microhylidae (3), Aromobatidae e Leiuperidae (2), Centrolenidae e Cycloramphidae (1) (ANEXO 8 e Fig. 11).

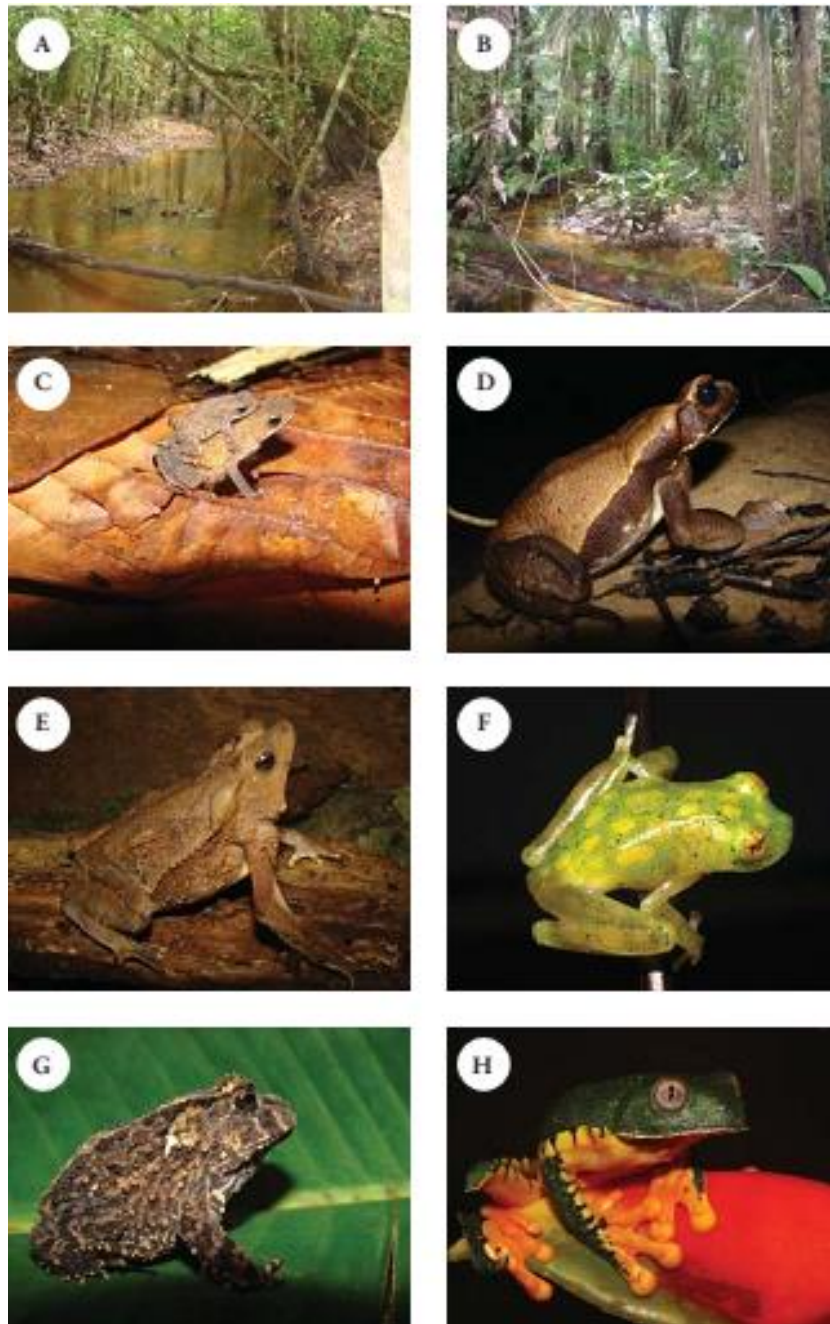


Figura 11 - Ambientes de coleta e espécies coletadas em Cotriguaçu, MT. Pequenos córregos no interior da floresta (A e B); *Dendrophryniscus minutus* (C), *Rhaebo guttatus* (D), *Rhinella* cf. *margaritifera* (E), *Hyalinobatrachium crurifasciatum* (F), *Proceratophrys concavitympanum* (G), *Cruziohyla craspedopus* (H). Fotos de Ricardo A. Kawashita-Ribeiro (E e H). As outras fotos são dos autores (Prancha de fotos retirado de Rodrigues *et al.* 2011).

As espécies *Cruziohyala crapedopus* e *Hyalinobatrachium crurifasciatum* foram registradas pela primeira vez para o estado de Mato Grosso e para o Brasil, respectivamente. Assim como, houve ampliação na distribuição de *Phyllomedusa camba* (RODRIGUES *et al.* 2011).

Neste estudo, a grande maioria das espécies da fazenda São Nicolau foi encontrada em área de floresta nativa (57,45 %), mas 36,15 % foram encontradas em áreas abertas e 6,40 % em ambas as áreas. Segundo os autores, o número de espécies registradas na Fazenda São Nicolau pode ser considerado alto.

Outro estudo de importância na região foi o de descrição de uma nova espécie, *Amazophrynella vote* sp. nov., realizado por Ávila *et al.* (2012).

### **Répteis Escamosos (Reptilia, Squamata)**

No inventário realizado por Kawashita-Ribeiro *et al.* (2011) foram coletados 79 indivíduos de répteis escamosos, distribuídos em oito famílias de lagartos (52 indivíduos) e três famílias de serpentes (27 indivíduos). Com a utilização de dados primários e secundários, os autores obtiveram a riqueza em espécies para região de duas espécies de cobras-de-duas-cabeças, 35 espécies de lagartos e 78 espécies de serpentes (ANEXO 9 e Fig. 12).

Em campo, registraram 18 espécies de lagartos, 14 de serpentes e nenhuma de cobra-de-duas-cabeças. Relataram a ampliação da distribuição geográfica da espécie *Thammodynastes rutilus* para o noroeste do Brasil (cerca de 1300 km) e espécies com potencial ocorrência (nove espécies de serpentes peçonhentas, quatro Elapidae e cinco Viperidae).

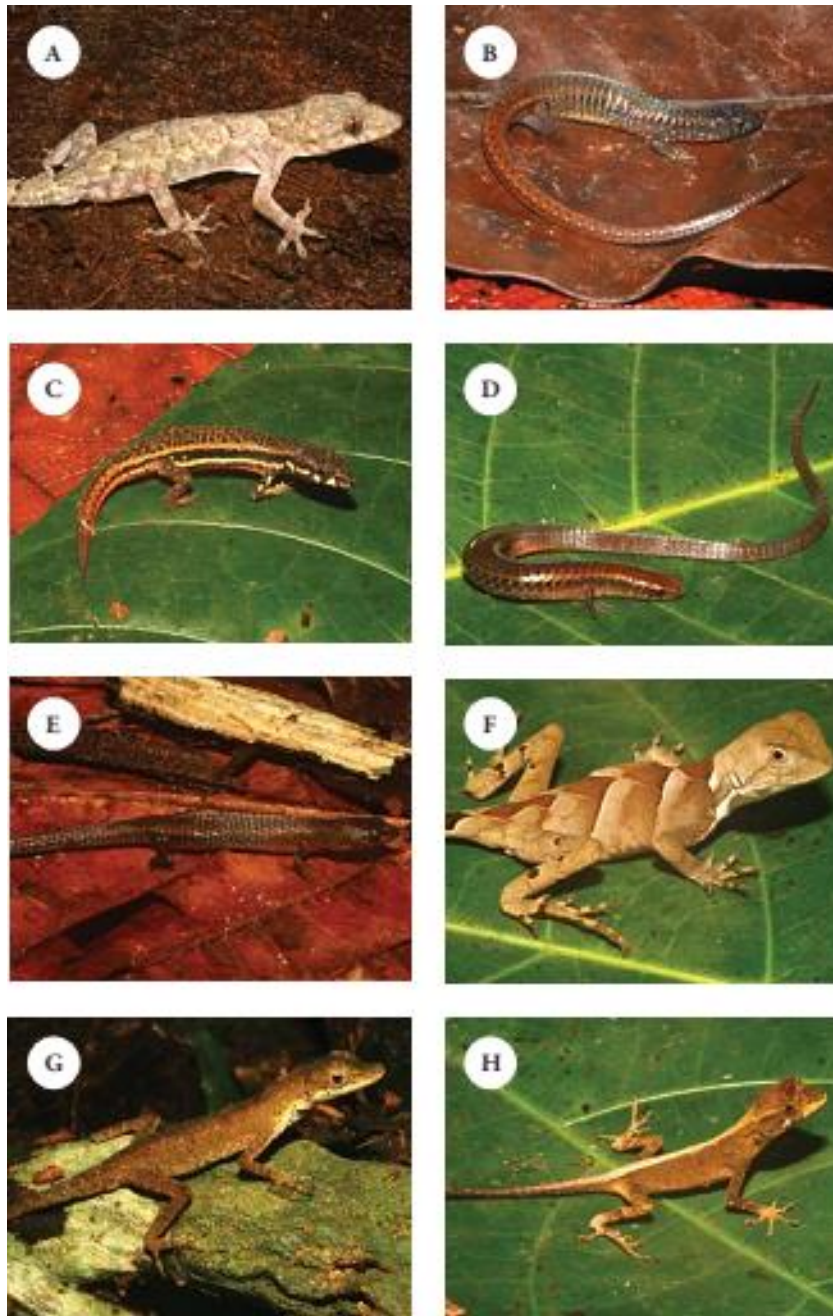


Figura 12 - Espécies de lagartos encontrados na Fazenda São Nicolau: (A) *Hemidactylus mabouia*, (B) *Arthrosaura reticulata*, (C) *Cercosaura eigenmanni*, (D) *Iphisa elegans*, (E) *Leposoma osvaldoi*, (F) *Enyalius leechii*, (G) *Anolis fusco auratus*, (H) *Anolis niten* (Prancha de fotos retirado de Rodrigues *et al.* 2011).

### Avifauna

Este estudo de Oliveira *et al.* (2011) resultou numa lista de 397 espécies de aves distribuídas em 73 famílias (ANEXO 10 e Fig. 13). As espécies foram categorizadas da seguinte forma:

### **Espécies ameaçadas de extinção**

Nesta categoria o estudo verificou apenas a ocorrência do gavião-pato (*Spizaetus melanoleucus*) na fazenda São Nicolau. Três espécies potencialmente ameaçadas foram observadas: o gavião-vaqueiro (*Leucopternis kuhli*), o gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*), aves de topo de cadeia ameaçadas pela destruição dos seus habitats, e o mutum-cavalo (*Pauxi tuberosa*), cuja principal ameaça é pressão de caça na região (OREN, 2001, citado por OLIVEIRA *et. al.* 2011).

### **Espécies migratórias**

Duas aves de rapina oriundas do hemisfério norte ocorreram na área da Fazenda São Nicolau: o falcão peregrino (*Falco peregrinus*) e a águia-pescadora (*Pandion haliaetus*), entre outras aves de rapinas migratórias já registrados para a Amazônia matogrossense. Entre os caradriídeos, apenas o maçarico-solitário (*Tringa solitaria*) foi observado nas margens de lagos localizados nas pastagens da Fazenda. Outras aves observadas foram: o gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*) e o príncipe (*Pyrocephalus rubinus*) dentre outros.

### **Espécies endêmicas**

Nesta categoria foi registrada apenas o jacamin-de-costa-verde (*Psophia viridis*) na fazenda São Nicolau. Os autores relatam que as maiores ameaças para esta espécie são a destruição do seu habitat e o consumo pelas populações humanas locais.

### **Espécies de áreas abertas do cerrado na Amazônia.**

Foram registradas algumas espécies de aves que aproveitaram a perturbação antrópica, como o desmatamento, para expandir a sua distribuição geográfica. Apesar do reflorestamento da Fazenda São Nicolau, os autores registraram aves típicas de áreas abertas como o anu-branco (*Guira guira*), o anu-preto (*Crotopha gaani*), a rolinha roxa (*Columbina talpacoti*), a coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*) e uma espécie exótica do Brasil, como o pardal (*Passer domesticus*) e a garça-vaqueira (*Bubulcus ibis*), oriunda da África, mas ocorrente em toda a América onde há a criação de gado.

### **Espécies raras ou com distribuições restritas**

Neste estudo foram registradas cinco espécies raras ou com distribuição restrita: a azulona (*Tinamus tao*) e o tiriba-de-barriga-vermelha (*Pyrrhura perlata*), ambos com distribuição entre o rio Madeira ao Maranhão (SICK 1997; OREN 2001, citados por OLIVEIRA *et al.* 2011). O arancuã-pintado (*Ortallis guttata*), com distribuição do oeste do Amazonas até o Negro e Tapajós, e o beija-flor besourão-de-bico-grande (*Phaethornis malaris*), com ocorrência do rio Negro ao Amapá e o bate-



para (*Attila bolivianus*). Os autores relatam a ampliação da distribuição geográfica destas aves, alertando para o desconhecimento da distribuição da nossa avifauna por falta de estudos na região.



Figura 13 - A) Arara Vermelha Grande (*Ara chloropterus*) com ninho próximo a plantação de teca; B) araracanga (*Ara macao*); C) gavião-belo (*Busearellus nigricollis*); D) socozinho (*Butorides striata*), E) anambé-pombo (*Gymnoderus foetidus*); F) Chora-chuva-preto (*Monasa nigrifrons*); G) maçarico-solitário (*Tringa solitaria*); H) o mítico uirapuru verdadeiro (*Cyphorhinus arada*) este indivíduo foi capturado na mata ciliar do Juruena (Fotos: Dalci Oliveira) (Prancha de fotos retirado de Rodrigues *et al.* 2011).

### Pequenos mamíferos não-voadores

Semedo *et al.* (2011) capturaram 22 indivíduos de 10 espécies de pequenos mamíferos não-voadores, sendo sete destes de quatro espécies da ordem Didelphimorphia e 15 de seis espécies da

ordem Rodentia. Três indivíduos foram capturados manualmente, e uma espécie de marsupial foi registrada por entrevista a um funcionário local, o que totalizou 25 indivíduos e 11 espécies registrados (ANEXO 11 e 11.1 e Fig. 14). Segundo os autores, este inventário deve ser considerado preliminar para a fazenda São Nicolau, já que são esperadas 31 espécies de marsupiais e pequenos roedores para a Amazônia mato-grossense (Dados complementares), entretanto, apenas 35,5 % das espécies deste grupo foram representadas no presente estudo.



Figura 14 - A) *Marmosops noctivagus*; B) *Marmosops* gr. *parvidens*; C) *Metachirus nudicaudatus*; D) *Monodelphis* sp. n.; E) *Neacomys spinosous*; F) *Oecomys bicolor*; G) *Hylaeamys megacephalus*; H) *Proechimys* sp. (Prancha de fotos retirado de Rodrigues *et al.* 2011).



## Mamíferos de médio e grande porte

Miranda *et al.* (2011) registraram 34 espécies de mamíferos de médio e grande porte, com três cingulados, dois pilosos, oito primatas, um lagomorfo, 11 carnívoros, um perissodáctilo, quatro artiodáctilos e quatro roedores (ANEXO 12 e 12.1 e Fig. 15).



Figura 15 - A) Jovem de *Tayassu pecari* (queixada); B) Rastros de *Hydrochoerus hydrochaeris* (capivara); C) Rastro de *Panthera onca* (onça-pintada); D) Rastros de *Dasypus novemcinctus* (tatu-galinha); E) Toca de *Dasypus* sp. (tatu); F) *Lagothrix lagotricha cana* (macaco-barrigudo); G) *Tapirus terrestris* (anta) sendo registrada em armadilha fotográfica; H) Pesquisador observando rastros de mamífero ao longo de estrada de terra. Foto A gentilmente cedida por Dalci Oliveira. (Prancha de fotos retirado de Rodrigues *et al.* 2011).

## Conservação

Segundo os autores, das 34 espécies registradas neste estudo, 13 estão incluídas na Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (MMA, 2003, citado por MIRANDA *et al.* 2011) e/ou na Lista Vermelha das Espécies Ameaçadas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, 2009, citado por MIRANDA *et al.* 2011). E ainda, que 18 espécies registradas neste estudo podem ser consideradas alvo de atividades de caça (BODMER *et al.* 1997; PERES, 1990, citados por Miranda *et al.* 2011).

Os autores também entrevistaram a população de um assentamento rural do entorno. Todos os entrevistados relataram a predação de bovinos e caprinos por felinos de grande porte, tais como *P. onca* (onça-pintada) e *P. concolor* (onça-parda), e reivindicam ações por parte dos órgãos ambientais.

Os autores argumentam que estudos ou programas com assessoria técnica para diminuir a predação do rebanho das proprietários de médio porte são de grande importância para a região da Fazenda São Nicolau e entorno, com vistas a atenuação de conflitos locais e a preservação das populações locais de felinos de maior porte.

### 2.6 - Caracterização da Propriedade

A Fazenda São Nicolau possui 10.287,4816 hectares com cobertura vegetal nativa predominante de Floresta Ombrófila Densa, Submontana com Dossel Emergente e a Floresta Ombrófila Aberta, com Formação Submontana e Sub-formação com Palmeiras, tendo a ocorrência em menor escala da Floresta Estacional Decidual em determinadas morros do terreno. Deste total de floresta nativa, 1.781,30 hectares de floresta nativa foram destinados à RPPN Peugeot-ONF Brasil e o restante ao manejo florestal.

Antes da aquisição pela Peugeot em 1999, a atividade pecuária era a principal fonte econômica da fazenda São Nicolau. A partir daí, com financiamento do projeto Poço de Carbono Florestal-ONF Brasil, iniciou-se um reflorestamento misto de aproximadamente 2000 hectares de áreas abertas, anteriormente utilizadas como pastagens. A maior parte do plantio foi finalizada entre 2003 e 2004, com replantios de mudas em quase todos os anos, desde essa data.

Os atuais 85 talhões reflorestados são variados, em termos dos arranjos das espécies, espaçamentos e espécies utilizadas (49 espécies nativas e 2 exóticas). Há talhões homogêneos com espécie exótica, como a *Tectona grandis* (teca) (ARRUDA *et al.* 2010).



O gado ainda está presente na propriedade, mesmo nas áreas de reflorestamento, pois com os pastejo dos animais o material combustível (biomassa de gramíneas) é reduzido, diminuindo os riscos de incêndios. Vale ressaltar que o número de cabeças deste sistema agropastoril vem diminuindo com o passar do tempo, devido ao sombreamento das árvores, em função do crescimento.

A área com possibilidade para criação de gado é arrendada para pecuaristas da região, o recurso obtido é utilizado na receita do Projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil (SILVEIRA, 2011).

A Reserva Legal da propriedade possui 8.231,0997 hectares (ARL), sendo que 362,3911 hectares foram para complementação da compensação (Tab. 3). A área aberta que possui a infraestrutura na propriedade é de 8,4977 hectares.

As Áreas de Preservação Permanente Degradadas (APPD's) tem 120,47 hectares e estão em recuperação, em consonância com Termo de Ajustamento de Conduta (TAC nº 8607/2012), objetivando a recomposição das APPD's num horizonte de 10 anos, sendo assim 12 hectares anuais.,

Instituições de pesquisa e ensino, como a UFMT-Sinop e a EMBRAPA Agrossilvipastoril, atuam na Recuperação das APPD's da propriedade, gerando conhecimento e informações replicáveis a outros produtores, que deverão conduzir esse tipo de atividade, após aprovação do Código Florestal.

O projeto "Implantação de Estratégias de Restauração de Matas Ciliares no Noroeste de Mato Grosso" (aprovado pela FAPEMAT), com a participação de pesquisadores da UFMT e EMBRAPA, deverá fornecer subsídios para a indicação de espécies nativas em projetos de restauração ecológica de APPs de cursos de água degradadas no Noroeste do Estado de Mato Grosso.

Tais indicações tem como subsídio a caracterização florística e fitossociológica de áreas ripárias em estágio avançado, mediano e com baixa ou nenhuma expressão da regeneração natural; registro fenológico das espécies inventariadas ao longo das campanhas de campo no período do projeto; e avaliação e monitoramento inicial de um experimento com cinco estratégias de restauração de APP's degradadas no noroeste de Mato Grosso (DAHER, 2014).

Tabela 3- Resumo de informações sobre o uso e ocupação do solo da Fazenda São Nicolau de acordo com o licenciamento ambiental (LAU).

<b>Legenda (ha)</b>	<b>Matrícula</b>	<b>Matrícula</b>	<b>Total</b>
Área da Propriedade Rural por	5392,0306	4895,4510	10287,4816

Matrícula			
Área de Reserva Legal	4314,7342	3553,9744	7868,7086
Área de Reserva Legal Compensada	362,39	0,00	362,39
Área explorada	668,78	1332,9789	2001,7589
Área de Atividade e Infraestrutura	0,00	8,4977	8,4977
Área remanescente	46,1259	0,00	46,1259
Área de Preservação Permanente	629,5274	611,7284	1241,2558
Área de Preservação Permanente em Reserva Legal	557,1410	534,7640	1091,9050
Área de Preservação Permanente em Área de Remanescente	28,8725	0,00	28,8725
Área de Preservação Permanente em Área que possui infra-estrutura	0,00	0,8628	0,8628
Área de Preservação Permanente Degradada	43,5139	76,1016	119,6155
Área da Propriedade Rural Total			10287,4816

## 2.7 – Visitação

As visitas à Fazenda São Nicolau estão relacionadas com as atividades de pesquisa científica sobre biodiversidade, carbono e silvicultura, vinculadas a diferentes instituições de pesquisas.

A partir de 2002, iniciaram as atividades de integração com a população do entorno com o projeto de Educação Ambiental, apoio aos coletores de castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*) e com o projeto de assistência técnica para implantação de Sistemas Agroflorestais, ambos desenvolvidos no Assentamento Juruena.

As atividades de educação ambiental com alunos do entorno demanda dias de campo, cuja intenção é o compartilhamento de conhecimentos gerados pelas atividades de recuperação e de conservação do projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil. Os jovens e crianças tem uma vivência plena na fazenda São Nicolau.

Ocorrem de duas formas de visitas: as subsidiadas pelo Plano de Pesquisa Anual, deliberado pelo COPIL (Coordenação de Pilotagem) e CCT (Conselho Científico e Técnico) do projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil e as não-subsidiadas, ou seja o visitante/pesquisador assume os custos com hospedagem, alimentação e deslocamento.

O agendamento ocorre antecipadamente, sendo a solicitação pode ser por email e posteriormente formalizada. Dessa forma, as visitas à RPPN deverão seguir o mesmo protocolo para o agendamento das atividades desenvolvidas em sua área.

## **2.8 - Pesquisa e Monitoramento**

As atividades de pesquisas e monitoramento formam um forte componente dentre as atividades desenvolvidas na Fazenda São Nicolau. Foram realizadas diversas atividades de pesquisa e monitoramento em parcerias com instituições de pesquisa como a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), a Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), e o Instituto de Pesquisa da Amazônia (INPA), sobre diversos enfoques, como biodiversidade animal e vegetal, estoque de carbono e reflorestamento e silvicultura, que têm gerado monografias de conclusões de cursos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como diversas publicações em revistas científicas.

Importante salientar que todos os projetos de pesquisas apresentados ao projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil necessitam da aprovação do coordenador científico do projeto.

Antes da criação da RPPN Peugeot-ONF Brasil foram realizados levantamentos em parcelas para a avaliação das potencialidades florestais e destinação de usos (COLPINI *et al.* 2008). A partir da aprovação do Plano de Manejo pela SEMA-MT as pesquisas focarão na produção de conhecimento dos componentes bióticos e abióticos da RPPN, embasando este documento. A RPPN será um cenário comparativo (controle) entre a floresta com manejo e floresta plantada.

## **2.9 - Ocorrência de Fogo**

Há registros de dois incêndios na Fazenda São Nicolau. O primeiro ocorreu em 2002, nos talhões de reflorestamento 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, e o segundo em 2012, nos talhões 39 e 40, e parte do 41a. Os métodos de prevenção são a construção de aceiros e manutenção a de estradas. A contenção é realizada com uso de trator para aceiros, contra fogo, combate direto com pipa e equipamentos manuais de abafamento. Na área da RPPN não houve registro de incêndios e/ou queimadas, sendo aplicadas as mesmas técnicas de prevenção citadas acima.

## **2.10 - Atividades Desenvolvidas na RPPN**

Não houve atividades de qualquer tipo na área da RPPN Peugeot-ONF Brasil, após sua regularização junto à Secretaria Estadual de Meio Ambiente em 02 de junho de 2010 pela Portaria nº

074. Aguarda-se seu Plano de Manejo para a realização de visitas, pesquisas entre outras atividades. Entretanto, as medidas de controle a incêndios são realizadas anualmente.

### **2.11 - Sistema de Gestão**

A gestão da RPPN dar-se-á pela ONF Brasil, assim como a gestão do Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil. Desta forma, inicialmente, um dos funcionários do projeto terá atribuições técnicas e administrativas para com RPPN. Da mesma forma, o efetivo de auxiliares de campo, que desenvolvem as atividades de fiscalização e manutenção de trilhas e aceiros da Fazenda São Nicolau, continuem a executar estas atividades na área da RPPN e entorno.

É conveniente que a pessoa que exercerá funções técnicas e administrativas da RPPN, assim como todo o pessoal da Fazenda São Nicolau recebam informações sobre o seu caráter conservacionista e a responsabilidade da ONF Brasil em relação à área protegida.

### **2.12 - Pessoal**

O projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil conta com uma equipe de 11 funcionários, sendo composta por uma diretora, um pesquisador, uma auxiliar administrativa, todos residentes em Cuiabá. Os demais funcionários residem na fazenda São Nicolau, contando com um engenheiro florestal que coordena as atividades silviculturais em campo, um coordenador operacional de campo, uma supervisora de logística, dois peões para manejo do gado, dois auxiliares de campo que atuam nas atividades de silvicultura e manejo de estradas e aceiros, e uma auxiliar de limpeza e cozinha.

### **2.13 - Infraestrutura**

A fazenda São Nicolau possui 01 escritório (03 salas); 01 oficina mecânica; 01 casa para os técnicos (03 quartos); 01 casa para hóspedes (03 quartos); 02 alojamentos (10 quartos, com capacidade para 70 pessoas); 01 cozinha; 01 refeitório; 01 auditório; 02 casas para funcionários; 01 pista de pouso para aeronaves, devidamente regularizada (Fig. 16). Toda infraestrutura da propriedade se encontra em bom estado de conservação. Os resíduos da propriedade são acondicionados em sacos plásticos e recolhidos pelos funcionários e seu destino é o aterro sanitário do município de Cotriguaçu. A

infraestrutura será disponibilizada para a gestão, pesquisa, monitoramento e atividades de visitas à RPPN.

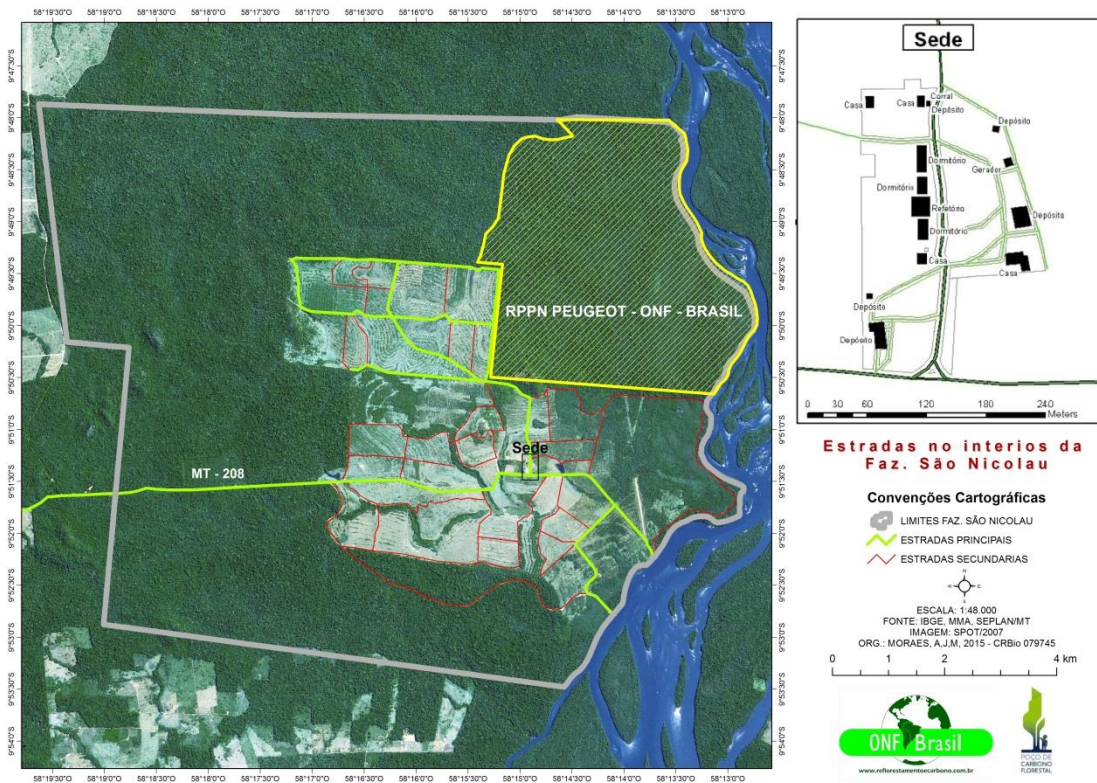


Figura 16- Localização da Infraestrutura da sede da fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT.

## 2.14 - Equipamentos e Serviços

O projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil possui 01 veículo F350, 01 4X4 L200 TRITON, 01 4X4 L200 SAVANA (Projeto PETRA), 01 trator Valtra, 01 trator Massey, 01 motor estacionário, 01 bomba de água, 01 bomba de diesel, 01 tanque de combustível, equipamentos gerais de trator, equipamentos gerais de oficina. Possui também materiais para primeiros socorros e equipamentos de segurança e de proteção pessoal para seus funcionários (botas, perneiras, lanternas, facões, uniformes e similares) e de visitantes.

Todos estes equipamentos e serviços poderão ser disponibilizados para a gestão, pesquisa, monitoramento e atividades de visitas à RPPN, deste que previstos em cronograma anual do projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil.

## **2.15 - Recursos Financeiros**

A ONF Brasil, gestora do projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil e da propriedade, fazenda São Nicolau, será também a responsável pela gestão da RPPN Peugeot-ONF Brasil em termos administrativos e financeiros. Para tanto, anualmente, durante a reunião do comitê científico e de pilotagem, um orçamento para as atividades previstas no cronograma de implementação do plano de manejo da RPPN deverá ser aprovado. O financiamento do projeto atualmente é feito pela empresa automobilística Peugeot e pela ONF (Office National des Forêts). Anualmente, a ONF Brasil apresenta um cronograma de atividades e respectivos orçamentos para gestão da fazenda São Nicolau.

## **2.16 - Formas de Cooperação - Técnico-científica**

O projeto Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil possui parceiros em cooperação para atividades de pesquisa e monitoramento. São instituições de pesquisa como a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), a Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT), que possuem um convênio guarda-chuva oficiais e o Instituto de Pesquisa da Amazônia (INPA), que deverão futuramente iniciar pesquisas aprovadas pelos gestores da área da RPPN, aumentando o conhecimento da fauna, flora e meio físico da RPPN Peugeot-ONF Brasil. A riqueza em espécies na fazenda Nicolau além de elevada já teve duas espécies novas descritas, uma de peixe (INGENITO *et al.* 2013) e outra de anfíbio (ÁVILA *et al.* 2012). E ainda, espécies tiveram novos registros na região em questão, ampliando a distribuição geográfica de muitas espécies (veja em RODRIGUES *et al.* 2011), sendo a região considerada parte de um corredor de biodiversidade com possibilidade de endemismos (RODRIGUES, comunicação pessoal).

## **2.17 - Caracterização da Área do Entorno à Fazenda São Nicolau**

O estado de Mato Grosso faz parte da região Centro-Oeste do Brasil e localiza-se na parte sul do continente sul americano. Sua superfície é de 903.366,192 km<sup>2</sup> e limita-se ao norte com os estados do Pará e Amazonas, ao sul com Mato Grosso do Sul, a leste com Goiás e Tocantins e a oeste com Rondônia e o país andino, Bolívia (Mato Grosso, 2013). O Estado faz parte da Amazônia Legal (Lei nº 1806/1953), juntamente com o Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão - oeste do meridiano de 44°.

A população estimada em 2014 é de 3.224.357 habitantes, em seus 141 municípios, com uma densidade demográfica de 3,36 habitantes (IBGE, 2015).

A partir da elaboração do Plano Plurianual (PPA) 2004/2007, foi adotada, para o planejamento e os instrumentos legais, a regionalização produzida pelos estudos do Zoneamento Sócio Econômico Ecológico de Mato Grosso (ZSEE). O ZSEE definiu as regiões de planejamento ao longo do processo de definição das Unidades Sócio-Econômicas-Ecológicas (USEE), para as quais foram considerados os modos de uso e ocupação, de organização da produção e os graus diferenciados de consolidação das atividades econômicas e os componentes da base natural. A estes critérios foram adicionados os estudos da hierarquia urbana, resultando nas Regiões de Influência (SEPLAN, 2015).

Assim sendo, os 141 municípios foram distribuídos em 12 regiões de planejamento, com suas respectivas cidades-pólo: Região I - Juína; Região II - Alta Floresta; Região III - Vila Rica; Região IV - Barra do Garças; Região V - Rondonópolis; Região VI - Cuiabá; Região VII - Cáceres; Região VIII - Tangará da Serra; Região IX - Diamantino; Região X - Sorriso; Região XI - Juara; Região XII - Sinop (Fig.17).



Figura 17 - Conjunto de Unidades Sócio-Econômicas agregadas segundo interação dos aspectos sócio-econômicos-ecológicos e os elementos estruturadores das regiões de influência dos pólos urbanos (Fonte: SEPLAN, 2015).

A Região Noroeste 1, polarizada por Juína, é formada por sete municípios – Juína, Aripuanã, Colniza, Cotriguaçu, Juruena, Castanheira e Rondolândia, abrange uma extensão territorial de aproximadamente 81.914 km<sup>2</sup>. Limita-se ao norte com o estado do Amazonas, a leste com a Região de Alta Floresta, a oeste com o estado de Rondônia e ao sul com a Região de Cáceres.

Os setes municípios apresentam aspectos socioeconômicos e ecológicos semelhantes e uma população de 119.031 habitantes, ou seja, 9% e 4,2% do estado, respectivamente, bem como possuindo baixa densidade demográfica média (1,45 hab/km). A agropecuária é a principal atividade econômica da região, destacando-se pelo seu rebanho bovino, responsável pela participação do setor com 37,65% do PIB regional, além da exploração madeireira (a indústria representa 15,77%, e os serviços alcançam 46,57% do PIB da Região). A economia regional cresceu, entre 2000 e 2004, um pouco abaixo da média registrada pelo conjunto do Estado (19,4% contra 20,1%), mas tem baixa participação (2,2%) no PIB mato-grossense, em penúltimo lugar entre as regiões. (SEPLAN, 2015)

Segundo Tito (2011), a Região Noroeste é fronteira agrícola com extensas áreas de florestas nativas (8.616.970 ha) distribuídas por diferentes ecótonos.

A emancipação de Cotriguaçu aconteceu, com o desmembramento do município de Juruena, pela Lei nº 5912/1991.

A origem do nome veio da Cotriguaçu Colonizadora do Aripuanã S/A que coordenou o Projeto Cotriguaçu-Juruena responsável pela abertura de estradas, colonização e assentamento de colonos, adquirentes de lotes rurais e urbanos, O município possui área de 9.124km<sup>2</sup>, é delimitado pelos municípios de Aripuanã e Juruena ao sul, Nova Bandeirantes ao leste, Colniza ao oeste e o estado do Amazonas ao norte. O rio Juruena marca a fronteira entre Cotriguaçu e Nova Bandeirantes.

Cotriguaçu faz parte dos municípios da fronteira agrícola da Amazônia. Recentemente colonizadas, as terras estão divididas principalmente entre proprietários, assentados do INCRA, Terra Indígena e unidade de conservação. Os conflitos fundiários são numerosos nesse município que conta com ainda 80,9% da sua floresta nativa preservada. Além disso, desenvolvem-se numerosas práticas agrárias que estão em conflito com o bioma original que é a floresta amazônica, seja a indústria madeireira, a criação de pastagem, ou a agricultura. Ainda não existem práticas sustentáveis amplamente desenvolvidas nessas atividades que assegurariam a preservação da floresta e um uso sustentável dos recursos naturais (EIRÓ & TRICAUD, 2009).

Os autores citam que o território está dividido entre as propriedades particulares, as terras do INCRA (03 assentamentos), do INTERMAT (alguns assentamentos), a Terra Indígena Escondido, e o Parque Estadual Igarapés do Juruena no norte (com sobreposição com o Parque Nacional do Juruena). Segundo os dados do Instituto Centro da Vida (ICV), a divisão das terras é o seguinte:



Tabela 4 - Divisão do território no município de Cotriguaçu. Fonte: ICV.

Terras	Área (ha)	% do Município
<b>Assentamentos</b>	129.260	13,6%
<b>TI</b>	166.891	17,6%
<b>UC</b>	136.525	14,4%
<b>Áreas particulares e não-cadastradas</b>	516.908	54,4%
<b>TOTAL</b>	949.584	100,0%

Segundo os dados do IBGE (2015), a população do município de Cotriguaçu é de 17.209 habitantes sendo que mais de 50% da população reside na zona rural. Já que é um município criado recentemente, ele possui grandes oportunidades na indústria madeireira e na agropecuária, resultando em uma alta taxa crescimento.

São três assentamentos em Cotriguaçu: Os Projetos de Assentamentos (PAs): Cotriguaçu com 1.282 famílias, Juruena, com 466 famílias e Cotriguaçu Cederez, com 207 famílias.

Eiró & Tricaud (2010) estudaram profundamente o PA Juruena e suas contribuições são essenciais para o Plano de Manejo. “OPA Juruena localiza-se nas imediações da Fazenda São Nicolau, foi criado por decreto em 1997, e as famílias chegaram progressivamente a partir deste ano. Além dos agricultores beneficiários dos lotes do PA, madeireiros e agricultores foram atraídos ao local, por saberem que em breve a terra seria distribuída, o que, somada à falta de fiscalização e de assistência do INCRA, geraram uma ocupação desordenada do território.”

“Antes das obras de infraestrutura serem iniciadas, estradas não-oficiais foram abertas pelos madeireiros, o que possibilitou a ocupação de áreas de reserva por famílias de agricultores em busca de terra. Da mesma forma, o modo de aquisição dos títulos dos lotes das famílias é também relevante desta falta de fiscalização: apenas 30% dos entrevistados receberam o lote do INCRA, os outros tendo comprado o título da terra dos beneficiários legítimos, ou ainda de um segundo proprietário. A responsabilidade desta situação complexa não pode ser atribuída à uma entidade só, como o INCRA, madeireiros ou agricultores.”

“Existe um conjunto de fatores (ausência de orientação e de fiscalização, ocupação ilegal de terras, venda proibida de terras por madeireiros e posseiros...) cuja responsabilidade é difícil de ser avaliada hoje. Existem hoje 524 lotes, distribuídos linearmente ao longo de uma estrada principal, dividida em três “linhas”.

“O PA Juruena ocupa uma área de 30.793 ha. Segundo o último levantamento do INCRA em 2005, há 524 lotes; 40 são de 50 ha e 484 são de 25 ha. O censo, que data também de 2005, conta 467 famílias, sem levar em conta as famílias instaladas na Reserva Legal Coletiva, que seriam entre 80 e 100, segundo estimativas.” (Fig. 18).

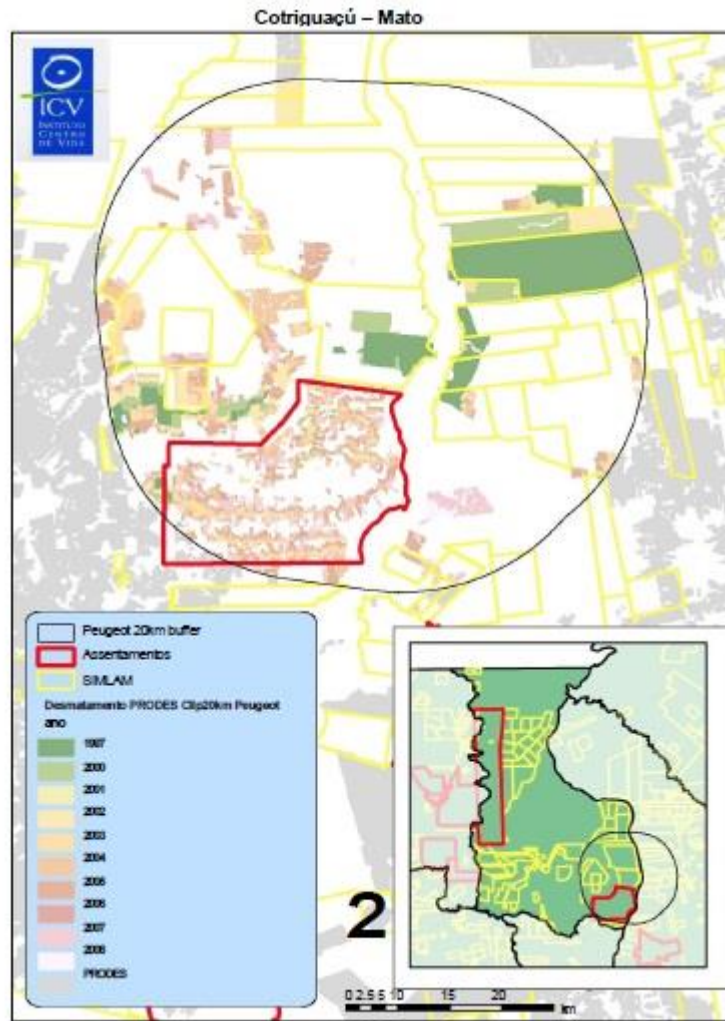


Figura 18 - Áreas de assentamentos próximos à fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu, MT.

Em todo o entorno da fazenda São Nicolau observa-se a ocupação da terra pela pecuária. Estima-se que 19% da área florestal de Cotriguaçu foi desmatada até 2008 (INPE, 2010), restando atualmente 81% de sua área total coberta por florestas, o equivalente a 7.594 km<sup>2</sup>.

Na Figura 19 observa-se que há terras indígenas e unidades de conservação na região, entretanto, apenas a Terra Indígena do Escondido está efetivamente no município de Cotriguaçu e a 20 km a noroeste da propriedade. O Parque Nacional do Juruena e o Parque Estadual Igarapés do Juruena localizam-se em Cotriguaçu, ao norte da Fazenda São Nicolau.

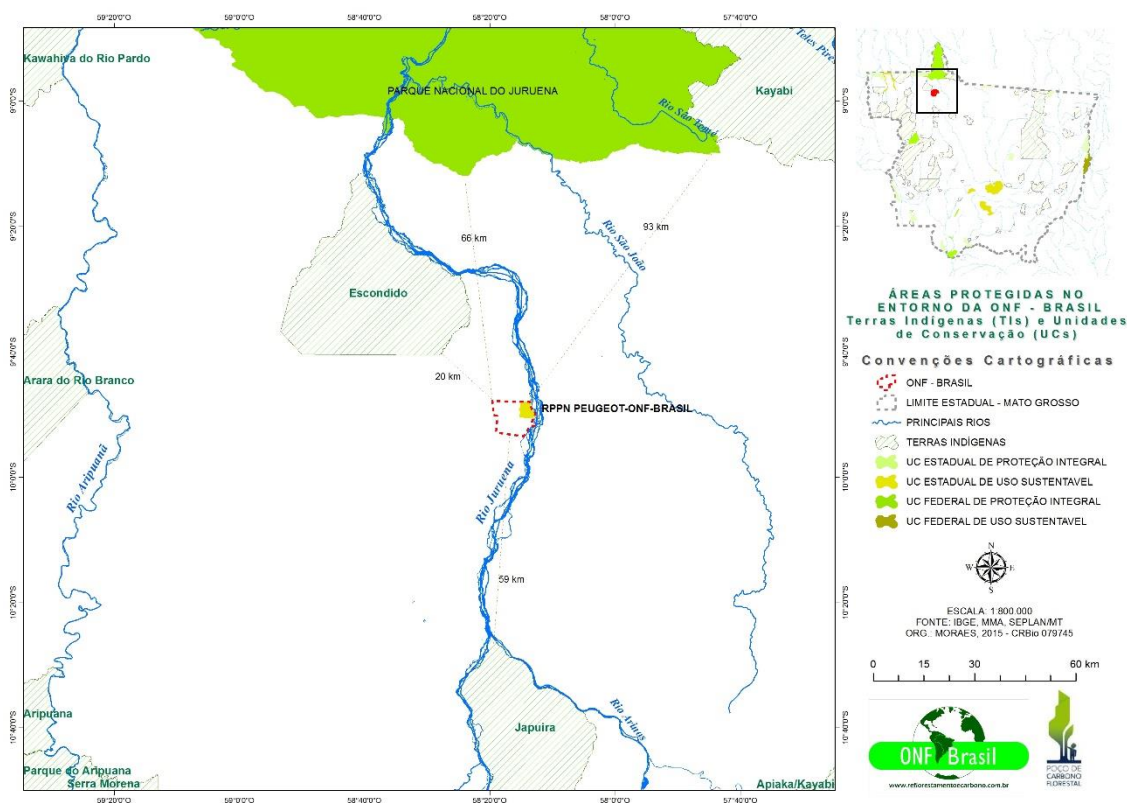


Figura 19 - Terras indígenas e Unidade de Conservação próximas à fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu, MT.

Ao longo do rio Juruena, no município de Cotriguaçu, e a jusante da RPPN Peugeot-ONF Brasil estão planejadas duas Usinas hidroelétricas (UHEs). A UHE Salto Augusto Baixo, com potência de 1461 MW e 129 Km<sup>2</sup> de área inundada, e a UHE Escondido, com potência de 1248 MW e 1142 Km<sup>2</sup> de área inundada (FEARNSIDE, 2015). A construção da UHE Escondido poderá afetar áreas da RPPN Peugeot-ONF Brasil próximas às margens do rio Juruena, que poderão sofrer alagamento em função de prováveis barramentos para a formação de lagos.

## 2.18 -Possibilidades de Conectividade

Há cerca de vinte anos ficou claro que a proteção de fragmentos isolados de ecossistemas naturais era insuficiente para evitar a perda da biodiversidade nesses fragmentos. Desde então, corredores ecológicos, mosaicos de unidades de conservação e instrumentos similares vem sendo propostos como alternativas de mitigar os efeitos da fragmentação de ecossistemas.

- Corredores ecológicos: Faixas lineares de com algum grau de conservação, ligando fragmentos de ecossistemas;

- Mosaicos: Estabelecimento de Áreas Protegidas, com objetivos de gestão complementares, a fim de permitir a compatibilização da conservação com outros usos.

Nessa visão de gestão ambiental territorial, as áreas protegidas são percebidas como indutoras de um processo de desenvolvimento de determinada região e a partir delas se desenham diferentes formas de gestão. No caso dos corredores, as áreas protegidas são a premissa do estabelecimento de conectividade para possibilitar o fluxo genético entre populações isoladas pelo território alterado e degradado pelo homem, ao seu redor. Nos mosaicos, as áreas protegidas são a composição do território, que será definido a partir do contorno de todas elas e ainda poderá ser ampliado na visão dos serviços e funções ambientais (PINHEIRO, 2010).

A conservação do Noroeste do Estado de Mato Grosso é estratégica para o desenvolvimento de ações preventivas que visam a não afetação degenerativa dos recursos hídricos e da biodiversidade da Amazônia. Inserida no Arco do Desmatamento, na região encontram-se Áreas Protegidas (APs) e Terras Indígenas (TIs), que constituem verdadeiros corredores ecológicos ao longo dos rios Juruena, Aripuanã, Guariba e Roosevelt, afluentes dos rios Madeira e Tapajós, importantes formadores do Rio Amazonas (TITO, 2011).

Das 70 terras indígenas (14.818.222,53 ha), representando 16,41% da área total do estado, 14 estão na região Noroeste e das 103 unidades de conservação (5.406.318,24ha) que representam 6,0% da área total do estado, 10 estão na região. (SEMA, 2015) (Tab. 5 e 6; Fig. 20).

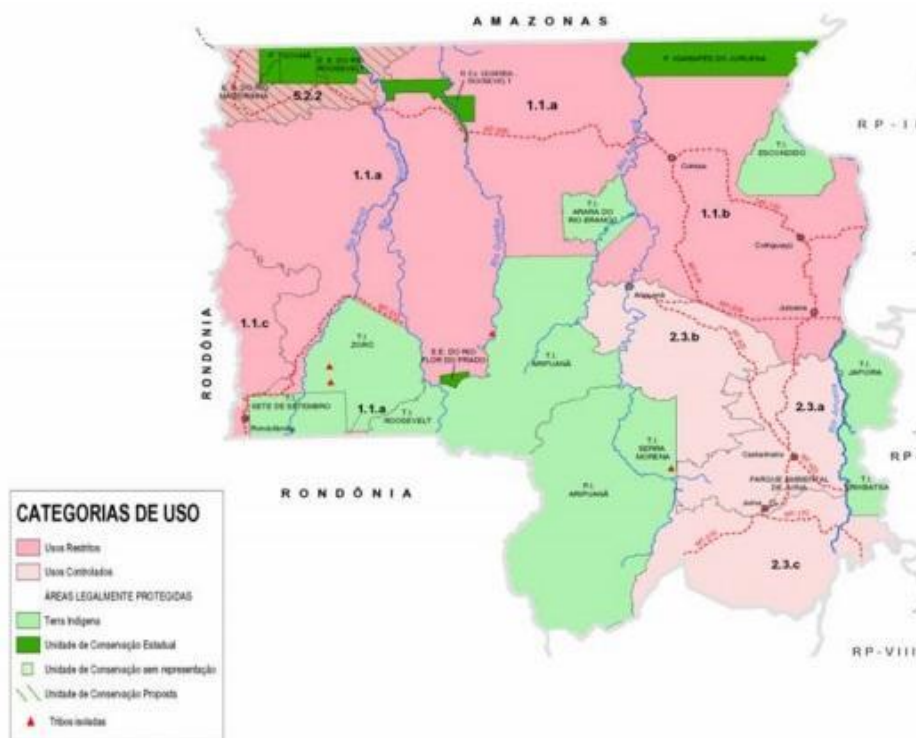


Figura 20- Unidades de Conservação e Terras Indígenas da região Noroeste de Mato Grosso.

Tabela 5 - Terras Indígenas do Noroeste de Mato Grosso. Fonte: SEPLAN, 2011.

<b>Terra Indígena</b>	<b>Área (ha)</b>	<b>Município</b>	<b>Etnia</b>
Apiaká-Kayabi	112.184,67	Juara	Apiaká/Kayabi
Arara do Rio Branco	121.182,36	Aripuanã e Colniza	Arara
Aripuanã	749.861,92	Aripuanã e Juína	Cinta-Larga
Batelão	116.919,04	Tabaporã, Nova Canaã do Norte e Juara.	Kayabi
Enawenê-Nawê	7.398,14	Sapezal, Comodoro e Juína	Enawenê-Nawê
Escondido	1.702,65	Cotriguaçu	Erikbaktsá
Japuíra	158.895,52	Juara	Erikbaktsá
Kawahiva do Rio Pardo	4.114,7	Colniza	Isolados
Parque Indígena Aripuanã	932.509,62	Juína e estado de Rondônia	Cinta-Larga
Piripkura	28.156,50	Colniza e Rondolândia	Isolados
Roosevelt	85.803,99	Rondolândia e estado de Rondônia	Cinta-Larga
Serra Morena	147.494,40	Juína	Cinta-Larga
Sete de Setembro	146.347,2	Rondolândia e estado de Rondônia	Surui
Zoró	356.248,13	Rondolândia	Zoró

Tabela 6 - Unidades de Conservação da Região Noroeste de MT. Fonte: SEPLAN, 2011.

<b>Nome</b>	<b>Documento Legal</b>	<b>Área Total</b>	<b>Município</b>	<b>Gestão</b>
Estação Ecológica Iquê Juruena	Dec. nº 86.061/1981		Juína	Federal
Parque Nacional dos Campos Amazônicos	Dec. s/nº/2006	5.550,96	Colniza e estados do Amazonas e Rondônia	Federal
Parque Nacional do Juruena	Dec. nº 4.340/2002; Dec. s/nº/2006	204.182,95	Apiacás, Nova Bandeirantes e Cotriguaçu	Federal
Estação Ecológica do Rio Roosevelt	Dec. nº 1.798/1997; Lei nº 7.162/1999; Lei nº 8.680/2007	99,399,61	Colniza	Estadual
Estação Ecológica do Rio Madeirinha	Dec. nº 1.799/1997; Lei nº 7.163/1999	11.101,89	Colniza	Estadual
Estação Ecológica Rio Flor do Prado	Dec. nº 2.124/2003	9.126,69	Aripuanã	Estadual
Parque Igarapés do Juruena	Dec. nº 5.438/2002	109.393,29	Colniza e Cotriguaçu	Estadual
Parque Estadual Tucumã	Dec. nº 5.439/2002; Dec. nº 5.150/2005	80.509,82	Colniza	Estadual
R.P.P.N. Peugeot-ONF Brasil	Port. nº 074/2010	1.760,85	Cotriguaçu	Estadual

A RPPN Peugeot-ONF Brasil está localizada na margem esquerda do rio Juruena, à montante da TI Escondido, do Parque Estadual Igarapés do Juruena e do Parque Nacional do Juruena, num grande maciço de florestal.

Em avaliações preliminares o TNC avaliou que é de extrema importância a manutenção da conectividade na bacia do Juruena, como forma de garantir a funcionalidade de ecossistemas únicos, em uma região que já sofre com pressões, especialmente o garimpo ilegal.

O Código Florestal Brasileiro (Lei nº 12.651/2012) orienta que a localização da área de Reserva Legal no imóvel rural deverá levar em consideração os seguintes estudos e critérios, na alínea III –“a formação de corredores ecológicos com outra Reserva Legal, com Área de Preservação Permanente, com Unidade de Conservação ou com outra área legalmente protegida”.

A RPPN Peugeot-ONF Brasil é parte da Reserva Legal da Fazenda São Nicolau e está, conforme demonstra a Figura 21, conectada à propriedade acima.

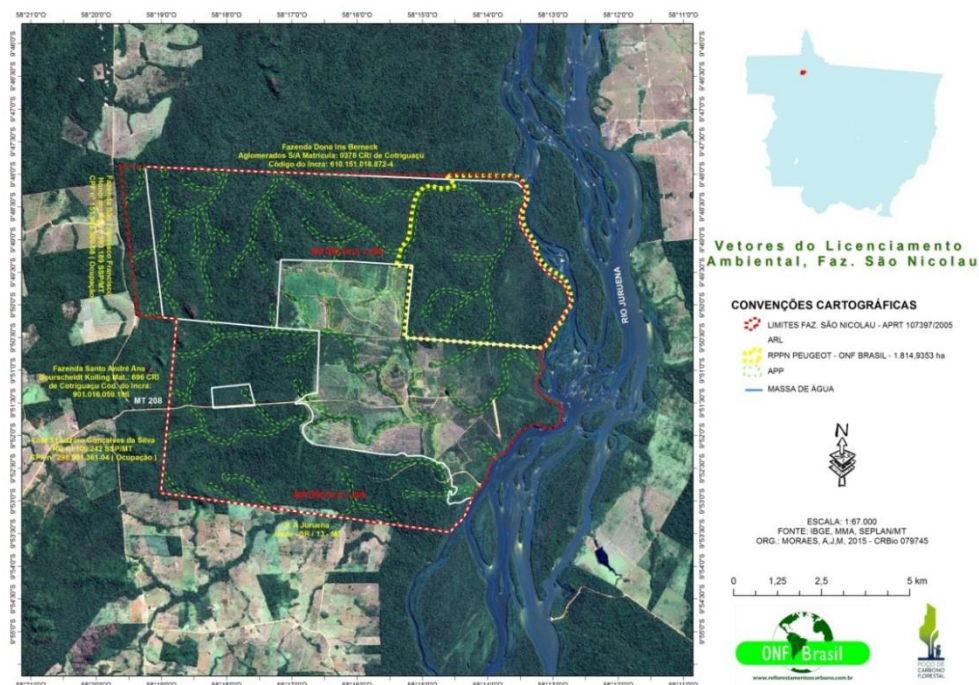


Figura 21- Área de Reserva Legal da fazenda São Nicolau (contorno em branco) e RPPN Peugeot-ONF Brasil conectada à propriedade vizinha com forte maciço florestal ao norte, Cotriguaçu, MT.



## 2.19 - Declaração de Significância

*“No começo pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade”.*  
Chico Mendes

A Amazônia é um território único pela magnitude, biodiversidade, estoque de recursos naturais e genéticos, importante papel na regulação do clima mundial e diversidade cultural (FEARNSIDE, 1997). O bioma ocupa 1/20 da superfície da Terra; 2/5 da América do Sul em parte de oito países: Bolívia (5,3%), Peru (9,9%), Venezuela (6,3%), Colômbia (6,7%), Equador (1,1%), Guiana (3,2%), Suriname (2,5%) e Guiana Francesa (1,3%) (FONSECA & SILVA, 2005).

A maior parte desta imensa floresta está em território brasileiro (cerca de 60%), abrangendo os Estados do Pará, Amazonas, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso, Acre, Amapá, Rondônia e Roraima e constituindo na maior região brasileira (49,29%), seguida pelo Cerrado (23,92%), Mata Atlântica (13,04%), Caatinga (9,92%), Pampa (2,07%) e o Pantanal (1,76%).

A Amazônia é foco de atenção e de preocupação mundial, pois sua devastação pode causar impactos globais, principalmente por comprometer três grupos de serviços que a floresta provém: biodiversidade, ciclagem de água e armazenamento de carbono (FEARNSIDE, 1997).

Em 2001 o Ministério do Meio Ambiente (MMA) realizou a “Avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade na Amazônia brasileira”, em sua primeira etapa, desenvolvida entre 1999 e 2000 (Seminário de Macapá, MMA, 2001) indicando 385 áreas prioritárias para a conservação da biodiversidade regional.

A região onde localiza-se a RPPN Peugeot-ONF Brasil é denominada de **Baixo Xingu/Tapajós/Madeira** na área **BX064 - Cabeceiras do Rio Aripuanã**, classificada com **Grau de Prioridade: A**; Localização - UF: MT; Município Principal: Aripuanã; Municípios Abrangidos: 8; Fitofisionomias: AA, As, Ds, ON, Sd, SN. Observações: Área de importância biológica sujeita a alto grau de pressão antrópica (pecuária e exploração madeireira). **Importância Biológica: Aves: A; Biota aquática: A; Botânica: D; Mamíferos: A. Importância em Funções e Serviços Ambientais: A. Grau de Estabilidade: 0. Grau de Instabilidade: 9. Grau de Prioridade para a Intervenção: 9. Principal Ação Recomendada: Criação de Unidade de Conservação. Outras Ações Recomendadas: Criação de UC de proteção integral ao sul da TI Escondido; Elaboração de inventários biológicos e Implementação de programa de Educação Ambiental.**

Entre 1998 e 2000 o MMA consolidou os resultados obtidos nos workshops dos biomas brasileiros a “Avaliação e Identificação das Áreas e Ações Prioritárias para a Conservação dos Biomas





Em documentos oficiais, em publicações científicas, em relatórios de aulas de campo das atividades realizadas na Fazenda São Nicolau é unânime o pedido para dar continuidade ao trabalho de conservação e pesquisa, pois acreditam que há muito que conhecer... Um caso icônico foi a ocorrência de uma nova espécie, *Amazophrynella vote* sp. nov., descrita recentemente por Ávila *et al.* (2012), que homenageia o falar cuiabano, e outra espécie nova de peixe, *Hyphessobrycon peugeotii*, descrita por Ingenito *et al.* (2013), que homenageia a empresa automobilística Peugeot.

## **PARTE 3 - PLANEJAMENTO**

### **3.1 - OBJETIVOS DE MANEJO**

**3.1.1 - Objetivo Geral:** o plano de manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil tem os seguintes objetivos gerais:

1. Contribuir para o conhecimento e conservação da biodiversidade local;
2. Definir ações específicas para o manejo adequando da RPPN;
3. Estabelecer a diferenciação no zoneamento visando à proteção dos recursos naturais;
4. Orientar e direcionar as ações para captação de recursos;
5. Viabilizar pesquisas científicas dentro da RPPN;
6. Definir ações que contribuam para a conectividade da RPPN com as demais áreas protegidas.

**3.1.2 - Objetivos Específicos:** de acordo com as recomendações do Sistema Estadual de Unidade de Conservação (SEUC) os objetivos específicos da RPPN Peugeot-ONF Brasil são:

1. Proteção de uma amostra peculiar de Floresta Ombrófila Densa, Submontana com Dossel Emergente;
2. Proteção da Fauna e Flora associadas;
3. Proteção das espécies raras e ameaçadas de extinção;
4. Permitir a regeneração natural e artificial da vegetação nas áreas que foram desmatadas;

5. Incentivo a realização de pesquisas científicas e monitoramentos dentro dos limites da RPPN;
6. Promoção de ações que implicam em redução do impacto ao meio ambiente;
7. Divulgação da RPPN nas áreas do entorno, informando e conscientizando a população do entorno da importância da conservação da biodiversidade;
8. Incentivar a criação de novas RPPN's na região;

### 3.2 - ZONEAMENTO

O zoneamento é usado para atingir melhores resultados no manejo de uma Unidade de Conservação, pois estabelece usos diferenciados para cada espaço, segundo seus objetivos, potencialidades e características encontradas no local. Para este zoneamento utilizou-se a estrutura proposta por Ferreira *et al.* (2004). Consideraram-se para o zoneamento a relevância dos diferentes ambientes para a fauna e flora local, visando minimizar os impactos em cada uma das zonas. Na figura 23 observa-se como o zoneamento foi definido.

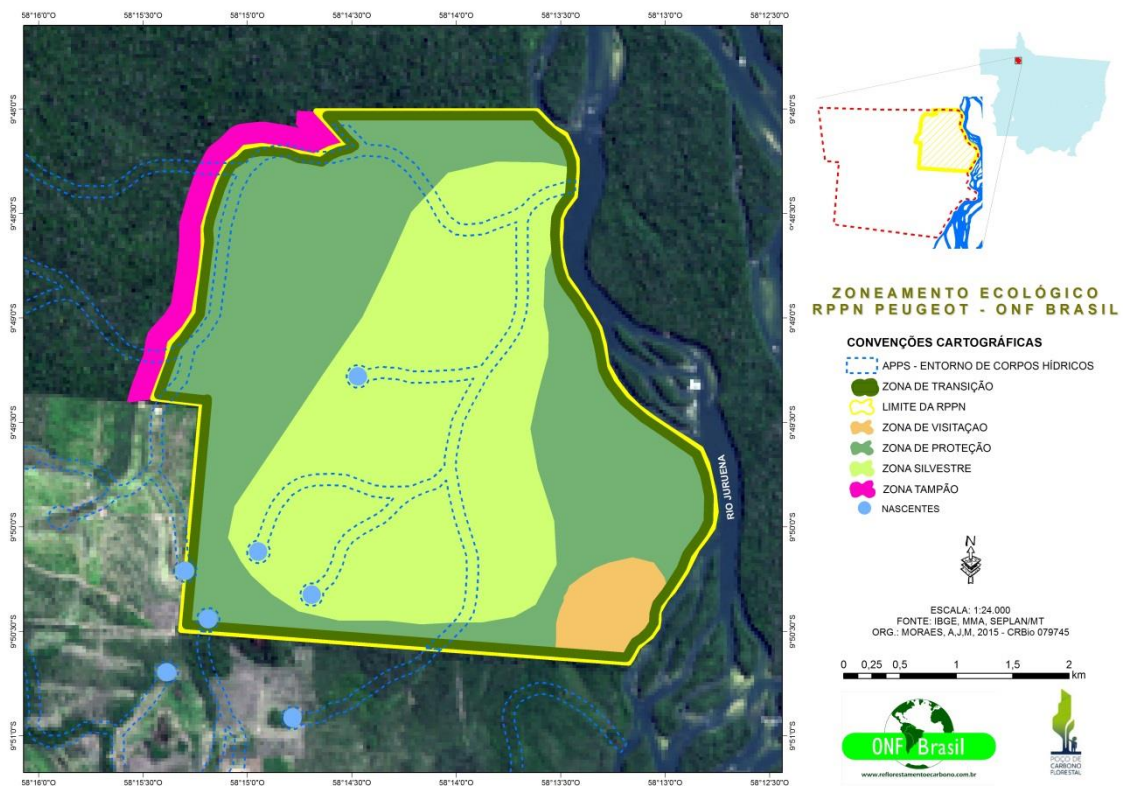


Figura 23 - Zoneamento da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.

### 3.2.1 - Zona Silvestre

**Definição:** Área com maior grau de integridade destinada a conservação da biodiversidade, com característica especial como fragilidade ambiental ou espécies raras ou ameaçadas, funcionando como reserva de recursos genéticos silvestres e para conservação do seu ambiente físico. Nela podem ocorrer pesquisas, monitoramentos, proteção e fiscalização. Ela pode conter infra-estrutura destinada somente à proteção e à fiscalização (FERREIRA *et al.* 2004).

**Descrição e Localização:** Localiza-se numa porção mais central da área (Fig. 24), abrangendo três nascentes de pequenos cursos d'água, além de variações topográficas com maior, menor ou não alagamento que influenciam na distribuição de plantas e animais.

**Justificativa:** Não há tipologias vegetais diferenciadas nesta parte central, entretanto, além de bem conservada, possui variabilidade ambiental de grande importância na abrangência da biodiversidade local, além de manter áreas mais frágeis, como as nascentes. É uma área bem conservada e pouco estudada, sendo de grande importância a pesquisa para o aumento do conhecimento de sua biodiversidade.

**Normas de uso:** serão permitidas atividades de fiscalização, pesquisa e monitoramento. A pesquisa e o monitoramento deverão ser de baixo impacto e licenciadas pelos órgãos ambientais competentes e ter autorização dos gestores da RPPN. A visita de pesquisadores deverá ocorrer em pequenos grupos. Nenhum resíduo poderá ser deixado nas trilhas, mesmo que orgânicos. Resíduos orgânicos e inorgânicos podem ser usados e deixados nesta zona apenas se houver pesquisas que necessitam de iscas para captura de organismos e marcação de trilhas, parcelas, árvores, etc.

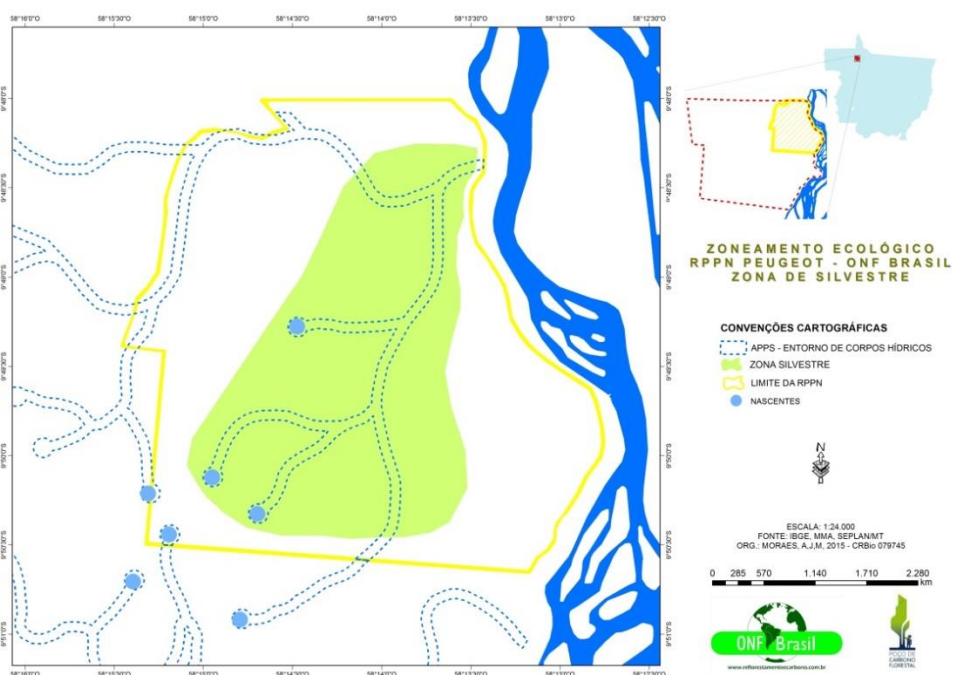


Figura 24 - Zona Silvestre da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.

### 3.2.2 - Zona de Proteção

**Definição:** Áreas naturais que receberam um grau mínimo de intervenção antrópica e que tem por objetivo a conservação da biodiversidade e ambiente físico. Nelas podem ocorrer pesquisas, monitoramento e visitação de baixo impacto, ou visitação primitiva. Nesta zona será permitida alguma infra-estrutura para fiscalização, como postos, torres de observação e trilhas de acesso.

**Descrição e Localização:** É uma porção mais periférica e que circunda praticamente toda a zona silvestre (Fig. 25).

**Justificativa:** É também uma área bem conservada e pouco estudada, sendo de grande importância a pesquisa e as visitas de baixo impacto para o aumento do conhecimento de sua biodiversidade e de sítios importantes, que futuramente poderão integrar a zona silvestre.

**Normas de uso:** Esta zona poderá ser utilizada para fiscalização, pesquisas, monitoramento e visitação de baixo impacto, ou visitação primitiva. A visitação primitiva compreende o turismo científico, observação de vida silvestre, trilhas e acampamentos rústicos sem infra-estrutura e equipamentos facilitadores. A pesquisa e o monitoramento também deverão ser de baixo impacto, licenciadas pelos órgãos ambientais competentes e ter autorização dos gestores da RPPN. Nenhum resíduo poderá ser deixado nas trilhas, mesmo que orgânicos. Resíduos orgânicos e inorgânicos podem ser usados e deixados nesta zona apenas se houver pesquisas que necessitam de iscas para captura de organismos e marcação de trilhas, parcelas, árvores, etc.

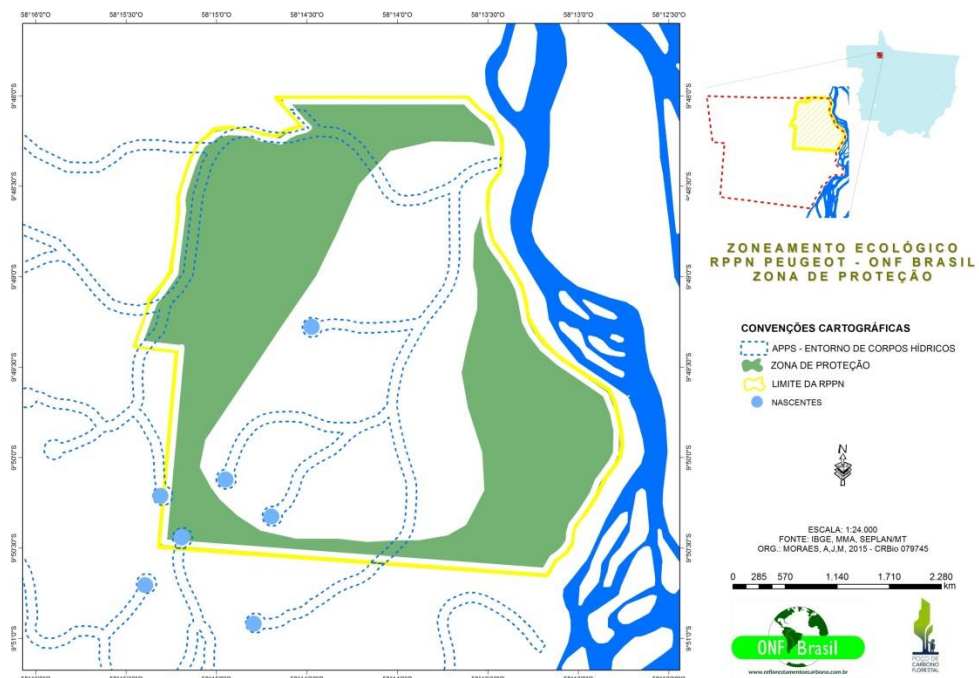


Figura 25 – Zona de Proteção da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.

### 3.2.3 - Zona de Visitação

**Definição:** É constituída de áreas naturais destinadas a conservação da biodiversidade e atividades de visitação com o intuito da educação e conscientização ambiental, turismo científico, ecoturismo, recreação, interpretação, lazer e outros. Nestas áreas deverão ser permitidas algumas formas de alteração do ambiente, como demarcação de trilhas, placas educativas e de sinalização (FERREIRA *et al.* 2004).

**Descrição e localização:** Está localizada na porção sudeste da área (Fig. 26). Na zona de visitação, trilhas deverão ser demarcadas para visita a atrativos naturais como as margens do rio Juruena ea fauna e flora associadas à sua floresta. Futuramente, poderão ser instalados algum tipo de torre e/ou mirante no local para observação.

**Justificativa:** É uma área de fácil acesso devido as vias terrestres já existentes. As trilhas demarcadas têm o objetivo de aumentar a segurança para as atividades de visitas educativas. As trilhas poderão ter no máximo 3 metros de largura e 1000 metros de comprimento.

**Normas de uso:** As visitas devem ocorrer diurnamente nos horários previamente marcados, com acompanhamento obrigatório de monitor do local ou um guia especializado que tenha recebido treinamento específico para atuação na RPPN. Nenhum resíduo poderá ser deixado nas trilhas, mesmo que orgânicos.

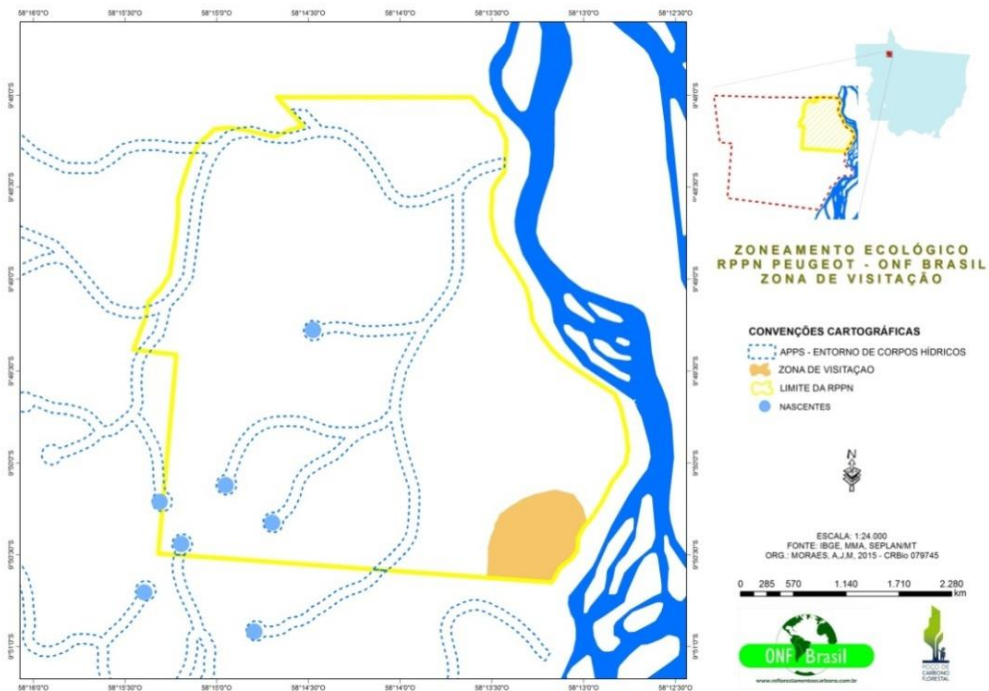


Figura 26 -Zona de Visitação da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.



### 3.2.4 - Zona de Transição

**Definição:** Corresponde a uma faixa ao longo do perímetro interno da RPPN (FERREIRA *et al.* 2004).

**Descrição e localização:** É uma faixa contínua que circunda a área da RPPN em todo seu perímetro interno com largura de 35 metros (Fig. 27). Esta medida pode ser utilizada pois vários aspectos da borda tiveram esta largura em estudos de fragmentos (PRIMACK e RODRIGUES, 2001). Entretanto, na porção noroeste e leste, um córrego (sem nome) e o rio Juruena, respectivamente, determinam o limite da RPPN, e neste caso, nas APP's, o tipo de infra-estrutura possível deve ser limitado ao previsto em lei.

**Justificativa:** Tem como objetivo de servir de filtro, faixa de proteção, onde também há um maior efeito de borda. Visa absorver os impactos externos que poderiam resultar em prejuízo aos recursos da RPPN, assim como os efeitos de luminosidade, temperatura e umidade da borda, já que existem aceiros e estradas em parte de seu perímetro externo.

**Normas de uso:** Serão permitidas atividades de visitação, fiscalização, pesquisa e monitoramento. Poderá receber infra-estrutura e serviços da RPPN, se necessário e onde for permitido por lei. Resíduos orgânicos e inorgânicos podem ser usados e deixados nesta zona apenas se houver pesquisas que necessitam de iscas para captura de organismos e marcação de trilhas, parcelas, árvores, etc.

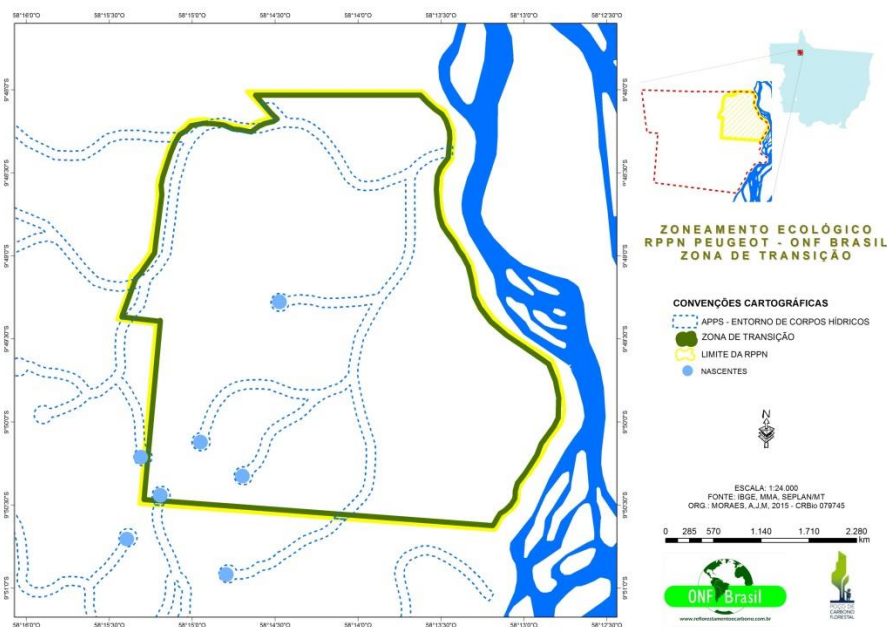


Figura 27 - Zona de Transição da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.

### 3.2.5 - Zona Tampão

**Definição:** Corresponde a uma faixa externa à RPPN e ao longo de parte do seu perímetro.

**Descrição e localização:** É uma faixa de 200 metros de largura na porção noroeste da RPPN e externa ao seu limite (Fig. 28).

O limite da RPPN, na porção noroeste, é um córrego (sem nome). A “Zona Tampão” abrange a APP, “área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas” (Lei nº12651/2012, Art. 3º, Alínea II)

**Justificativa:** Tem o mesmo objetivo da zona de transição que é de servir de filtro, faixa de proteção, onde também há um maior efeito de borda, visando absorver os impactos externos que poderiam resultar em prejuízo aos recursos da RPPN, assim como os efeitos de luminosidade, temperatura e umidade da borda, já que existem aceiros e estradas em parte de seu perímetro externo.

A Zona Tampão foi criada, especialmente para a RPPN Peugeot ONF Brasil, em função de atividades de manejo florestal a serem implementadas, nas áreas circunvizinhas, garantindo um menor impacto para a fauna e flora RPPN.

**Normas de uso:** Serão permitidas atividades de visitação, fiscalização, pesquisa e monitoramento. Poderá receber infra-estrutura e serviços da RPPN, se necessário. Resíduos orgânicos e inorgânicos podem ser usados e deixados nesta zona apenas se houver pesquisas que necessitam de iscas para captura de organismos e marcação de trilhas, parcelas, árvores, etc.

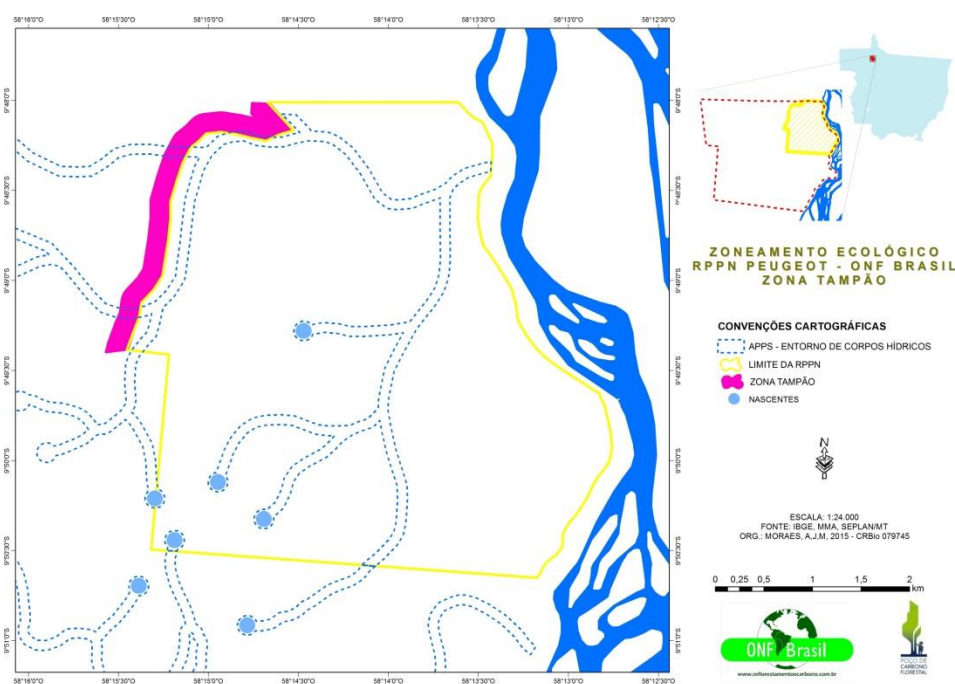


Figura 28 - Zona de Tampão da RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.



### 3.3 PROGRAMAS DE MANEJO

Os Programas de Manejo têm como objetivo gerar diretrizes e agrupar atividades para uma adequada implementação da unidade de conservação. A estrutura do Plano de Manejo em Programas permite que as atividades sejam descritas em grupos temáticos, facilitando a gestão e manejo da Reserva.

Os programas de manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil foram estabelecidos de acordo com os seguintes critérios:

- Recomendações do “Roteiro Metodológico para Elaboração de Plano de Manejo para Reservas Particulares do Patrimônio Natural”;
- Diagnósticos e recomendações obtidos por meio dos levantamentos técnicos e
- Objetivos gerais e específicos estabelecidos para este Plano.

São eles: Programa de Administração, com o Sub-Programa de Manutenção da Infraestrutura e Equipamentos; Programa de Proteção; Programa de Pesquisa e Monitoramento; Programa de Visitação, Programa de Sustentabilidade Econômica, Programa de Educação Ambiental, Programa de Comunicação.

Cada Programa terá a seguinte estrutura:

**Objetivos e Resultados Esperados:** são situações positivas desejadas;

**Atividades, Subatividades e Normas:** são as ações a serem desenvolvidas e acompanhadas de normas específicas;

#### **Normas Gerais da RPPN Peugeot-ONF Brasil**

- Para o ingresso e permanência nas dependências administrativas da RPPN Peugeot-ONF Brasil é necessário e indispensável autorização da ONF Brasil;

- É expressamente proibido o consumo de bebidas alcoólicas, cigarros e afins, drogas ilícitas, por funcionários, técnicos, pesquisadores, estagiários e voluntários nas dependências administrativas da RPPN;

- O Programa de Pesquisa e Monitoramento Ambiental deverá respaldar a elaboração de propostas de projetos científicos, de ações complementares e de outros Programas de Manejo;

- É proibida a caça, pesca predatória e coleta de espécimes da fauna e da flora, ressalvadas aquelas com finalidades científicas, desde que autorizadas;

- Deverá ser suspensa imediatamente qualquer atividade que apresente indícios de danos a unidade de conservação até sua devida avaliação.

### **3.3.1- Programa de Administração**

#### **Objetivos**

Garantir o funcionamento da RPPN, fornecendo a estrutura necessária para o desenvolvimento dos demais Programas. Suas atividades e normas relacionam-se aos procedimentos administrativos, à organização, ao controle, à manutenção e, ainda, àquelas relacionadas à sua monitoria.

As atividades englobam os recursos humanos, capacitação dos gestores e funcionários, bem como o estabelecimento de atividades de implantação, aquisição e manutenção de infraestrutura e equipamentos.

#### **Resultados Esperados:**

- Implantação de um sistema de gestão e rotinas de serviços específicos para a RPPN;
- Pessoal capacitado para a realização de rotinas de manutenção, fiscalização e apoio às atividades de pesquisa, monitoramento, visitação e restauração florestal;
- Sistema de monitoramento implantado;
- Manutenção regular da infraestrutura e equipamentos;
- Boas práticas disseminadas.

#### **Atividades e Normas**

Iniciar as ações propostas neste documento a partir da oficialização do Plano de Manejo, sendo que as providências administrativas deverão ser adequadas no primeiro ano da publicação deste Plano;

1. Designar técnico para a administração da RPPN: O escritório da ONF Brasil deverá designar o técnico responsável pela RPPN, que a princípio poderá compartilhar com outras atividades relacionadas à Fazenda São Nicolau, com as seguintes atribuições:
  - Dimensionar serviços e levantar contratações de prestação de serviços necessários à implantação e manejo da RPPN;
  - Realizar a interlocução com os atores sociais envolvidos direta e indiretamente com a UC (incluindo lideranças dos assentamentos, gestores de unidades de conservação públicas, Polícia

Militar, Universidades, ONGs com atuação em projetos de conservação ambiental, entre outros).

- Articular com instituições de ensino e pesquisa a implantação das linhas de pesquisa prioritárias para a RPPN;
- Coordenar rotinas operacionais envolvendo as atividades de proteção, pesquisa e monitoramento;
- Manter atualizadas as informações sobre as lacunas de conhecimento existente na RPPN e novas demandas de estudos;
- Avaliar e acompanhar os projetos de pesquisa e monitoramento na RPPN.
- Definir os procedimentos para aprovação e acompanhamento de pesquisas técnico-científicas na RPPN.

2. Designar responsável(is) pela execução das atividades relacionadas à Proteção, Educação Ambiental e a Comunicação da RPPN: As atividades poderão ser executadas por técnicos, consultores, voluntários, estagiários, pesquisadores autorizados.

3. Capacitar a equipe que atua na RPPN no desenvolvimento das atividades

- Os funcionários e técnicos que trabalham na RPPN deverão receber capacitação básica sobre gestão de unidades de conservação, seus objetivos e procedimentos técnicos e legais;
- Os funcionários e técnicos que trabalham na RPPN deverão conhecer os procedimentos administrativos.

4. Rotinas e escalas de serviços implantados

4.1 - Proteção – Serão consideradas as demandas de serviço em diferentes épocas sujeitas a: 1) riscos de incêndios, 2) períodos de pesca, 3) acompanhamento de técnicos e pesquisadores no desenvolvimento de pesquisas, dentre outros.

4.2 - Visitação – Será considerado as atividades de visitação decorrente do Programa de Educação Ambiental: visitas escolares etc.;

5. Desenvolver e implantar um sistema de acompanhamento das atividades dos funcionários e técnicos que trabalham na RPPN, visando a evolução qualitativa no desempenho das atividades.

- Implantar planilhas de rotina de trabalho;
- Implantar planilhas de gastos com combustível.

6. Disseminar ações de boas práticas ambientais e sociais, na área da propriedade visando os funcionários, visitantes técnicos da Fazenda São Nicolau e visitantes.

- Adotar estratégias de redução de consumo de água e energia;
- Adotar a separação seletiva do lixo, disponibilizando lixeiras para lixo seco e orgânico, em cores diferentes.
- Todas as lixeiras deverão ser bem tampadas, o material orgânico enterrado e o inorgânico (plástico, papel metalizado deverão ser condicionado em local seguro, e ser transportando para o aterro municipal de Cotriguaçu, evitando atrair animais e a poluição na RPPN.

7. Elaborar o orçamento anual prevendo todas as despesas para atender a estrutura e demandas da RPPN.

### **3.3.1.1–Sub-Programa de Manutenção da Infraestrutura e Equipamentos**

- Implantar e manter infraestrutura adequada à gestão da RPPN;
- Adquirir e manter equipamentos, estrutura de transporte e sistema de comunicação adequados às necessidades da RPPN;
- Demarcar e manter os limites da RPPN com placas fixas e flutuantes.

### **Atividades e Normas para Implantação de Infraestrutura**

- Implantar infraestrutura mediante projeto arquitetônico, que deverá seguir padrão estético em harmonia com o ambiente, considerando as características histórico-culturais da região;
- Tomar os devidos cuidados para prevenção de todos os impactos possíveis, principalmente erosões e contaminação das águas subterrâneas e superficiais;
- Instalar infraestruturas privilegiando o sombreamento natural, as curvas de nível e, de preferência, utilizando materiais e a mão-de-obra local;
- Priorizar o uso de tecnologias de baixo impacto e a redução do custo na aquisição dos materiais, instalação, funcionamento e manutenção das estruturas;
- Disponibilizar de maneira adequada de restos de construção, tubulações e outros resíduos;
- Priorizar uso de tecnologias alternativas ambientalmente corretas, ex.: energia solar, fossa ecológica;
- Fazer a manutenção regular de toda a infraestrutura e equipamentos.
- Instalar lixeiras, conforme padrão de cores internacional, para a separação do lixo;

- Instalar equipamentos urbanos em locais apropriados.

### **3.3.2 - Programa de Proteção**

Este programa visa implantar ações permanentes de proteção do patrimônio natural e material da Fazenda São Nicolau e RPPN Peugeot-ONF Brasil, bem como aquelas voltadas à segurança de funcionários, visitantes, pesquisadores e fornecedores. Inclui as rotinas de trabalho voltadas à manutenção da integridade da propriedade e sua normatização.

O programa indica que é salutar a integração de ações com outras instituições da região e país (Prefeitura Municipal, PM, SEMA-MT, IBAMA, Força Nacional etc), de modo unir esforços na proteção da floresta amazônica.

#### **Objetivos:**

- Proteger os recursos naturais e benfeitorias da Fazenda São Nicolau e RPPN;
- Vigiar a área da Fazenda São Nicolau e RPPN, principalmente quanto ao trânsito de pessoas na estrada (MT-208);
- Proporcionar segurança aos funcionários;
- Estabelecer Plano de Gerenciamento de Emergências (PGE) e os funcionários preparados para acioná-lo;
- Implementar sistema de prevenção e combate a incêndios florestais.

#### **Atividades e Normas:**

- As atividades de proteção do patrimônio natural são prioritárias dentro do funcionamento geral da RPPN;
- Fixar placas indicativas e placas reguladoras nos limites da RPPN e nas vias de acesso;
- Construir torre de fiscalização, em local previamente determinado;
- Instalar vigilância eletrônica 24 horas por dia com sistema remoto de gravação de imagens, em locais estratégicos;
- Manter as cercas e porteiras em bom estado de conservação;
- Utilizar sistema de comunicação portátil entre a administração e pesquisadores;
- Definir e implantar procedimentos para as equipes de trabalho;

- Identificar as áreas de maior pressão e definição de estratégias específicas para sua proteção;
- Coibir atividades predatórias, como caça, pesca e retirada da vegetação;
- Providenciar a capacitação técnica da equipe, como: treinamento em primeiros socorros, resgate em florestas enfim para todas as atividades que envolvam situações de risco previstas em normas técnicas específicas;
- Utilizar todos os equipamentos de proteção individual definidos para as diferentes atividades exercidas na RPPN;
- Disponibilizar estojo de primeiro socorros válido para pesquisadores e administradores;
- Abrir e manter aceiros nos limites das RPPN;
- Fazer ronda no limite da RPPN com o rio Juruena, no sentido de detectar acampamentos;
- Capacitar o gestor e funcionários para atuar na brigada de combate a incêndios e apoio para o transporte de água, alimentos, ferramentas, entre outros;
- Adquirir e manter em bom estado equipamentos de combate a incêndios, bem como os equipamentos individuais;
- Registrar as ocorrências de incêndios em relatórios específicos, para o aprimoramento das estratégias e monitoramento dos impactos;
- Comunicar ao IBAMA e SEMA as ocorrências de incêndios, descrevendo de onde surgiram, as possíveis causas e as áreas atingidas.

Em relação a postura dos funcionários:

- Não é permitido o porte de armas na RPPN, com exceção das portadas por autoridades públicas no exercício de suas funções;
- No exercício das atividades de vigilância, os funcionários deverão estar sempre uniformizados e identificados;
- Não é permitido o porte e uso de armas de fogo por parte dos funcionários,
- Os funcionários são proibidos de exercer poder de polícia, atividade de competência do poder público;
- No exercício das atividades de vigilância, os funcionários deverão portar equipamentos necessários à segurança da atividade;
- A RPPN pode fornecer apoio logístico às atividades de vigilância aos órgãos fiscalizadores, de acordo com a disponibilidade de pessoal e demais recursos na RPPN;
- Nos casos em que esse apoio incluir a necessidade do acompanhamento de funcionários da RPPN, devem ser tomadas as providências para resguardar segurança pessoal do funcionário, evitando exposição a situações de risco não compatíveis com sua função.

- Procedimentos para casos de flagrante devem obedecer a legislação vigente e devem ser notificados à ONF, a qual deverá tomar providências;
- Todos esses eventos devem ser registrados em forma de relatórios;

### **3.3.4 - Programa de Pesquisa e Monitoramento**

Este programa apresenta as potencialidades e normas de pesquisa, suas prioridades, normas de realização e utilização dos resultados de pesquisa no manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil.

É facultada a pesquisa em toda a área da RPPN Peugeot-ONF Brasil, desde que autorizada pela ONF Brasil, a intensidade está condicionada pelas zonas aonde esta venha a ocorrer.

#### **Objetivos:**

- Fomentar atividades de pesquisa na RPPN Peugeot-ONF Brasil;
- Proporcionar procedimento para a realização de pesquisas na RPPN;
- Gerar informações sobre a biodiversidade e ecossistemas da RPPN que subsidiem o manejo da área;
- Proporcionar ambiente de estudos acadêmicos e para pesquisadores;
- Padronizar a obtenção de dados em pesquisas e monitoramento;
- Fomentar as pesquisas necessárias para respaldar o manejo integral da RPPN;
- Dar prosseguimento ao levantamento de dados bióticos e abióticos da RPPN e área de entorno;
- Publicar e divulgar os dados científicos obtidos na UC.

#### **Atividades e Normas:**

- Todas as pesquisas desenvolvidas na área da RPPN deverão ter autorização prévia da ONF Brasil e devidamente autorizadas pelos órgãos competentes;
- Os pesquisadores deverão submeter-se a todas as normas estabelecidas nos programas de manejo, cabendo à gerência a responsabilidade de acompanhar as atividades e auxiliar nas decisões sobre sua continuidade;
- As normas e procedimentos de pesquisa deverão ser definidos pela ONFBrasil e disponibilizados aos interessados (não podendo contrariar aqueles definidos pelos organismos responsáveis pela pesquisa e pela biodiversidade no país);
- Os projetos de pesquisas deverão ser apresentados, para submissão da RPPN, antes do início das atividades;



- Pesquisas poderão ser realizadas em toda a RPPN, com graus diferenciados de intensidade, de acordo com as normas de cada zona de manejo;
- Os impactos das atividades de pesquisa sobre as zonas da RPPN serão avaliados e considerados na tomada de decisão sobre a aprovação de sua execução;
- Os pesquisadores deverão apresentar as licenças/autorizações ambientais necessárias;
- São consideradas prioritárias as pesquisas que visem ampliar os conhecimentos sobre a RPPN Peugeot-ONF Brasil, que subsidiem ações de manejo e proteção da área, ou que propiciem a recuperação de sua integridade natural, conforme indicado em seu plano de manejo;
- Devem ser priorizadas as pesquisas de menor impacto sobre a biodiversidade da RPPN;
- É possível o desenvolvimento de pesquisas integradas com outras áreas protegidas da região;
- Não serão permitidas pesquisas que introduzam espécies exóticas, mesmo em áreas limitadas e sob condições controladas.

### **3.3.5 - Programa de Visitação**

A administração da RPPN entende que o objetivo não é a visitação turística, pelo menos por enquanto, porém a visitação científica/acadêmica é uma realidade e tem se destacado como uma atividade forte na Fazenda São Nicolau nos últimos anos. É provável que a implantação do Plano de Manejo a RPPN comece a ter mais visibilidade na propriedade, acarretando solicitações para visitação.

Em conformidade com a nossa legislação, a visitação em áreas protegidas tem como um de seus principais objetivos a educação do visitante, o estímulo a atitudes que levem a proteção do meio ambiente.

Esse programa tem como objetiva ordenar, definir as ações educativas, de interpretação e sensibilização na RPPN Peugeot-ONF Brasil, integrando as pessoas ao meio natural.

#### **Objetivos**

- Planejar atividades de visitação de acordo com as aptidões da RPPN;
- Capacitar a equipe de funcionários;
- Ordenar as visitas;
- Desenvolver e implementar processos educativos;
- Promover a interpretação ambiental na RPPN.

#### **Atividades e Normas:**

- Toda visitação na RPPN serão desenvolvidas atividades como educação ambiental;

- As atividades de visitação só poderão ocorrer mediante o agendamento prévio;
- O consumo de bebida alcoólica e o uso de aparelhos sonoros coletivos não são permitidos na área da RPPN;
- O tempo de visitação e o tamanho dos grupos de visitantes devem ser planejados em função da capacidade de suporte do ambiente, da infra-estrutura física existente e do pessoal disponível para atender visitantes;
- Todo visitante deverá receber orientações sobre: medidas de segurança, trilhas interpretativas e procedimentos na visita à reserva;
- As orientações devem conter advertências ao visitante do tipo: da existência de quaisquer perigos potenciais que possam colocar sua vida ou saúde em risco; que não é permitido deixar lixo em qualquer parte da reserva a não ser nos locais estabelecidos; que fotos e filmes sobre a fauna só poderão ser feitos de maneira que os animais não sejam molestados;
- Adequar periodicamente as atividades propostas, a infra-estrutura e ritmo de visitação, conforme as avaliações do impacto (capacidade de suporte) que estas estejam provocando no ambiente.
- As avaliações de impacto podem ser feitas visualmente pelos pesquisadores da reserva, guias ou através de estudo específico a ser desenvolvido pelo programa de monitoramento;
- Qualquer atividade que visivelmente esteja causando impacto ao ambiente deve ser imediatamente interrompida até que se tomem as medidas necessárias;
- Estudo mais detalhado das potencialidades turísticas da RPPN deverá ser realizado através de um projeto específico para esse fim;
- Buscar apoio dos órgãos governamentais e não-governamentais para a proteção da RPPN;
- Manter contato com os proprietários situados nas áreas limítrofes a RPPN, procurando conscientizá-los da importância da proteção à natureza, em geral, e da RPPN e seus atributos, em particular.

### **3.3.6 - Programa de Sustentabilidade Econômica**

O programa visa trabalhar com as estratégias de captação de recursos financeiros suplementares para dar suporte o alcance dos objetivos da RPPN Peugeot-ONF Brasil.

A ONF pretende manter a Fazenda São Nicolau por 40 anos, no entanto, algumas iniciativas podem ser potencializadas com ingresso de recursos financeiros de fontes externas.

#### **Objetivos:**

- Elaborar um orçamento anual com previsão de gastos com atividades de manutenção e fiscalização;
- Indicar fontes de recursos para sustentabilidade de área;
- Buscar parcerias, apoios e financiamentos externos para o desenvolvimento de pesquisas.

**Atividades e Normas:**

- Elaborar um plano orçamentário prevendo as despesas da RPPN, num prazo de 120 após a aprovação do Plano de Manejo;
- Elaboração de projetos para captação de recursos externos para pesquisa e monitoramentos;
- Formalizar parcerias com instituições de pesquisa e fomento.

**3.3.7 - Programa de Comunicação**

Este programa aborda as necessidades e as formas de comunicação com o público externo, incluindo divulgação da Reserva, suas estratégias de marketing, a definição e a comunicação específica com os diferentes grupos de stakeholders – incluindo poder público, comunidades de entorno e os diversos segmentos da sociedade em geral, criando formas e meios de comunicação específicos para atingir cada tipo de público.

**Objetivos:**

- Divulgar as atividades da RPPN Peugeot-ONF Brasil no cenário local e regional.
- Divulgar o Plano de Manejo para o público externo a RPPN, a fim de um melhor entendimento e divulgação das informações;
- Ampliar as pesquisas e visitação na Unidade.

**Atividades e normas:**

- Divulgação das atividades da RPPN na área do entorno (município, regional) em vários públicos, nacional e internacionalmente.
- Criar uma versão simplificada do Plano de Manejo em meio digital;
- Atualizar em site específico na internet as atividades da RPPN;
- Ministras palestras a respeito da RPPN motivando para criação de novas UC.

### **3.3.8 – Programa de Educação Ambiental**

Este programa faz parte de plano maior, já existente, que abrange a Fazenda São Nicolau e entorno, entretanto, as ações realizadas especificamente para a RPPN Peugeot-ONF Brasil serão repercutidas em longo alcance.

#### **Objetivos:**

- A RPPN Peugeot-ONF Brasil ser percebida como local de aprendizagem e sensibilização pela comunidade e visitantes;
- Integrar a pesquisa científica realizada na RPPN às ações de educação ambiental aos visitantes e comunidade;
- Apoiar todos os Programas do Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil.

#### **Atividades e Normas:**

- Elaborar Programa de Educação e Interpretação Ambiental, que atinja a comunidade local e visitantes, enfocando a importância da restauração ambiental, da conservação das espécies, em especial daquelas ameaçadas de extinção e de ecossistemas;
- Elaborar roteiro para observação de aves, direcionado à educação ambiental;
- Elaborar projeto para implantação de um Centro de Visitantes/Interpretação que possibilite educação ambiental e informações sobre a RPPN e os ecossistemas da região.

### **3.4 - PROJETOS ESPECÍFICOS**

O presente documento objetiva apresentar propostas de projetos futuros a serem desenvolvidos na RPPN Peugeot-ONF Brasil, cujo planejamento obedecerá ao recebimento de recursos e o estabelecimento de parcerias.

As propostas apresentadas abaixo dependerão da disponibilidade de recursos e autorizações dos órgãos ambientais.

a) Projeto Incentivo à Pesquisa: Elaborar projeto específico para adquirir equipamentos permanentes para auxiliar nas pesquisas e nos monitoramentos da RPPN motivando a parceria com Universidades da região.

b) Projeto Revitalização e Adequação: Elaborar projeto para angariar recursos financeiros para ampliar as acomodações e sanitários do alojamento de pesquisa. Instalar novas placas de aquecimento solar e adequar o sistema de tratamento de efluentes para os novos sanitários.

c) Projeto Estações de Pesquisa e Monitoramento: Elaborar projeto para a construção de torre de observação. Esta torre deverá ser utilizada para pesquisas científicas e para auxiliar na comunicação no campo.

d) Educação Ambiental

e) Projeto Plataforma Experimental para gestão dos Territórios Rurais da Amazônia Legal (PETRA) - é uma iniciativa da Peugeot e o Office National des Forêts (ONF), em parceria com o Fundo Francês para o Meio Ambiente Mundial (FFEM), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Secretaria Municipal de Agricultura, Meio Ambiente e Assuntos Fundiários (SAMA), Prefeitura de Cotriguaçu, Instituto Centro de Vida (ICV), The Nature Conservancy (TNC), Serviço Florestal Brasileiro (SFB), EMBRAPA Agrossilvipastoril, Secretaria de Estado do Meio Ambiente (SEMA) e a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar (SEDRAF).

O PETRA favorecerá: 1. gestão sustentável dos recursos naturais da região graças à melhoria dos sistemas locais de produção; 2. melhor conservação da biodiversidade, mediante a implantação de programas de pesquisa e de infraestruturas de acolhimento de nível universitário; 3. melhoria das condições socioeconômicas das comunidades locais.

### 3.5 -CRONOGRAMA DE ATIVIDADES E CUSTOS

O cronograma da RPPN Peugeot-ONF Brasil estabelece um prazo de três anos para a implantação das propostas de programas do Plano de Manejo (Tab.7). As atividades a serem executadas devem ser adequadas à realidade de funcionamento da RPPN, bem como a disponibilidade de recursos.

Tabela 7 - Cronograma de atividades de acordo com os programas estabelecidos pelo Plano de Manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil.

Atividades	Ano				
	1	2	3	4	5
<b>Programa de Administração</b>					
Adotar o zoneamento proposto e instituir os programas de manejo da RPPN Peugeot-ONF Brasil	X				
Adequar a gestão administrativa atual às necessidades de manejo da RPPN	X	X			
Atualizar a rotina de manutenção	X	X			
<b>Programa de Proteção e Fiscalização</b>					

Fixar placas indicativas e placas reguladoras nos limites da RPPN e nas vias de acesso	X	X	X		
Instalar vigilância eletrônica 24 horas por dia com sistema remoto de gravação de imagens		X			
Manter as cercas e porteiros em bom estado de conservação	X	X	X	X	X
Disponibilizar estojo de primeiros socorros válido para pesquisadores e administradores;	X	X	X	X	X
Utilização de sistema de comunicação portátil entre a administração e pesquisadores	X	X	X	X	X
<b>Programa de Pesquisa e Monitoramento</b>					
Elaborar um plano orçamentário prevendo as despesas da RPPN, num prazo de 120 após a aprovação do Plano de Manejo	X				
Elaboração de projetos para captação de recursos externos para pesquisa e monitoramentos	X	X	X	X	X
Formalizar parcerias com instituições de pesquisa e fomento	X	X	X	X	X
<b>Programa de Comunicação</b>					
Divulgação das atividades da RPPN na prefeitura de Cotriguaçu, no Ministério Público, na Polícia Ambiental do Estado, na Associação de proprietários de RPPNs e em eventos de conservação da natureza	X	X	X	X	X
Criar uma versão simplificada do Plano de Manejo em meio digital; atualizar em site específico na internet as atividades da RPPN	X				
Ministrar palestras a respeito da RPPN motivando para criação de novas UC	X	X	X	X	X
<b>Programa de Educação Ambiental</b>					
Elaborar Programa de Educação e Interpretação Ambiental, que atinja a comunidade local e visitantes, enfocando a importância da restauração ambiental, da conservação das espécies, em especial daquelas ameaçadas de extinção e de ecossistemas;					
Elaborar roteiro para observação de aves, direcionado à educação ambiental;		X	X	X	
Elaborar projeto para implantação de um Centro de Visitantes/Interpretação que possibilite educação ambiental e informações sobre a RPPN e os ecossistemas da região.					

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ADIS, J. 2002. Taxonomical classification and biodiversity, p. 13-15. In: Adis, J. (Ed.). Amazonian Arachnida and Myriapoda. Identification keys to all classes, orders, families, some genera, and lists of known terrestrial species. Pensoft Publishers, Sofia.

ADIS, J.; HARVEY, M. S. 2000. How many Arachnida and Myriapoda are there world-wide and in Amazonia? *Studies on Neotropical Fauna and Environment*, 35: 139-141.

AMARAL, W.A.N. et al. 2000. Políticas públicas em biodiversidade: conservação e uso sustentado no país da megadiversidade. *International Studies on Law and Education*, FFCL-USP, Harvard Law School Association, v. 29.

ANJOS-SILVA, E.J. 2011. Abelhas Euglossini (Anthophila: Hymenoptera: Apidae) nas margens do Rio Juruena: CheckList das Espécies na Floresta Amazônica em Cotriguaçu (Mato Grosso), incluindo Chave Ilustrada para Exaerete. Pp: 50-74. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). *Descobrimos a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT*. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

ANJOS-SILVA, E.J. 2010. EufrieseapulchraSmith (Hymenoptera: Apidae: Euglossini): Extended Geographic Distribution and Filling Gaps in MatoGrosso State, Brazil. *Neotropical Entomology*, 39: 133-136. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). *Descobrimos a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT*. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

ARRUDA, C.R. e DAHER, F.R.G. 2014. Relatório técnico de monitoramento do PRAD fazenda São Nicolau. 12p.

ARRUDA, C.R., RYN, P.V., DEFONTAINES, S., SILVA, R.P., LUGLI, L.F., SILVEIRA, R. e CASTRO, C.K.C. 2010. Fichário dos plantios da Fazenda São Nicolau. Arruda, C.R.(org.). 246p.

ÁVILA, R.W., CARVALHO, V.T., GORDO, M., KAWASHITA-RIBEIRO, R.A. e MORAIS, D.H. 2012. A new species of *Amazophrynella* (Anura: Bufonidae) from southern Amazonia. *Zootaxa*, 1-10.

AYRES, J. M. et al. 2005. Os corredores ecológicos das florestas tropicais do Brasil. Sociedade Civil Mamirauá.

BATTIROLA, L., BRESCOVIT, A. D., PENA-BARBOSA, J.P.P., PINHEIRO T.G. e BATISTELLA, D.A. 2011. Diplopoda (Myriapoda, Arthropoda) da Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu-MT. Pp.:35-49. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). *Descobrimos a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT*. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

BIRDLIFE INTERNATIONAL. 2000. Threatened birds of the World. Lynxeditions. Barcelona/Cambridge. 852p.

BODMER, R. E., EISENBERG, J. F. e REDFORD, K. H. 1997. Hunting and the likelihood of extinction of Amazonian mammals. *Conservation Biology*, 11: 460-466. Peres, 1990.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SC. 21 - Juruena. Rio de Janeiro: MMESG, 1980. 460 p. (Levantamento de Recursos Naturais, 20).

CARVALHO, L.N. 2008. História natural de peixes de igarapés amazônicos: utilizando a abordagem do Conceito do Rio Contínuo. Tese de Doutorado. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. 142 p.

CARVALHO, L.N., FILHO, J.A.L., RODRIGUES, R.R. e ZUANON, J. 2011. Peixes de Igarapés da Fazenda São Nicolau, Bacia do Rio Juruena. Pp:103-124. In: Rodrigues, D.J...et al. (orgs.). Descobrindo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

COLLAR, N. J. et al. 1992. Threatened birds of the Americas: Cambridge, The ICBP/IUCN Red Data Book. 1150p.

COLPINI, C., TRAVAGIN, D.P. e SILVA, V.S.M. 2008. Plano de Manejo Florestal de Uso Múltiplo da Floresta da Fazenda São Nicolau do Projeto “Poço de Carbono Florestal Peugeot- ONF Brasil”. 127p.

COSTA, F.R.C. 2004. Structure and composition of the ground-herb community in a terra-firme Central Amazonian forest. *Acta Amazonica* (34):53-59.

Decreto Estadual nº 7279/2006

Decreto Federal nº 1.922/1996

Decreto Federal nº 98.914/1990

Decreto nº 4340/2002

Decreto nº. 1.795/1997

Decreto nº. 1.795/97

EIRÓ, F. e TRICAUD, S. 2009. Gestão Ambiental de Assentamentos na Amazônia Estudo de caso do Projeto de Assentamento Juruena. 63p.

FEARNSIDE, P. M. Desmatamento na Amazônia: dinâmica, impactos e controle. *Acta Amazônica*, v. 36, n. 3, p. 395-400, 2006.

FEARNSIDE, P. M. 2015. Hidrelétricas e Hidrovias na Amazônia: Os Planos do Governo Brasileiro para a Bacia do Tapajós. *Ambio*. doi: 10.1007/s13280-015-0642-z (no prelo).

FERREIRA, L. M.; CASTRO, R. G. S. e CARVALHO, S. H. C. 2004. Roteiro metodológico para elaboração de Plano de Manejo pra Reservas Particulares do Patrimônio Natural. Ministério do Meio Ambiente, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Brasília: MMA. 95p.

Flora da Reserva Ducke: Guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra-firme na Amazônia Central. 1999. Ribeiro, J.E.L.S (org.). Manaus: INPA. 816p.

FONSECA, G. A. B. e SILVA, J. M. C. 2005. Megadiversidade Amazônica: Desafios para a sua Conservação. *Ciência & Ambiente*. Universidade Federal de Santa Maria, 31ª edição.



IBAMA, 2004: Lista Nacional das espécies da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. <<http://www.ibama.gov.br>>Acessado:30/11/2004.

IBGE:<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomashtml.shtm>HYPERLINK\

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. 2ªed revisada e ampliada. 271p.

Instituto Floresta Tropical – IFT. 2010. Diagnóstico do setor florestal de Cotriguaçu, Estado de Mato Grosso. Relatório final. 60p.

IUCN. 2006. IUCN Red List of Threatened Species. <<http://www.iucnredlist.org>> Acessado: 09/06/2007.

IUCN. 2009. IUCN Red List of Threatened Species. <http://www.iucnredlist.org>. Acessado:04/03/2010.

KAWASHITA-RIBEIRO, R.A., SILVA, J.P., SILVA, A.F., APARECIDA, L., ARRUDA, G., MOTT, T. e CARVALHO, M.A. 2011. Os Répteis Escamosos (Reptilia, Squamata) da Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, Mato Grosso, Brasil, um Estudo Preliminar.Pp:145-167. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). Descobrimo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

Lei Federal nº 9.985/2000

MARENCO, J. A. 2006. Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade: caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI. MMA, Ministério do Meio Ambiente. 201p.

MARTINS, A. et al. 2012. Entre terra e mar.

MENDONÇA, F.P., MAGNUSSON, W.E. e ZUANON, J. 2005. Relationships between habitat characteristics and fish assemblages in small streams of Central Amazonia.Copeia, 4:750-763.

MILANO, M. S. Unidades de Conservação: conceitos e princípios de planejamento e gestão. Curitiba, FUPEF. 65p., 1989.

MIRANDA, C.L., ROSSI, R.V., KUFFNER, H., e MORATELLI, A. 2011. Inventário de Mamíferos de Médio e Grande Porte. Pp.229-255. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). Descobrimo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

MITTERMEIER, R.A. et al. 2005. Uma breve história da conservação da biodiversidade no Brasil. Megadiversidade, v.1 (1)14-21.

MMA, 2015: <http://www.mma.gov.br/index.php/comunicacao/agencia-informma?view=blog&id=552>

MMA, 2003. Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, Ministério do Meio Ambiente, Ibama, Brasília.<http://www.ibama.gov.br/fauna/extincao>. Acesso em 20/04/2010.

MONTEIRO, D.S., VICENTE, R.E., OLIVEIRA, J.e IZZO, T.J. 2011. Composição e Riqueza de Formigas (Hymenoptera: Formicidae) em Áreas de Floresta Ombrófila Densa e Reflorestamento de

Teca (*Tectonagrandis* L. F. - Verbenaceae) na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT. Pp: 285-301. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). *Descobrimo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT*. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

NELSON, W. N. E OLIVEIRA, A. A. 2001. Área Botânica. Pp.132-182. In: *Biodiversidade na Amazônia: avaliação e ações prioritárias para a conservação, uso sustentável e repartição de benefícios*. Capobianco, J. P. R....et al.(orgs.). São Paulo: Estação Liberdade: Instituto Sócioambiental. 540p.

OLIVEIRA, D.M.M., NOVACK, L., FLORÊNCIO, F.P., ASSUMPCÃO, I.C., SILVEIRA, R.M.L., ALMEIDA, E.C. e WEISS, B. 2011. Aves da Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu - Mato Grosso: Diversidade, Endemismo e Conservação. Pp:169-202. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). *Descobrimo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT*. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

OREN, D.C. 2001. Biogeografia e conservação de aves na região amazônica. 1983. Pp.97-109 In: *Biodiversidade na Amazônia brasileira*. Copobianco, J.P.R et al. (Orgs.). São Paulo. Estação Liberdade/ISA.

PÁDUA, J. A. 2002. Um sopro de destruição: pensamento político e crítico no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

PAIXÃO, E.C. 2010. Levantamento da distribuição de herbáceas e sua relação com variáveis ambientais na floresta ombrófila da fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT. Relatório final.

PINHEIRO, M.R.2010. Recomendações para reconhecimento e implementação de mosaicos de áreas protegidas. Brasília, DF, GTZ.

PRIMACK, R. B. e RODRIGUES, E. 2001. *Biologia da conservação*. Londrina: Efraim Rodrigues, 328 p.

RODRIGUES, D. J., IZZO, T. J. e BATTIROLA, L. D. 2011. *Descobrimo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau*. Pau e Prosa Comunicação Ltda.301p.

RODRIGUES, D.J., LIMA. M.M., VELASQUEZ, C.L. e KONKOL, F. 2011. Composição da Anurofauna da Fazenda São Nicolau e sua comparação com outras localidades amazônicas. Pp:125-144. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). *Descobrimo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT*. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

SANTOS, J.P. 2015. "Implantação de Estratégias de Restauração de Matas Ciliares no Noroeste de Mato Grosso". Projeto financiado pela FAPEMAT.

Secretaria de Estado de Planejamento e Coordenação Geral - SEPLAN. 2011. *Atlas de Mato Grosso: abordagem socioeconômico-ecológica*. Camargo, L. (org). Cuiabá, MT. Ed. Entrelinhas. 96p.

SEMA, 2015:[www.sema.mt.gov.br](http://www.sema.mt.gov.br)

SEMEDO, T.B.F., RIBEIRO, L.R. e ROSSI, R.V. 2011. Inventário de Pequenos Mamíferos Não-Voadores. Pp.205-228. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). *Descobrimo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT*. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

Sendo Sustentável: <http://sendosustentavel.blogspot.com.br/2011/11/peugeot-vende-carbono-na-amazonia.html>

SEPLAN, 2015:<http://www.seplan.mt.gov.br/index.php/2013-05-10-18-14-38/2013-05-10-18-52-01/planos-de-desenvolvimento-regional>

SICK, H. 1997. Ornitologia Brasileira, uma introdução. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 912p.

SILVEIRA, R. 2011. Introdução ao Projeto de Reflorestamento para Sequestro de Carbono, Poço de Carbono Florestal Peugeot-ONF Brasil. Pp: 15-33. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). Descobrindo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

TERBORGH, J., SPERGEL, B. e GUAPYASSU, M. 2002. Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos. Editora UFPR/Fundação o Boticário. 518p.

TITO, M.R., NUNES, P.C. e VIVAN, J.L. 2011. Desenvolvimento agroflorestal no noroeste de Mato Grosso: dez anos contribuindo para a conservação e uso das florestas.

VAZ-DE-MELLO, F.Z., SILVA, L.R.L., NUNES, L. G.e CORRÊA, P.R.O.A. 2011. Os Besouros Rola-Bosta (Insecta: Coleoptera: Scarabaeidae: Scarabaeinae) da Fazenda São Nicolau. Pp: 75-102. In: Rodrigues, D.J....et al. (orgs.). Descobrindo a Amazônia Meridional: Biodiversidade da Fazenda São Nicolau Cuiabá-MT. Ed. Pau e Prosa Comunicação Ltda. 301 p.

## ANEXOS

ANEXO 1 – Espécies lenhosas amostradas na fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT. Coleta: 1 – Colpini *et al.* (2008); 2 – Juliano Santos (trabalhos em andamento); 3 – Luciana Rebellato e Fátima Sonoda (visita à área da RPPN).

<b>Familia</b>	<b>Nome científico</b>	<b>Nome vulgar</b>	<b>Coleta</b>
Anacardiaceae	<i>Anacardium giganteum</i> W. Hancock ex Engl.	cajueiro	1 e 3
Anacardiaceae	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	cajá	1
Anacardiaceae	<i>Tapirira</i> cf. <i>guianensis</i> Aubl.		2
Annonaceae	<i>Annona</i> sp.	ata	1
Annonaceae	<i>Guatteria</i> sp.1		2
Annonaceae	<i>Guatteria</i> sp.2		2
Annonaceae	<i>Xylopia frutescens</i> Aubl.	pindaiba/embieira	1
Annonaceae	<i>Xylopia sericea</i> A. St.-Hil.		2
Annonaceae	<i>Xylopia</i> sp.	pindaiba/embieira	1
Apocynaceae	<i>Aspidosperma album</i> (Vahl) Benoist ex Pichon	peroba d'agua	1
Apocynaceae	<i>Aspidosperma discolor</i> A. DC.	guarantã	1
Apocynaceae	<i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll. Arg.	peroba rosa	1
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i> sp.1	peroba	2
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i> sp.2	peroba	1
Apocynaceae	<i>Parahancornia amapa</i> (Huber) Ducke	amapá	1
Arecaceae	<i>Astrocaryum aculeatum</i> G. Mey.	tucum	3
Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	açaí	3
Arecaceae	<i>Euterpe precatoria</i> Mart.	palmito	3
Arecaceae	<i>Iriartea</i> sp.	paxiúba	3
Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f.	buriti	3
Arecaceae	<i>Mauritiella armata</i> (Mart.) Burret	buritirana	3
Arecaceae	<i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude	inajá	3
Arecaceae	<i>Oenocarpus bataua</i> Mart.	patuá	1 e 3
Arecaceae	<i>Orbignya</i> sp.	babaçu	3
Arecaceae	<i>Socratea exorrhiza</i> (Mart.) H. Wendl.	sete-perna	3
Bignoniaceae	<i>Handroanthus serratifolia</i> Vahl	ipê-amarelo	2
Bignoniaceae	<i>Jacaranda copaiba</i> Jacaranda copaia (Aubl.) D. Don	caroba	1 e 2
Bignoniaceae	<i>Tabebuia chrysantha</i> (Jacq.) G. Nicholson	ipê-amarelo	1
Bignoniaceae	<i>Tabebuia</i> sp.	ipê-roxo	1
Bombacaceae	<i>Ceiba pentandra</i> (L.) Gaertn.	sumaúma	1
Bombacaceae	<i>Eriotheca</i> sp.	paineira	1
Boraginaceae	<i>Cordia</i> cf. <i>alliodora</i> (Ruiz & Pav.) Oken	louro-freijó	2
Boraginaceae	<i>Cordia goeldiana</i> Huber	freijó	1
Burseraceae	<i>Protium</i> cf. <i>unifoliolatum</i> Engl.	breu	2
Burseraceae	<i>Protium robustum</i> (Swart) D.M. Porter	amescla-aroieira	1 e 3
Burseraceae	<i>Protium</i> sp.1	amescla breu	1
Burseraceae	<i>Protium</i> sp.2		2
Burseraceae	<i>Protium</i> sp.3		2

Burseraceae	<i>Tetragastris altissima</i> (Aubl.) Swart	breu-manga	2
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i> cf. <i>burserifolia</i> Mart.	breu-sucuruba	2
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i> sp.	morcegueira	1
Calophyllaceae	<i>Calophyllum</i> cf. <i>brasiliense</i> Cambess.	guanandi	2
Caricaceae	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A. DC.	jaracatiá	1 e 3
Caryocaraceae	<i>Caryocar glabrum</i> (Aubl.) Pers.	pequiarana	1
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i> sp.		2
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i> cf. <i>cordata</i> Prance		2
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i> sp.1		2
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i> sp.2		2
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i> sp.3		2
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i> sp.4		2
Combretaceae	<i>Buchenavia</i> sp.	mirindiba	1
Dichapetalaceae	<i>Tapura amazonica</i> Poepp.	morrão	2
Dilleniaceae	<i>Davilla</i> sp.		2
Euphorbiaceae	<i>Alchornea</i> sp.		2
Euphorbiaceae	<i>Amanoa</i> sp.		2
Euphorbiaceae	<i>Aparisthium cordatum</i> (A. Juss.) Baill.	pau-de-facho	2
Euphorbiaceae	<i>Conceveiba</i> sp.		2
Euphorbiaceae	<i>Hevea</i> sp.	seringueira	1 e 2
Euphorbiaceae	<i>Sapium aereum</i> Klotzsch ex Müll. Arg.	leiteiro	1 e 3
Euphorbiaceae	<i>Sapium bogotense</i> Huber	caucho/borracheira	1 e 3
Euphorbiaceae	<i>Sapium</i> sp.		2
Fabaceae	<i>Abarema jupunba</i> (Willd.) Britton & Killip	ingarana/tento-azul	2
Fabaceae	<i>Abarema</i> sp.		2
Fabaceae	<i>Acacia lorentensis</i> J.F. Macbr.	angico-monjoleiro	3
Fabaceae	<i>Albizia hassleri</i> (Chodat) Burkart	farinha seca	1
Fabaceae	<i>Alexa grandiflora</i> Ducke	sucupira branca/Melancieira	1
Fabaceae	<i>Anadenanthera peregrina</i> (L.) Speg.	angico	1 e 3
Fabaceae	<i>Andira surinamensis</i> (Bondt) Splitg. ex Pulle	angelim manteiga	1
Fabaceae	<i>Bauhinia macrostachya</i> Benth.	mororó/pata-de- vaca	1
Fabaceae	<i>Bowdichia nitida</i> Spruce ex Benth.	sucupira-amarela	1
Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	sucupira-preta	1
Fabaceae	<i>Cedrelinga cateniformis</i> (Ducke) Ducke	cedro-amazonense	1
Fabaceae	<i>Copaifera</i> sp.	copaiba	1, 2 e 3
Fabaceae	<i>Dialium guianense</i> (Aubl.) Sandwith	jutaí- pororoca/roxinho	1
Fabaceae	<i>Dinizia excelsa</i> Ducke	angelim pedra	1
Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Willd.	cumarú	1
Fabaceae	<i>Enterolobium maximum</i> Ducke	timburi/tamboril	1
Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	jatobá	1
Fabaceae	<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber	jatobá-mirim	1
Fabaceae	<i>Hymenolobium pulcherrimum</i> Ducke	angelim-amarelo	1
Fabaceae	<i>Hymenolobium</i> sp.		2
Fabaceae	<i>Inga</i> sp.	ingá	1

Fabaceae	<i>Inga</i> sp.1		2
Fabaceae	<i>Inga</i> sp.2		2
Fabaceae	<i>Inga</i> sp.3		2
Fabaceae	<i>Lonchocarpus sericeus</i> (Poir.) Kunth ex DC.	carrapato	1
Fabaceae	<i>Lonchocarpus</i> sp.	feijão-cru	1
Fabaceae	<i>Martiodendron elatum</i> (Ducke) Gleason	tamarindo	1
Fabaceae	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	angelim-saia	1 e 3
Fabaceae	<i>Peltogyne</i> sp.1		2
Fabaceae	<i>Peltogyne</i> sp.2		2
Fabaceae	<i>Peltogyne</i> sp.3		2
Fabaceae	<i>Peltogyne</i> sp.4		2
Fabaceae	<i>Pithecellobium tortum</i> Mart.	jurema	1
Fabaceae	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	sucupira-branca	2
Fabaceae	<i>Schizolobium amazonicum</i> Huber ex Ducke	paricá	3
Fabaceae	<i>Senna</i> sp.		2
Fabaceae	<i>Stryphnodendron guianense</i> (Aubl.) Benth.	faveira	1
Fabaceae	<i>Tachigali myrmecophila</i> (Ducke) Ducke	taxizeiro-preto	2
Fabaceae	<i>Vatairea sericea</i> (Ducke) Ducke	angelim-amargoso	1
Flacourtiaceae	<i>Casearia</i> sp.	espeteiro/osso-de-burro	1
Goupiaceae	<i>Goupia glabra</i> Aubl.	peroba-cupiuba	1 e 2
Hypericaceae	<i>Vismia</i> sp.		2
Icacinaceae	<i>Poraqueiba</i> sp.		2
Lamiaceae	<i>Vitex</i> sp.	Tres folhas	1 e 2
Lauraceae	<i>Mezilaurus itauba</i> (Meisn.) Taub. ex Mez	itaúba	1
Lauraceae	<i>Nectandra cissiflora</i> Nees	canela-fedida	1 e 3
Lauraceae	<i>Nectandra cuspidata</i> Nees & Mart.	canelão	1
Lauraceae	<i>Nectandra</i> sp.		2
Lauraceae	<i>Ocotea indecora</i> (Schott) Mez	canela-amarela	1
Lauraceae	<i>Ocotea</i> sp.1		2
Lauraceae	<i>Ocotea</i> sp.2		2
Lauraceae	<i>Ocotea</i> sp.3		2
Lauraceae	<i>Ocotea</i> sp.4	canela	1
Lecythidaceae	<i>Bertholletia excelsa</i> Bonpl.	castanheira	1
Lecythidaceae	<i>Cariniana micrantha</i> Ducke	jequitibá-do-brejo	1
Lecythidaceae	<i>Cariniana</i> sp.	jequitibá	3
Lecythidaceae	<i>Couratari guianensis</i> Aubl.	cachimbeiro/tauari	1
Lecythidaceae	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Miers	flor-de-paca/matamatá	1 e 3
Loganiaceae	<i>Antonia</i> sp.	quina	1
Malpighiaceae	<i>Byrsonima densa</i> (Poir.) DC.	murici	1
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i> sp.		2
Malvaceae	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.		1 e 2
Malvaceae	<i>Eriotheca candolleana</i> (K. Schum.) A. Robyns	imbiçu	2
Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	mutamba	2

Malvaceae	<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	açoita-cavalo	2
Malvaceae	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H. Karst.	axixá	3
Malvaceae	<i>Theobroma cacao</i> L.	cacau	1
Malvaceae	<i>Theobroma</i> sp.1		2
Malvaceae	<i>Theobroma</i> sp.2		2
Melastomataceae	<i>Bellucia grossularioides</i> (L.) Triana	goiaba-de-anta	1 e 2
Melastomataceae	<i>Miconia cuspidata</i> Mart. ex Naudin		2
Melastomataceae	<i>Miconia</i> sp.		2
Melastomataceae	<i>Mouriri</i> sp.	canela-de-cutia	1 e 3
Meliaceae	<i>Cedrella odorata</i> L.	cedro-rosa	1
Meliaceae	<i>Guarea silvatica</i> C. DC.	cedro-marinheiro	1
Meliaceae	<i>Swietenia macrophylla</i> King	mogno	3
Menispermaceae	<i>Abuta concolor</i> Benth.	buta	2
Monimiaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	negramina	1 e 2
Moraceae	<i>Bagassa guianensis</i> Aubl.	garrote/tatajuba	1
Moraceae	<i>Brosimum galactodendron</i> D. Don ex Sweet	soverria/burra-leitera	1
Moraceae	<i>Brosimum</i> sp.		2
Moraceae	<i>Clarisia racemosa</i> Ruiz & Pav.	guariuba/oiticica	1
Moraceae	<i>Ficus dendrocida</i> Kunth	figueira-mata-pau	1
Moraceae	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth & C.D. Bouché	figueira-branca	1
Moraceae	<i>Ficus</i> sp.1		2
Moraceae	<i>Ficus</i> sp.2		2
Moraceae	<i>Ficus</i> sp.3		2
Moraceae	<i>Ficus</i> sp.4		2
Moraceae	<i>Ficus</i> sp.5		2
Moraceae	<i>Ficus</i> sp.6		2
Moraceae	<i>Helicostylis pedunculata</i> Benoist	inharé	1
Moraceae	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	amoreira	3
Moraceae	<i>Maquira calophylla</i> (Poepp. & Endl.) C.C. Berg	cega-corrente	1 e 3
Moraceae	<i>Sorocea</i> cf. <i>bonplandii</i> (Baill.) W.C. Burger, Lanj. & Wess. Boer	folha-de-serra	2
Myristicaceae	<i>Iryanthera crassifolia</i> A.C. Sm.	lacre-da-mata	1 e 3
Myristicaceae	<i>Iryanthera macrophylla</i> (Benth.) Warb.	ucuúba-vermelha	1
Myristicaceae	<i>Virola</i> cf. <i>sebifera</i> Aubl.	ucuúba-de-sangue	2
Myristicaceae	<i>Virola pavonis</i> (A. DC.) A.C. Sm.	ucuúba-do-baixio	1
Myristicaceae	<i>Virola</i> sp.1		2
Myristicaceae	<i>Virola</i> sp.2		2
Myristicaceae	<i>Virola</i> sp.3	virola	1
Myrtaceae	<i>Eugenia bracteata</i> Korth.	grão-de-galo	1 e 3
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.1		2
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.2		2
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.3		2
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.4	araçá/jacuticaba	1
Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.5	Goiabão	1
Myrtaceae	<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	guamirin-chorão	2
Nyctaginaceae	<i>Guapira</i> cf. <i>opposita</i> (Vell.) Reitz	louro-branco	2



Nyctaginaceae	<i>Neea</i> sp.	joão-mole	1
Ochnaceae	<i>Ouratea</i> sp.		2
Polygonaceae	cf. <i>Cocoloba</i> sp.		2
Polygonaceae	<i>Triplares</i> sp.		2
Primulaceae	<i>Symbiantus</i> sp.		2
Rhamnaceae	<i>Colubrina glandulosa</i> Perkins	saquaraji	1 e 3
Rubiaceae	<i>Amaioua</i> cf. <i>guianensis</i> Aubl.	carvoeiro	2
Rubiaceae	<i>Amaioua guianensis</i> Aubl.	marmelada	1
Rubiaceae	<i>Capirona huberiana</i> Ducke	escorrega-macaco	1 e 3
Rubiaceae	<i>Cinchona</i> sp.	quina	3
Rubiaceae	<i>Cordiara</i> sp.		2
Rubiaceae	<i>Isertia hypoleuca</i> Benth.		2
Rubiaceae	<i>Palicourea</i> cf. <i>guianensis</i> Aubl.	erva-de-bicho-bravo	2
Rubiaceae	<i>Psychotria</i> sp.		2
Rubiaceae	<i>Rhamdia armata</i>		2
Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	mamica-de-porca	1
Salicaceae	<i>Casearia</i> sp.1		2
Salicaceae	<i>Casearia</i> sp.2		2
Salicaceae	<i>Casearia</i> sp.3		2
Salicaceae	<i>Casearia</i> sp.4		2
Sapindaceae	<i>Cupania scrobiculata</i> Rich.	cambuata	2
Sapindaceae	<i>Magonia pubescens</i> A. St.-Hil.	timbó	1
Sapindaceae	<i>Matayba</i> sp.		2
Sapindaceae	<i>Toulicia guianensis</i> Aubl.	pitomba-brava	2
Sapotaceae	<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) A. Chev.	maçaranduba	1 e 3
Sapotaceae	<i>Micropholis guyanensis</i> (A. DC.) Pierre	balata	1
Sapotaceae	<i>Micropholis</i> sp.1		2
Sapotaceae	<i>Micropholis</i> sp.2		2
Sapotaceae	<i>Pouteria laurifolia</i> (Gomes) Radlk.	abiurana-casca-fina	1
Sapotaceae	<i>Pouteria pariry</i> (Ducke) Baehni	baehni-pariri	1
Sapotaceae	<i>Pouteria ramiflora</i> (Mart.) Radlk.	abiu	2
Sapotaceae	<i>Pouteria</i> sp.	abiu	1
Sapotaceae	<i>Sapindus cerasinus</i> Benth.	pitombeira/olha-de-pompa	1
Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl.	caixeta/marupá	1
Tiliaceae	<i>Luehea conwentsii</i> K. Schum.	açoita-cavalo	1 e 3
Urticaceae	<i>Cecropia sciadophylla</i> Mart.	embaúba	2
Urticaceae	<i>Cecropia</i> sp.	embauba	1
Vochysiaceae	<i>Erismia</i> sp.		2
Vochysiaceae	<i>Qualea paraensis</i>	mandioqueira-escamosa	2
Vochysiaceae	<i>Vochysia</i> sp.	cambará	1
Vochysiaceae	<i>Erismia uncinatum</i> Warm.	cambará-rosa	3

ANEXO 2 - Espécies herbáceas da Fazenda São Nicolau e RPPN Peugeot-ONF Brasil, município de Cotriguaçu, MT.

<b>Família</b>	<b>Espécie</b>
Araceae	Araceae 1
Araceae	Araceae 2
Aspleniaceae	<i>Asplenium laetum</i> Sw.
Costaceae	<i>Costus scaber</i> Ruiz & Pav.
Costaceae	<i>Costus</i> sp.
Cyperaceae	<i>Scleria secans</i> (L.) Urb.
Cyperaceae	<i>Scleria</i> sp.
Dryopteridaceae	<i>Polybotrya</i> sp.
Dryopteridaceae	<i>Thelipteris</i> sp.
Heliconiaceae	<i>Heliconia</i> sp.
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes pinnatum</i> Hedw.
Hymenophyllaceae	<i>Trichomanes vittaria</i> DC. ex Poir.
Indeterminada	Indeterminada 1
Indeterminada	Indeterminada 2
Indeterminada	Indeterminada 3
Lomariopsidaceae	<i>Lomariopsis japurensis</i> (Mart.) J. Sm.
Marantaceae	<i>Calathea</i> sp.1
Marantaceae	<i>Calathea</i> sp.2
Marantaceae	<i>Calathea</i> sp.3
Marantaceae	<i>Calathea zingiberina</i> Körn.
Marantaceae	<i>Ischnosiphon</i> sp.1
Marantaceae	<i>Ischnosiphon</i> sp.2
Marantaceae	<i>Marantaceae</i> 1
Marantaceae	<i>Marantaceae</i> 2
Poaceae	<i>Olyra latifolia</i> L.
Poaceae	<i>Pariana</i> sp.1
Poaceae	<i>Pariana</i> sp.2
Poaceae	<i>Streptogyna americana</i> C.E. Hubb.
Polypodiaceae	<i>Campyloneurum repens</i> (Aubl.) C. Presl
Pteridaceae	<i>Adiantum argutum</i> Splitg.
Pteridaceae	<i>Adiantum dolosum</i> Kunze
Pteridaceae	<i>Adiantum glaucescens</i> Klotzsch
Pteridaceae	<i>Adiantum lucidum</i> (Cav.) Sw.
Pteridaceae	<i>Adiantum obliquum</i> Willd.
Pteridaceae	<i>Adiantum terminatum</i> Kunze ex Miq.
Selaginellaceae	<i>Selaginella amazonica</i> Spring
Strelitziaceae	<i>Phenakospermum guyannense</i> (Rich.) Endl.
Tectariaceae	<i>Tectaria incisa</i> Cav.
Tectariaceae	<i>Triplophyllum hirsutum</i> (Holttum) J. Prado & R.C. Moran

## ANEXO 3 – Distribuição de Diplopoda (Arthropoda, Myriapoda) entre as diferentes áreas avaliadas na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, MT.

<b>Ordem</b>	<b>Família</b>	<b>Táxons</b>
Polydesmida	Asphelidesmidae	<i>Ochrotropis</i> sp. 1
	Chelodesmidae	<i>Angelodesmus</i> sp. 1
		gen. 1 sp. 1
		gen. 2 sp. 1
		gen. 3 sp. 1
Paradoxosomatidae	<i>Orthomorpha gracilis</i>	
	<i>Catharosoma</i> sp. 1	
Spirobolida	Pyrgodesmidae	gen. 1 sp. 1
	Spirobolidae	gen. 1 sp. 1
		gen. 2 sp. 1
		gen. 3 sp. 1
	Rhinocricidae	gen. 1 sp. 1
Spirostreptida	Spirostreptidae	gen. 1 sp. 1
		gen. 2 sp. 1
	Pseudonannolenidae	gen. 1 sp. 1
		gen. 1 sp. 2
		gen. 2 sp. 1
Polyxenida	Polyxenidae	gen. 1 sp. 1

## ANEXO 4 – Espécies de abelhas inventariadas na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu-MT.

<b>Espécies</b>
<i>Eulaena cingulata</i> (Fabricius, 1804)
<i>Eulaena pseudocingulata</i> Oliveira, 2006
<i>Eulaena meriana</i> (Olivier, 1789)
<i>Eulaena nigrita</i> Lepeletier, 1841
<i>Eufriesea pulchra</i> (Smith, 1854)
<i>Euglossa annectans</i> , Dressler, 1982
<i>Euglossa chalybeata</i> Friese, 1925
<i>Euglossa imperialis</i> Cockerell, 1922
<i>Euglossa analis</i> Westwood, 1840
<i>Euglossa liopoda</i> Dressler, 1982
<i>Euglossa melanotricha</i> , Moure, 1967
<i>Euglossa pleosticta</i> Dressler, 1982
<i>Euglossa modestior</i> Dressler, 1982
<i>Euglossa iopyrrha</i> Dressler, 1982
<i>Euglossa augaspis</i> Dressler, 1982
<i>Euglossa securigera</i> Dressler, 1982
<i>Euglossa townsendi</i> Cockerell, 1904
<i>Euglossa fimbriata</i> Rebêlo e Moure, 1995
<i>Exaerete frontalis</i> (Guérin-Mèneville, 1845)
<i>Exaerete smaragdina</i> (Guérin-Mèneville, 1845)

ANEXO 5 - Espécies de Scarabaeinae coletadas na Fazenda São Nicolau; tribo, grupo funcional e novos registros estaduais, Cotriguaçu, MT.

<b>Espécie</b>	<b>Tribo</b>	<b>Grupo funcional</b>	<b>Novo Registro</b>
<i>Anomiopus</i> sp.1	Canthonini	desconhecido	
<i>Anomiopus</i> sp.2	Canthonini	desconhecido	
<i>Anomiopus</i> sp.3	Canthonini	desconhecido	
<i>Anomiopus</i> sp.4	Canthonini	desconhecido	
<i>Anomiopus</i> sp.5	Canthonini	desconhecido	
<i>Ateuchus</i> aff. <i>candezei</i> (Harold, 1868)	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> aff. <i>ovalis</i> (Boucomont, 1928)	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> aff. <i>striatulus</i> (Preudhomme de Borre, 1886)	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus connexus</i> (Harold, 1868)	Ateuchini	paracoprídeo	MT
<i>Ateuchus murrayi</i> (Harold, 1868)	Ateuchini	paracoprídeo	MT
<i>Ateuchus</i> sp.1	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> sp.2	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> sp.3	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> sp.4	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> sp.5	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> sp.6	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Ateuchus</i> sp.7	Ateuchini	paracoprídeo	
<i>Besourenge horacioi</i> (Martínez, 1969)	Ateuchini	endocoprídeo?	MT
<i>Canthidium</i> ( <i>Canthidium</i> ) aff. <i>bokermanni</i> (Martínez, Halfpter e Pereira, 1964)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> ( <i>Canthidium</i> ) aff. <i>gerstaeckeri</i> Harold, 1867	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> ( <i>Canthidium</i> ) aff. <i>korschefskyi</i> Balthasar, 1939	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> ( <i>Canthidium</i> ) aff. <i>lentum</i> Erichson, 1848	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> ( <i>Eucanthidium</i> ) aff. <i>ardens</i> Bates, 1887 sp.1	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> ( <i>Eucanthidium</i> ) aff. <i>ardens</i> Bates, 1887 sp.2	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> ( <i>Eucanthidium</i> ) aff. <i>funebre</i> Balthasar, 1939	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> ( <i>Eucanthidium</i> ) aff. <i>onitoides</i> (Perty, 1830)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.1	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.2	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.3	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.4	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.5	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.6	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.7	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.8	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.9	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthidium</i> sp.10	Coprini	paracoprídeo	
<i>Canthon</i> ( <i>Canthon</i> ) <i>chalybaeus</i> (Blanchard, 1845)	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon</i> ( <i>Canthon</i> ) <i>lituratus</i> (Germar, 1813)	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon</i> ( <i>Canthon</i> ) <i>proseni</i> (Martínez, 1949)	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Canthon</i> ( <i>Glaphyrocanthon</i> ) aff. <i>angustatus</i> Harold, 1867	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon</i> ( <i>Glaphyrocanthon</i> ) aff. <i>simulans</i> (Martínez, 1950)	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon</i> ( <i>Glaphyrocanthon</i> ) aff. <u><i>subhyalinus</i></u> Harold, 1867	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon</i> ( <i>Glaphyrocanthon</i> ) <i>bimaculatus</i> Schmidt, 1922	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Canthon</i> ( <i>Glaphyrocanthon</i> ) <i>luteicollis</i> Erichson, 1847	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Canthon</i> ( <i>Glaphyrocanthon</i> ) <i>semiopacus</i> Harold, 1868	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Canthon</i> aff. <i>luctuosus</i> Harold, 1868	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon</i> aff. <i>sericatus</i> Schmidt, 1922 sp.1	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon</i> aff. <i>sericatus</i> Schmidt, 1922 sp.2	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Canthon histrio</i> (Le Peletier e Audinet-Serville 1828)	Canthonini	telecoprídeo	

<i>Canthon triangularis</i> (Drury, 1770)	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Canthonella</i> sp.	Epilissini	telecoprídeo?	
<i>Coprophanaeus (Coprophanaeus) degallieri</i> Arnaud, 2002	Phanaeini	paracoprídeo	MT
<i>Coprophanaeus (Coprophanaeus) jasius</i> (Olivier, 1789)	Phanaeini	paracoprídeo	MT
<i>Coprophanaeus (Coprophanaeus) telamon</i> (Erichson, 1847)	Phanaeini	paracoprídeo	
<i>Coprophanaeus (Megaphanaeus) lancifer</i> (Linnaeus, 1767)	Phanaeini	paracoprídeo	
<i>Cryptocanthon</i> sp.	Demarziellini	desconhecido	
<i>Deltochilum (Calhyboma) carinatum</i> (Westwood, 1837)	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Deltochilum (Deltochilum) enceladum</i> Kolbe, 1893	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Deltochilum (Deltohyboma) aff. peruanum</i> Paulian, 1938	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Deltochilum (Deltohyboma) aff. silphoides</i> Balthasar, 1939	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Deltochilum (Deltohyboma) aff. valgum</i> Burmeister, 1873	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Deltochilum (Hybomidium) amazonicum</i> Bates, 1887	Canthonini	telecoprídeo	MT
<i>Deltochilum (Telhyboma) orbiculare</i> Lansberge, 1874	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Deltorhinum</i> sp.	Ateuchini	desconhecido	
<i>Dendropaemon aff. angustipennis</i> Harold, 1869	Phanaeini	desconhecido	
<i>Dendropaemon</i> sp.1	Phanaeini	desconhecido	
<i>Dendropaemon</i> sp.2	Phanaeini	desconhecido	
<i>Dichotomius (Dichotomius) carinatus</i> (Luederwaldt, 1925)	Coprini	paracoprídeo	MT
<i>Dichotomius (Dichotomius) imitator</i> (Felsche, 1901)	Coprini	paracoprídeo	MT
<i>Dichotomius (Dichotomius) longiceps</i> (Taschenberg, 1870)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Dichotomius (Dichotomius) mamillatus</i> (Felsche, 1901)	Coprini	paracoprídeo	MT
<i>Dichotomius (Dichotomius) melzeri</i> (Luederwaldt, 1922)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Dichotomius (Dichotomius) aff. nimuendaju</i> (Luederwaldt, 1925)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Dichotomius (Dichotomius) robustus</i> (Luederwaldt, 1935)	Coprini	paracoprídeo	MT
<i>Dichotomius (Dichotomius) worontzowi</i> (Pereira, 1942)	Coprini	paracoprídeo	MT
<i>Dichotomius (Luederwaldtinia) aff. globulus</i> (Felsche, 1901)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Dichotomius (Luederwaldtinia) aff. latistriatus</i> (Luederwaldt, 1935)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Dichotomius (Luederwaldtinia) aff. lucasi</i> (Harold, 1869)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Dichotomius (Luederwaldtinia) pseudocuprinus</i> Gandini e Aguilar, 2009	Coprini	paracoprídeo	
<i>Dichotomius (Selenocopris) aff. fissus</i> (Harold, 1867)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Digitonthophagus gazella</i> (Fabricius, 1781)	Onthophagini	paracoprídeo	
<i>Eurysternus arnaudi</i> Génier, 2009	Oniticellini	endocoprídeo	
<i>Eurysternus atrosericus</i> Génier, 2009	Oniticellini	endocoprídeo	
<i>Eurysternus caribaeus</i> (Herbst, 1789)	Oniticellini	endocoprídeo	
<i>Eurysternus foedus</i> Guérin-Méneville, 1830	Oniticellini	endocoprídeo	
<i>Eurysternus hamaticollis</i> Balthasar, 1939	Oniticellini	endocoprídeo	
<i>Eurysternus hypocrita</i> Balthasar, 1939	Oniticellini	endocoprídeo	
<i>Eurysternus vastiorum</i> Martínez, 1988	Oniticellini	endocoprídeo	MT
<i>Eurysternus wittmerorum</i> Martínez, 1988	Oniticellini	endocoprídeo	
<i>Eutrichillum</i> sp.	Ateuchini	endocoprídeo?	
<i>Hansreia</i> sp.	Canthonini	telecoprídeo?	
<i>Ontherus (Ontherus) aff. planus</i> Génier, 1996	Coprini	paracoprídeo	
<i>Ontherus (Ontherus) appendiculatus</i> (Mannerheim, 1829)	Coprini	paracoprídeo	
<i>Ontherus (Ontherus) azteca</i> Harold, 1869	Coprini	paracoprídeo	
<i>Ontherus (Ontherus) carinifrons</i> Luederwaldt, 1930	Coprini	paracoprídeo	MT
<i>Onthophagus (Onthophagus) aff. clypeatus</i> Blanchard, 1845	Onthophagini	paracoprídeo	
<i>Onthophagus (Onthophagus) aff. digitifer</i> Boucomont, 1932	Onthophagini	paracoprídeo	
<i>Onthophagus (Onthophagus) aff. haematopus</i> Harold, 1875	Onthophagini	paracoprídeo	
<i>Onthophagus (Onthophagus) aff. hirculus</i> (Mannerheim,	Onthophagini	paracoprídeo	

1829)			
<i>Onthophagus (Onthophagus) aff. onorei</i> Zunino e Halffter, 1995	Onthophagini	paracoprídeo	
<i>Onthophagus (Onthophagus) aff. osculatii</i> Guérin Méneville, 1855	Onthophagini	paracoprídeo	
<i>Onthophagus (Onthophagus) onthochromus</i> Arrow, 1913	Onthophagini	paracoprídeo	
<i>Oxysternon (Mioxysternon) striatopunctatum</i> d'Olsoufieff, 1824	Phanaeini	paracoprídeo	
<i>Oxysternon (Oxysternon) conspicillatum</i> (Weber, 1801)	Phanaeini	paracoprídeo	MT
<i>Oxysternon (Oxysternon) macleayi</i> Nevinson, 1892	Phanaeini	paracoprídeo	
<i>Oxysternon (Oxysternon) silenus</i> Castelnau, 1840	Phanaeini	paracoprídeo	
<i>Phanaeus (Notiophanaeus) alvarengai</i> Arnaud, 1984	Phanaeini	paracoprídeo	MT
<i>Phanaeus (Notiophanaeus) bispinus</i> Bates, 1868	Phanaeini	paracoprídeo	MT
<i>Phanaeus (Notiophanaeus) chalcomelas</i> (Perty, 1830)	Phanaeini	paracoprídeo	MT
<i>Pseudocanthon aff. xanthurus</i> (Blanchard, 1845)	Epilissini	desconhecido	
<i>Scybalocanthon</i> sp.1	Canthonini	telecoprídeo	
<i>Sinapisoma</i> sp.	Ateuchini	desconhecido	
<i>Sulcophanaeus faunus</i> (Fabricius, 1775)	Phanaeini	paracoprídeo	
<i>Trichillidium aff. brevisetosum</i> (Howden e Young, 1981)	Ateuchini	endocoprídeo?	
<i>Trichillidium aff. pilosum</i> (Robinson, 1944)	Ateuchini	endocoprídeo?	
<i>Trichillum</i> sp.	Ateuchini	endocoprídeo	
<i>Uroxys</i> sp.1	Ateuchini	endocoprídeo?	
<i>Uroxys</i> sp. 2	Ateuchini	endocoprídeo?	

ANEXO 6 - Espécies de formigas coletadas no solo de áreas de reflorestamento de Teca (*Tectona grandis*) e coletadas no solo e na vegetação sub-arbórea de mata nativa, na Fazenda São Nicolau, Cotriguaçu, Mato Grosso.

Espécies	Teca	Mata/solo	Mata/vegetação
<i>Acromyrmex</i> sp.1			x
<i>Apterostigma</i> sp.1		x	
<i>Azteca</i> sp.1			x
<i>Brachymyrmex</i> sp.1		x	
<i>Camponotus</i> sp.1		x	x
<i>Camponotus</i> sp.2		x	x
<i>Camponotus</i> sp.3			x
<i>Camponotus</i> sp.4		x	x
<i>Camponotus</i> sp.7		x	x
<i>Camponotus</i> sp.8			x
<i>Camponotus</i> sp.9			x
<i>Cephalotes pellans</i> (De Andrade, 1999)	x	x	x
<i>Cephalotes</i> sp.2			x
<i>Cephalotes varians</i> (Smith, 1876)		x	
<i>Crematogaster</i> sp.1	x	x	x
<i>Crematogaster</i> sp.2		x	x
<i>Crematogaster</i> sp.3		x	
<i>Cyphomyrmex minutus</i> (Mayr, 1862)		x	
<i>Cyphomyrmex</i> sp.2		x	
<i>Cyphomyrmex</i> sp.3	x	x	
<i>Daceton armigerum</i> (Latreille, 1802)		x	x
<i>Dischothyrea</i> sp.1	x		x
<i>Dolichoderus</i> sp.1		x	x
<i>Dolichoderus</i> sp.3		x	x

<i>Ectatomma</i> sp.1		X	X
<i>Hylomyrma</i> sp.1		X	
<i>Hypoponera</i> sp.1	X		X
<i>Hypoponera</i> sp.2	X	X	
<i>Hypoponera</i> sp.3		X	
<i>Hypoponera</i> sp.4		X	
<i>Hypoponera</i> sp.6		X	
<i>Hypoponera</i> sp.7		X	X
<i>Labidus</i> sp.1		X	
<i>Linepthema</i> sp.1	X		X
<i>Myrmicocrypta</i> sp.1		X	
<i>Nylanderia</i> sp.1	X		
<i>Nylanderia</i> sp.2	X	X	
<i>Ochetomyrmex</i> sp.1		X	X
<i>Ochetomyrmex</i> sp.2		X	
<i>Odontomachus</i> sp.1		X	X
<i>Pachycondyla</i> sp.1		X	X
<i>Pachycondyla</i> sp.2		X	X
<i>Pachycondyla</i> sp.3	X		
<i>Pachycondyla</i> sp.4		X	
<i>Pheidole</i> sp.1	X	X	
<i>Pheidole</i> sp.2	X	X	
<i>Pheidole</i> sp.3	X		
<i>Pheidole</i> sp.4		X	X
<i>Pheidole</i> sp.5			X
<i>Pheidole</i> sp.6	X	X	
<i>Pheidole</i> sp.7		X	X
<i>Pheidole</i> sp.9	X		X
<i>Pheidole</i> sp.12	X		X
<i>Pheidole</i> sp.13	X		
<i>Pheidole</i> sp.14			X
<i>Pheidole</i> sp.15	X	X	
<i>Pheidole</i> sp.16	X		
<i>Pheidole</i> sp.17	X		
<i>Pseudomyrmex</i> sp.1			X
<i>Pyramica</i> sp.1		X	
<i>Rogeria</i> sp.1	X		
<i>Rogeria</i> sp.2	X		
<i>Solenopsis</i> sp.1	X	X	
<i>Solenopsis</i> sp.2	X	X	X
<i>Solenopsis</i> sp.3	X		
<i>Solenopsis</i> sp.4	X		
<i>Solenopsis</i> sp.5	X	X	
<i>Solenopsis</i> sp.6	X	X	
<i>Strumigenys</i> sp.1	X		X
<i>Tapinoma</i> sp.1	X	X	
<i>Trachymyrmex</i> sp.1	X		
<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>46</b>	<b>33</b>



ANEXO 7 - Espécies de peixes e seu respectivo número de exemplares capturados nos ambientes de floresta preservada (Mata), e pastagem (Pasto), em igarapés de primeira e segunda ordem pertencentes à bacia do Rio Juruena, na Fazenda São Nicolau, em coletas realizadas em dezembro de 2009. (N) = número de igarapés amostrados em cada tipo de ambiente.

ORDEM/Família	Espécie	Mata	Pasto
<b>CHARACIFORMES</b>			
<b>Characidae</b>			
	<i>Astyanax</i> cf. <i>bimaculatus</i> (Linnaeus, 1758)	0	2
	<i>Astyanax</i> cf. <i>maximus</i> (Steindachner, 1877)	1	0
	<i>Astyanax</i> sp.	1	0
	<i>Astyanax</i> sp.1	6	0
	<i>Bryconops</i> aff. <i>affinis</i> (Günther, 1864)	2	0
	<i>Bryconops</i> aff. <i>caudomaculatus</i> (Günther, 1864)	0	7
	<i>Bryconops giacopinii</i> (Fernández-Yépez, 1950)	0	1
	<i>Bryconops</i> sp.	15	0
	<i>Creagrutus ignotus</i> (Vari e Harold, 2001)	4	3
	<i>Hemigrammus</i> sp.	34	79
	<i>Hyphessobrycon</i> cf. <i>melazonatus</i> (Durbin, 1908)	17	0
	<i>Hyphessobrycon</i> sp.	1	0
	<i>Hyphessobrycon</i> sp.1	0	11
	<i>Hyphessobrycon</i> aff. <i>heliacus</i> (Moreira, Landim e Costa, 2002)	0	1
	<i>Hyphessobrycon</i> sp.3	0	139
	<i>Jupiaba acanthogaster</i> (Eigenmann, 1911)	1	0
	<i>Knodus heteresthes</i> (Eigenmann, 1908)	1	0
	<i>Knodus</i> sp.1	12	13
	<i>Moenkhausia cotinho</i> Eigenmann, 1908	1	0
	<i>Moenkhausia oligolepis</i> (Günther, 1864)	0	1
	<i>Moenkhausia sanctaefilomenae</i> (Steindachner, 1907)	3	0
	<i>Odontostilbe</i> sp.	0	54
	<i>Odontostilbe</i> sp.1	4	16
	<i>Odontostilbe</i> sp.2	0	2
	<i>Phenacogaster retropinnatus</i> Lucena e Malabarba, 2010	0	2
<b>Crenuchidae</b>	<i>Characidium</i> cf. <i>steindachneri</i> Cope, 1878	1	0
<b>Curimatidae</b>	<i>Cyphocharax signatus</i> (Vari, 1992)	5	0
	<i>Erythrinus erythrinus</i> (Bloch e Schneider, 1801)	6	2
<b>Erytrinidae</b>			
<b>Prochilodontidae</b>	<i>Prochilodus nigricans</i> Spix e Agassiz, 1829	0	1
<b>CYPRINODONTIFORMES</b>			
<b>Poeciliidae</b>	<i>Pamphorichthys scalpridens</i> (Garman, 1895)	0	7
<b>GYMNOTIFORMES</b>			
<b>Gymnotidae</b>	<i>Gymnotus</i> cf. <i>carapo</i> Linnaeus, 1758	4	2
<b>Sternopygidae</b>	<i>Eigenmannia</i> cf. <i>trilineata</i> López e Castello, 1966	2	1
<b>PERCIFORMES</b>			
<b>Cichlidae</b>	<i>Aequidens epae</i> Kullander, 1995	15	0
	<i>Crenicichla</i> cf. <i>lepidota</i> Heckel, 1840	1	0
<b>SILURIFORMES</b>			
<b>Auchenipteridae</b>	<i>Tatia intermedia</i> (Steindachner, 1877)	2	0
<b>Callichthyidae</b>	<i>Corydoras</i> cf. <i>polistictus</i> Regan, 1912	3	0

	<i>Megalechis picta</i> (Müller e Troschel, 1849)	0	1
<b>Cetopsidae</b>	<i>Cetopsis sandrae</i> Vari, Ferraris e de Pinna, 2005	1	0
<b>Heptapteridae</b>	<i>Imparfinis</i> aff. <i>strictonotus</i> (Fowler, 1940)	10	0
	<i>Phenacorhamdia</i> sp.	0	1
<b>Heptapteridae</b>	<i>Rhamdia</i> sp.	1	0
<b>Loricariidae</b>	<i>Ancistrus</i> sp.1	3	1
	<i>Farlowella</i> sp.	0	4
	<i>Farlowella</i> sp.1	0	4
	<i>Hypostomus carinatus</i> (Steindachner, 1881)	2	0
	Hypoptomatinae gen.n sp.n	7	29
	<i>Parotocinclus</i> sp.	11	15
	<i>Rineloricaria</i> sp.	1	1
	<i>Rineloricaria</i> sp.1	0	2
<b>Trichomycteridae</b>	<i>Ituglanis</i> sp.2	1	0
<b>SYNBRANCHIFORMES</b>			
<b>Synbranchidae</b>	<i>Synbranchus</i> sp.	1	0

ANEXO 7.1 - Espécies de peixes capturados qualitativamente nos ambientes de floresta preservada (Mata), e pastagem (Pasto), em igarapés de primeira e segunda ordem pertencentes à bacia do Rio Juruena, na Fazenda São Nicolau.

<b>ORDEM/Família</b>	<b>Espécie</b>
<b>CHARACIFORMES</b>	
<b>Characidae</b>	<i>Astyanax</i> cf. <i>maximus</i> (Steindachner, 1877) <i>Creagrutus ignotus</i> Vari e Harold, 2001 <i>Hemigrammus</i> sp. <i>Hyphessobrycon</i> cf. <i>melazonatus</i> (Durbin, 1908) <i>Hyphessobrycon</i> sp.3 <i>Jupiaba acanthogaster</i> (Eigenmann, 1911) <i>Jupiaba pirana</i> Zonata, 1997 <i>Knodus heteresthes</i> (Eigenmann, 1908) <i>Knodus</i> sp.1 <i>Moenkhausia cotinho</i> Eigenmann, 1908 <i>Moenkhausia oligolepis</i> (Günther, 1864) <i>Odontostilbe</i> sp. <i>Phenacogaster</i> sp.
<b>Crenuchidae</b>	<i>Characidium</i> cf. <i>steindachneri</i> Cope, 1878
<b>Erythrinidae</b>	<i>Erythrinus erythrinus</i> (Bloch e Schneider, 1801) <i>Hoplerethrinus unitaeniatus</i> (Spix e Agassiz, 1829) <i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794) <i>Prochilodus nigricans</i> Spix e Agassiz, 1829
<b>Prochilodotidae</b>	
<b>CYPRINODONTIFORMES</b>	
<b>Poeciliidae</b>	<i>Pamphorichthys scalpridens</i> (Garman, 1895)
<b>GYMNOTIFORMES</b>	
<b>Hypopomidae</b>	<i>Brachyhypopomus</i> sp. <i>Brachyhypopomus</i> sp.1
<b>PERCIFORMES</b>	
<b>Cichlidae</b>	<i>Aequidens epae</i> Kullander, 1995 <i>Crenicichla</i> cf. <i>lepidota</i> Helckel, 1840
<b>SILURIFORMES</b>	
<b>Callichthyidae</b>	<i>Corydoras</i> cf. <i>polistictus</i> Regan, 1912 <i>Corydoras aeneus</i> (Gill, 1858)
<b>Heptapteridae</b>	<i>Imparfinis</i> aff. <i>strictonotus</i> (Fowler, 1940)

	<i>Phenacorhamdia</i> sp.
	<i>Pimelodella</i> sp.
	<i>Rhamdella</i> sp.
<b>Loricariidae</b>	<i>Ancistrus</i> sp.
	<i>Ancistrus</i> sp.1
	<i>Ancistrus</i> sp.3
	<i>Farlowella</i> sp.
	Hypoptomatinae gen.n sp.n.
	<i>Hypostomus carinatus</i> (Steindachner, 1881)
	<i>Rineloricaria</i> sp.
<b>Pseudopimelodidae</b>	<i>Microglanis</i> aff. <i>poecilus</i> Eigenmann, 1912
<b>Trichomycteridae</b>	<i>Ituglanis</i> sp.1
	<i>Ituglanis</i> sp.2
<b>SYNBRANCHIFORMES</b>	
<b>Synbranchidae</b>	<i>Synbranchus</i> sp.

ANEXO 8 - Espécies de anfíbios encontradas em áreas de floresta (FLO) e abertas (AA) na Fazenda São Nicolau, Município de Cotriguaçu, MT.

Ordem/Família	Espécies	FLO	AA
<b>ANURA</b>			
<b>Aromobatidae</b>	<i>Allobates</i> cf. <i>brunneus</i> (Cope, 1887)	X	
<b>Bufonidae</b>	<b><i>Amazophrynella vote</i> sp. nov.*</b>	X	
	<i>Dendrophryniscus minutus</i> (Melin, 1941)	X	
	<i>Rhaebo guttatus</i> (Schneider, 1799)	X	X
	<i>Rhinella castaneotica</i> (Caldwell, 1991)	X	
	<i>Rhinella</i> cf. <i>margaritifera</i> (Laurenti, 1768)	X	
	<i>Rhinella marina</i> (Linnaeus, 1758)	X	X
<b>Centrolenidae</b>	<i>Hyalinobatrachium crurifasciatum</i> Myers and Donnelly, 1997	X	
<b>Cycloramphidae</b>	<i>Proceratophrys concavitympanum</i> Giaretta, Bernarde, and Kokubum, 2000	X	
<b>Hylidae</b>	<i>Cruziohyla craspedopus</i> (Fun khou ser, 1957)	X	
	<i>Dendropsophus brevifrons</i> (Duellman and Crump, 1974)	X	
	<i>Dendropsophus marmoratus</i> (Laurenti, 1768)		X
	<i>Dendropsophus minutus</i> (Peters, 1872)		X
	<i>Dendropsophus</i> cf. <i>microcephalus</i> (Cope, 1886)		X
	<i>Hypsiboas boans</i> (Linnaeus, 1758)		X
	<i>Hypsiboas calcaratus</i> (Troschel, 1848)		X
	<i>Hypsiboas cinerascens</i> (Spix, 1824)		X
	<i>Hypsiboas fasciatus</i> (Günther, 1858)		X
	<i>Hypsiboas leucocheilus</i> (Caramaschi and Niemeyer, 2003)		X
	<i>Hypsiboas punctatus</i> (Schneider, 1799)		X
	<i>Hypsiboas raniceps</i> Cope, 1862		X
	<i>Osteocephalus taurinus</i> Steindachner, 1862	X	
	<i>Osteocephalus</i> sp.	X	
	<i>Phyllomedusa tomopterna</i> (Cope, 1868)	X	
	<b><i>Phyllomedusa camba</i>** De la Riva</b>		X
	<i>Phyllomedusa vaillantii</i> Boulenger, 1882	X	
	<i>Scinax ruber</i> (Laurenti, 1768)		X
	<i>Scinax nebulosus</i> (Spix, 1824)		X
	<i>Scinax fuscovarius</i> (Lutz, 1925)		X
	<i>Trachycephalus resinifictrix</i> (Goeldi, 1907)	X	

	<i>Engystomops freibergeri</i> (Donoso-Barros, 1969)	X	
	<i>Physalaemus cf. centralis</i> Bokermann, 1962	X	X
	<i>Leptodactylus cf. andreae</i> Müller, 1923	X	
	<i>Leptodactylus hylaedactylus</i> (Cope, 1868)		X
<b>Leiuperidae</b>	<i>Leptodactylus knudseni</i> Heyer, 1972	X	X
	<i>Leptodactylus lineatus</i> (Schneider, 1799)	X	
<b>Leptodactylidae</b>	<i>Leptodactylus mystaceus</i> (Spix, 1824)	X	
	<i>Leptodactylus pentadactylus</i> (Laurenti, 1768)	X	
	<i>Leptodactylus petersii</i> (Steindachner, 1864)		X
	<i>Leptodactylus rhodomystax</i> Boulenger, 1884	X	
<b>Microhylidae</b>	<i>Lithobates palmipes</i> (Spix, 1824)		X
	<i>Chiasmocleis cf. bassleri</i> Du nn, 1949	X	
	<i>Chiasmocleis avilapiresae</i> Peloso and Sturaro, 2008	X	
	<i>Ctenophryne geayi</i> Mocquard, 1904	X	
<b>Strabomantidae</b>	<i>Pristimantis ockendeni</i> (Boulenger, 1912)	X	
	<i>Pristimantis</i> sp1	X	
	<i>Pristimantis</i> sp2	X	
<b>Gymnophiona</b>			
<b>Caeciliidae</b>	<i>Caecilia</i> sp.	X	

\*Ávila *et al.* (2012); \*\*Rodrigues *et al.* (2011)

ANEXO 9 - Espécies de répteis escamosos registradas em campo e das espécies de abrangência regional, registradas através de dados secundários. Legenda: Coleta= espécies registradas em campo; UFMT= espécies depositadas na Coleção Zoológica de Vertebrados da Universidade Federal de Mato Grosso Campus de Cuiabá; B1= espécies registradas no Zoneamento Sócio-Econômico de Mato Grosso; B2= espécies registradas no guia da Fazenda São Nicolau por Dewynter (2007).

ORDEM/Família	Espécie	Fonte
<b>AMPHISBAENIA</b>		
<b>Amphisbaenidae</b>	<i>Amphisbaena alba</i> Linnaeus, 1758	UFMT; B1
	<i>Amphisbaena amazonica</i> Linnaeus, 1758	UFMT
<b>LACERTILIA</b>		
<b>Gekkonidae</b>	<i>Hemidactylus mabouia</i> (Moreau de Jonnés, 1818)	Coleta; UFMT; B1; B2
<b>Gymnophthalmidae</b>	<i>Arthrosaura reticulata</i> (O'Shaughnessy, 1881)	Coleta; UFMT; B1
	<i>Bachia dorbignyi</i> (Duméril e Bibron, 1839)	B1
	<i>Cercosaura eigenmanni</i> (Griffin, 1917)	Coleta; UFMT; B1; B2
	<i>Cercosaura ocellata</i> Wagler, 1830	UFMT; B1
	<i>Iphisa elegans</i> Gray, 1851	Coleta; UFMT; B1
	<i>Leposoma cf. guianense</i> Ruibal, 1952	B2
	<i>Leposoma osvaldoi</i> Ávila-Pires, 1995	Coleta; UFMT; B1
	<i>Neusticurus bicarinatus</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B1
<b>LACERTILIA</b>		
<b>Iguanidae</b>	<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT
<b>Hoplocercidae</b>	<i>Hoplocercus spinosus</i> Fitzinger, 1843	UFMT
<b>Leiosauridae</b>	<i>Enyalius leechii</i> (Boulenger, 1885)	Coleta; UFMT; B1
<b>Polychrotidae</b>	<i>Anolis fuscoauratus</i> D'Orbigny, 1837	Coleta; UFMT; B1
	<i>Anolis nitens</i> (Wagler, 1830)	Coleta; UFMT; B1; B2
	<i>Anolis ortonii</i> Cope, 1868	UFMT; B2
	<i>Anolis phyllorhinus</i> Myers e Carvalho, 1945	UFMT; B2

	<i>Anolis punctatus</i> Daudin, 1802	Coleta; UFMT
	<i>Anolis transversalis</i> Duméril, 1851	UFMT; B2
	<i>Polychrus marmoratus</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT
<b>Scincidae</b>	<i>Mabuya bistrata</i> (Spix, 1825)	B1
	<i>Mabuya frenata</i> (Cope, 1862)	Coleta; UFMT; B2
	<i>Mabuya nigropunctata</i> (Spix, 1825)	UFMT; B2
<b>Sphaerodactylidae</b>	<i>Coleodactylus amazonicus</i> (Andersson, 1918)	Coleta; UFMT; B1
	<i>Gonatodes hasemani</i> Griffin, 1917	Coleta; UFMT; B1
	<i>Gonatodes humeralis</i> (Guichenot, 1855)	Coleta; UFMT; B1
<b>Teiidae</b>	<i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT
	<i>Kentropyx altamazonica</i> (Cope, 1876)	Coleta; UFMT; B1; B2
	<i>Kentropyx calcarata</i> Spix, 1825	B2
	<i>Tupinambis</i> sp.	UFMT
	<i>Tupinambis teguixin</i> (Linnaeus, 1758)	
<b>Tropiduridae</b>	<i>Plica plica</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT; B1
	<i>Plica umbra</i> (Linnaeus, 1758)	B2
	<i>Stenocercus caducus</i> (Cope, 1862)	UFMT
	<i>Tropidurus itambere</i> Rodrigues, 1987	UFMT
	<i>Uranoscodon superciliosus</i> (Linnaeus, 1758)	
<b>SERPENTES</b>		
<b>Boidae</b>	<i>Boa constrictor</i> Linnaeus, 1758	Coleta; UFMT; B1; B2
	<i>Corallus batesii</i> (Gray, 1860)	Coleta; B2
	<i>Corallus hortulanus</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B1; B2
	<i>Epicrates cenchria</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B1; B2
	<i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758)	B2
<b>Colubridae</b>	<i>Chironius exoletus</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT; B1; B2
	<i>Chironius fuscus</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT; B1
	<i>Chironius scurrulus</i> (Wagler, 1824)	Coleta; UFMT; B1; B2
	<i>Dendrophidion dendrophis</i> (Schlegel, 1837)	Coleta; UFMT; B1
	<i>Drymarchon corais</i> (Boie, 1827)	UFMT; B2
	<i>Drymoluber dichrous</i> (Peters, 1863)	Coleta; UFMT; B2
	<i>Leptophis ahaetulla</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B1; B2
	<i>Mastigodryas boddaerti</i> (Sentzen, 1796)	UFMT; B1
	<i>Oxybelis aeneus</i> (Wagler, 1824)	UFMT
	<i>Oxybelis fulgidus</i> (Daudin, 1803)	UFMT; B2
	<i>Pseustes poecilonotus</i> (Günther, 1858)	UFMT; B2
	<i>Pseustes sexcarinatus</i> (Wagler, 1824)	UFMT
	<i>Pseustes sulphureus</i> (Wagler, 1824)	B2
	<i>Rhinobothryum lentiginosum</i> (Scopoli, 1785)	UFMT; B1; B2
	<i>Spilotes pullatus</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B2
	<i>Tantilla melanocephala</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B2
<b>Dipsadidae</b>	<i>Apostolepis pyimi</i> Boulenger, 1903	UFMT; B2
	<i>Apostolepis</i> sp.	UFMT
	<i>Atractus albuquerquei</i> Cunha e Nascimento, 1983	UFMT
	<i>Atractus major</i> Boulenger, 1894	UFMT

<i>Atractus snethlageae</i> Cunha e Nascimento, 1983	UFMT
<i>Atractus</i> sp.	B2
<i>Clelia plumbea</i> (Wied, 1820)	B1
<i>Dipsas catesbyi</i> (Sentzen, 1796)	Coleta; UFMT; B1; B2
<i>Dipsas indica</i> Laurenti, 1768	UFMT
<i>Dipsas variegata</i> (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)	UFMT
<i>Erythrolamprus aesculapii</i> (Linnaeus, 1766)	UFMT; B2
<i>Helicops leopardinus</i> (Schlegel, 1837)	UFMT
<i>Helicops angulatus</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT
<i>Helicops polylepis</i> Günther, 1861	UFMT
<i>Hydrodynastes bicinctus</i> (Herrmann, 1804)	UFMT; B2
<i>Hydrops martii</i> (Wagler, 1824)	UFMT
<i>Hydrops triangularis</i> (Wagler, 1824)	UFMT
<i>Imantodes cenchoa</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT
<i>Imantodes lentiferus</i> (Cope, 1894)	UFMT
<i>Leptodeira annulata</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT; B1; B2
<i>Liophis cf.cobella</i> (Linnaeus, 1758)	B2
<i>Liophis reginae</i> (Linnaeus, 1758)	Coleta; UFMT; B1; B2
<i>Liophis</i> sp.	B2
<i>Liophis taeniogaster</i> Jan, 1863	Coleta; UFMT; B1; B2
<i>Liophis typhlus</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT
<i>Ninia hudsoni</i> Parker, 1940	B1; B2
<i>Oxyrhopus formosus</i> (Wied, 1820)	UFMT
<i>Oxyrhopus melanogenys</i> (Tschudi, 1845)	Coleta; UFMT; B1
<i>Oxyrhopus petola</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT
<i>Oxyrhopus rhombifer</i> Duméril, Bibron e Duméril, 1854	B2
<i>Oxyrhopus trigeminus</i> Duméril, Bibron e Duméril, 1854	B2
<i>Philodryas argentea</i> (Daudin, 1803)	UFMT; B1; B2
<i>Philodryas viridissima</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B2
<i>Pseudoboa coronata</i> Schneider, 1801	Coleta; B2
<i>Pseudoboa nigra</i> (Duméril, Bibron e Duméril, 1854)	B2
<i>Pseudoeryx plicatilis</i> (Linnaeus, 1758)	B2
<i>Psomophis joberti</i> (Sauvage, 1884)	B2
<i>Siphlophis compressus</i> (Daudin, 1803)	UFMT; B2
<i>Siphlophis worontzowi</i> (Prado, 1940)	UFMT; B1; B2
<i>Taeniophallus cf.quadriocellatus</i> Santos-Jr, Di-Bernardo e Lema, 2008	UFMT
<i>Taeniophallus brevirostris</i> (Peters, 1863)	UFMT
<i>Taeniophallus occipitalis</i> (Jan, 1863)	B1
<i>Thamnodynastes cf. rutilus</i> (Prado, 1942)	Coleta
<i>Xenodon merremii</i> (Wagler, 1824)	B2

	<i>Xenodon rhabdocephalus</i> (Wied, 1824)	UFMT
	<i>Xenodon severus</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT
	<i>Xenopholis scalaris</i> (Wucherer, 1861)	UFMT; B1; B2
<b>Elapidae</b>	<i>Micrurus paraensis</i> Cunha e Nascimento, 1973	UFMT
	<i>Micrurus</i> sp.	B2
	<i>Micrurus spixii</i> Wagler, 1824	UFMT
	<i>Micrurus surinamensis</i> (Cuvier, 1817)	UFMT; B2
<b>Leptotyphlopidae</b>	<i>Leptotyphlops albifrons</i> (Wagler, 1824)	UFMT
<b>Viperidae</b>	<i>Bothriopsis bilineata</i> (Wied, 1825)	UFMT
	<i>Bothriopsis taeniata</i> (Wagler, 1824)	B2
	<i>Bothrocophias hyoprora</i> (Amaral, 1935)	B1
	<i>Bothrops atrox</i> (Linnaeus, 1758)	UFMT; B2
	<i>Bothrops brazili</i> Hoge, 1954	UFMT

ANEXO 10 - Espécies de aves registradas na Fazenda São Nicolau (2001-2009). As formas de registro das aves: visualização (V), Auditivo (A), captura (C), vocalização gravada (G).

<b>Família</b>	<b>Espécie</b>	<b>Nome popular</b>	<b>Forma de registro</b>
<b>TINAMIDAE</b>	<i>Tinamus tao</i>	azulona	V, A
	<i>Tinamus major</i>	inhambu-de-cabeça-vermelha	V, A
	<i>Tinamus guttatus</i>	inhambu-galinha	V, A
	<i>Crypturellus cinereus</i>	inhambu-preto	V, A
	<i>Crypturellus soui</i>	tururim	V, G
	<i>Crypturellus obsoletus</i>	inhambu-guaçu	V, A
	<i>Crypturellus undulatus</i>	jaó	A, G
	<i>Crypturellus strigulosus</i>	inhambu-relógio	A, G
	<i>Crypturellus variegatus</i>	chororão	V, A
	<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu-chororó	A, G
	<i>Crypturellus tataupa</i>	inhambu-chitã	V, A
	<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz	A, G
	<b>ANATIDAE</b>	<i>Dendrocygna viduata</i>	irere
<i>Dendrocygna autumnalis</i>		marrecacabocla	V
<i>Cairina moschata</i>		pato-do-mato	V, F
<i>Amazonetta brasiliensis</i>		ananaí	V, F
<b>CRACIDAE</b>	<i>Ortalis guttata</i>	arancuã-pintado	V, F
	<i>Penelope superciliaris</i>	jacupenba	V, F
	<i>Penelope jacquacu</i>	jacu-de-Spix	V

	<i>Aburria kujubi</i>	jacutinga	V, F
<b>CRACIDAE</b>	<i>Pauxi tuberosa</i>	mutum-cavalo	V, F
	<i>Crax fasciolata</i>	mutum	V, F
<b>ODONTOPHORIDAE</b>	<i>Odontophorus gujanensis</i>	uru-corcovado	V
<b>PHALACROCORACIDAE</b>	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	biguá	V, F
<b>ANHINGIDAE</b>	<i>Anhinga anhinga</i>	biguatinga	V, F
<b>ARDEIDAE</b>	<i>Tigrisoma lineatum</i>	socó-boi	V, F
	<i>Agamia agami</i>	socó-beija-flor	V
	<i>Butorides striata</i>	socozinho	V, F
	<i>Bubulcus ibis</i>	garça-vaqueira	V, F
	<i>Ardea cocoi</i>	baguari	V, F
	<i>Ardea alba</i>	garça-branca-grande	V, F
	<i>Pilherodius pileatus</i>	garça-real	V, F
	<i>Egretta thula</i>	garça-branca-pequena	V, F
<b>THRESKIORNITHIDAE</b>	<i>Mesembrinibis cayennensis</i>	corocoró	V, F, A
<b>CICONIIDAE</b>	<i>Mycteria americana</i>	cabeça-seca	V
<b>CATHARTIDAE</b>	<i>Cathartes aura</i>	urubu-caçador	V, F
	<i>Cathartes burrovianus</i>	urubutinga	V, F
	<i>Cathartes melambrotus</i>	urubu-da-mata	V, F
	<i>Coragyps atratus</i>	urubu-preto	V, F
	<i>Sarcoramphus papa</i>	urubu-rei	V
<b>PANDIONIDAE</b>	<i>Pandion haliaetus</i>	águia-pescadora	V
<b>ACCIPITRIDAE</b>	<i>Leptodon cayanensis</i>	gavião-de-cabeça-cinza	V
	<i>Chondrohierax uncinatus</i>	caracoleiro	V
	<i>Elanoides forficatus</i>	gavião-tesoura	V, F
	<i>Gampsonyx swainsonii</i>	gaviãozinho	V, F
	<i>Elanus leucurus</i>	gavião-peneira	V
	<i>Rostrhamus sociabilis</i>	gavião-caramujeiro	V, F
	<i>Harpagus bidentatus</i>	gavião-ripina	V
	<i>Ictinia plumbea</i>	gavião-pomba	V, F
	<i>Circus cinereus</i>	gavião-cinza	V
	<i>Geranospiza caerulescens</i>	gavião-pernilongo	V
	<i>Leucopternis schistaceus</i>	gavião-azul	V
<b>ACCIPITRIDAE</b>	<i>Leucopternis kuhli</i>	gavião-vaqueiro	V, F
	<i>Leucopternis lacernulatus</i>	gavião-pombo-pequeno	V
	<i>Leucopternis albicollis</i>	gavião-branco	V
	<i>Busarellus nigricollis</i>	gavião-belo	V, F
	<i>Rupornis magnirostris</i>	gavião-carijó	V, F, A
	<i>Buteo brachyurus</i>	gavião-de-cauda-curta	V
	<i>Buteo nitidus</i>	gavião-pedrês	V, F
	<i>Spizaetus tyrannus</i>	gavião-pega-macaco	V
	<i>Spizaetus melanoleucus</i>	gavião-pato	V
	<i>Spizaetus ornatus</i>	gavião-de-penacho	V
<b>FALCONIDAE</b>	<i>Daptrius ater</i>	grogotori	V, F
	<i>Ibycter americanus</i>	cancão	V, F, G



	<i>Caracara plancus</i>	caracará	V, F
	<i>Milvago chimachima</i>	carrapateiro	V
	<i>Herpetotheres cachinnans</i>	acauã	V, A, G
	<i>Micrastur ruficollis</i>	falcão-caburé	V, F
	<i>Micrastur semitorquatus</i>	falcão-relogio	V
	<i>Falco sparverius</i>	quiriquiri	V, F
	<i>Falco ruficularis</i>	cauré	V, F
	<i>Falco peregrinus</i>	falcão-peregrino	V
<b>PSOPHIIDAE</b>	<i>Psophia viridis</i>	jacamim-de-costas-verdes	V
<b>RALLIDAE</b>	<i>Aramides cajanea</i>	três-potes	V, A
	<i>Porphyrio martinica</i>	frango-d'água-azul	V
	<i>Porphyrio flavirostris</i>	frango-d'água-pequeno	V
<b>EURYPYGIDAE</b>	<i>Eurypyga helias</i>	pavãozinho	V
<b>CHARADRIIDAE</b>	<i>Vanellus chilensis</i>	quero-quero	V, F
	<i>Charadrius collaris</i>	batuira-de-coleira	V
<b>SCOLOPACIDAE</b>	<i>Tringa solitaria</i>	maçarico-solitario	V, F
<b>JACANIDAE</b>	<i>Jacana jacana</i>	cafézinho	V, F
<b>RYNCHOPIDAE</b>	<i>Rynchops nige</i>	taiamã	V
<b>COLUMBIDAE</b>	<i>Columbina minuta</i>	rolinha-cinzenta	V
	<i>Columbina talpacoti</i>	rolinha-caldo-de-feijão	V, F
	<i>Columbina squammata</i>	fogo-apagou	V, F
	<i>Claravis pretiosa</i>	rolinha-azul	V
	<i>Patagioenas speciosa</i>	pomba-trocal	V, F
	<i>Patagioenas cayennensis</i>	pomba-galega	V
	<i>Patagioenas plumbea</i>	pomba-amargosa	V
	<i>Patagioenas subvinacea</i>	pomba-botafogo	V
	<i>Leptotila verreauxi</i>	juriti-pupu	V
	<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti-gemedeira	C, F
	<i>Geotrygon montana</i>	juriti-vermelha	V, C, F
<b>PSITTACIDAE</b>	<i>Ara ararauna</i>	arara-canindé	V, F
	<i>Ara macao</i>	arara-piranga	V, F
	<i>Ara chloropterus</i>	arara-vermelha	V, F
	<i>Ara severus</i>	maracanã-açu	V
	<i>Orthopsittaca manilata</i>	maracanã-do-buriti	V, F
	<i>Diopsittaca nobilis</i>	ararinha	V
	<i>Aratinga leucophthalma</i>	araguari	V
	<i>Aratinga aurea</i>	cabeça-de-coco	V
	<i>Pyrrhura perlata</i>	tiriba-de-barriga-vermelha	V
	<i>Pyrrhura picta</i>	tiriba-pintada	V
	<i>Brotogeris chrysoptera</i>	piriquito-de-asa-dourada	V
	<i>Pionites leucogaster</i>	marianinha	V
	<i>Pionus menstruus</i>	maitaca-de-cabeça-azul	F
	<i>Pionus maximiliani</i>	maitaca-verde	V
	<i>Amazona aestiva</i>	papagaio-trombeteiro	V

	<i>Amazona amazonica</i>	papagaio-do-mangue	V
	<i>Amazona farinosa</i>	papagaio-moleiro	V
	<i>Deroptylus accipitrinus</i>	anacã	V
<b>CUCULIDAE</b>	<i>Coccyzua minuta</i>	chincoã-pequeno	V, F
	<i>Piaya cayana</i>	alma-de-gato-grande	V, F
	<i>Piaya melanogaster</i>	chincoã-de-bico-pequeno	V, F
	<i>Crotophaga major</i>	anu-coroca	V, F
	<i>Crotophaga ani</i>	anu-preto	V, F
	<i>Guira guira</i>	anu-branco	V, F
	<i>Tapera naevia</i>	saci	A, G
<b>TYTONIDAE</b>	<i>Tyto alba</i>	suindara	V, G
<b>STRIGIDAE</b>	<i>Pulsatrix percellata</i>	murucututu	V
	<i>Bubo virginianus</i>	joão-curutu	V
	<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé	V
<b>STRIGIDAE</b>	<i>Athene cunicularia</i>	coruja-buraqueira	V, F
<b>NYCTIBIIDAE</b>	<i>Nyctibius grandis</i>	mãe-da-lua-gigante	V
	<i>Nyctibius griseus</i>	mãe-da-lua	V
<b>CAPRIMULGIDAE</b>	<i>Podager nacunda</i>	coruçã	V
	<i>Nyctidromus albicollis</i>	bacurau	V
	<i>Nyctiphrynus ocellatus</i>	bacurau-ocelado	V
	<i>Caprimulgus rufus</i>	joão-corta-pau	C, F
	<i>Caprimulgus maculicaudus</i>	bacurau-rabo-maculado	V
	<i>Caprimulgus parvulus</i>	bacurau-pequeno	V
	<i>Caprimulgus nigrescens</i>	bacurau-de-lajeado	V
	<i>Hydropsalis torquata</i>	bacurau-tesoura	V
<b>APODIDAE</b>	<i>Tachornis squamata</i>	tapera-do-buriti	V
	<i>Panyptila cayennensis</i>	andorinhão-estofador	V
<b>TROCHILIDAE</b>	<i>Glaucis hirsutus</i>	balança-rabo-de-bico-torto	C
	<i>Phaethornis ruber</i>	rabo-branco-rubro	C, F
	<i>Phaethornis hispidus</i>	rabo-branco-cinza	C
<b>TROCHILIDAE</b>	<i>Phaethornis malaris</i>	besourão-de-bico-grande	C, F
	<i>Campylopterus largipennis</i>	asa-de-sabre-cinza	V
	<i>Anthracothorax nigricollis</i>	beija-flor-de-veste-preta	C
	<i>Lophornis chalybeus</i>	topetinho-verde	V
	<i>Thalurania furcata</i>	beija-flor-tesoura-verde	C, F
	<i>Amazilia fimbriata</i>	beija-flor-de-garganta--branca	C
	<i>Trogon melanurus</i>	surucuá-de-cauda-preta	V
	<i>Trogon viridis</i>	surucuá-dourado	V
	<i>Trogon curucui</i>	surucuá-de-barriga-vermelha	C
<b>ALCEDINIDAE</b>	<i>Megaceryle torquata</i>	martim-pescador-grande	V
	<i>Chloroceryle amazona</i>	martim-pescador-verde	V
	<i>Chloroceryle aenea</i>	martim-pescador-anão	V
	<i>Chloroceryle americana</i>	martim-pescador-pequeno	V
	<i>Chloroceryle inda</i>	martim-pescador-da-mata	V
<b>MOMOTIDAE</b>	<i>Momotus momota</i>	pássaro-pendulo	V

<b>GALBULIDAE</b>	<i>Galbula cyanicollis</i>	ariramba-da-mata	V	
	<i>Galbula ruficauda</i>	bico-de-agulha	V	
	<i>Galbula dea</i>	ariramba-do-paraiso	V	
	<i>Jacamerops aureus</i>	jacamarapu	C	
<b>BUCCONIDAE</b>	<i>Notharchus macrorhynchus</i>	macuru-de-testa-branca	V	
	<i>Nystalus chacuru</i>	joão-bobo	V	
	<i>Monasa nigrifrons</i>	bico-de-brasa,chora-chuva	V, C, F	
	<i>Monasa morphoeus</i>	bico-de-cravo	C, F	
	<i>Chelidoptera tenebrosa</i>	urubuzinho	V	
<b>CAPITONIDAE</b>	<i>Capito dayi</i>	capitão-de-cinta	V, C, F	
<b>RAMPHASTIDAE</b>	<i>Ramphastos toco</i>	tucano	V	
	<i>Ramphastos tucanus</i>	tucano-assobiador	V	
	<i>Ramphastos vitellinus</i>	tucano-de-bico-preto	V	
	<i>Pteroglossus inscriptus</i>	araçarizinho	V	
	<i>Pteroglossus bitorquatus</i>	araçari-de-pescoço-vermelho	V, C, F	
	<i>Pteroglossus castanotis</i>	araçari-castanho	V, F	
<b>PICIDAE</b>	<i>Melanerpes cruentatus</i>	benedito-de-testa-vermelha	V, F	
	<i>Veniliornis passerinus</i>	picapauzinho-anão	C	
	<i>Piculus flavigula</i>	pica-pau-bufador	V	
	<i>Piculus chrysochloros</i>	pica-pau-dourado-escuro	V	
	<i>Colaptes campestris</i>	pica-pau-chãchã	V	
	<i>Celeus flavus</i>	pica-pau-amarelo	V	
	<i>Dryocopus lineatus</i>	pica-pau-de-banda-branca	V	
	<i>Campephilus rubricollis</i>	pica-pau-de-barriga-vermelha	V	
	<i>Campephilus melanoleucos</i>	pica-pau-de-topete-vermelho	V	
	<b>THAMNOPHILIDAE</b>	<i>Cymbilaimus lineatus</i>	papa-formiga-barrado	V
		<i>Taraba major</i>	choró-boi	V
		<i>Thamnophilus palliatus</i>	choca-listrada	V
		<i>Thamnophilus schistaceus</i>	choca-de-olho-vermelho	V
<i>Thamnophilus punctatus</i>		choca-bate-cabo	V	
<i>Thamnophilus amazonicus</i>		choca-canela-preta	C	
<i>Dysithamnus mentalis</i>		choquinha-lisa	V	
<i>Thamnomanes ardesiacus</i>		uirapuru-de-garganta-preta	C, F	
<i>Thamnomanes saturninus</i>		uirapuru-selado	V	
<i>Thamnomanes caesius</i>		Ipecuá	C	
<i>Epinecrophylla leucophthalma</i>		choquinha-de-olho-branco	C	
<i>Myrmotherula brachyura</i>		choquinha-miuda	V	
<i>Myrmotherula axillaris</i>		choquinha-de-flanco-branco	C	
<i>Myrmotherula menetriesii</i>		choquinha-de-garganta-cinza	C	
<i>Microrhophias quixensis</i>		papa-formiga-de-bando	C	
<i>Formicivora grisea</i>		papa-formiga-pardo	C	
<i>Cercomacra cinerascens</i>		chororó-pocuá	V	
<i>Cercomacra nigrescens</i>		chororó-negro	V	
<i>Myrmoborus myotherinus</i>		formigueiro-de-cara-preta	C	

	<i>Hypocnemis striata</i>	cantador-estriado	C
	<i>Schistocichla leucostigma</i>	formigueiro-de-asa-pintada	V
	<i>Myrmeciza hemimelaena</i>	formigueiro-de-cauda-castanha	C
	<i>Myrmeciza atrothorax</i>	formigueiro-de-peito-preto	V
	<i>Hylophylax naevius</i>	guarda-floresta	C
	<i>Willisornis poecilinotus</i>	rendadinho	C
	<i>Phlegopsis nigromaculata</i>	mãe-e-toaca-pintada	C
<b>GRALLARIIDAE</b>	<i>Grallaria varia</i>	tovacuçu	V
<b>FORMICARIIDAE</b>	<i>Formicarius colma</i>	galinha-do-mato	C
	<i>Formicarius analis</i>	pinto-da-mata-da-cara-preta	V
<b>SCLERURIDAE</b>	<i>Sclerurus rufigularis</i>	vira-folha-de-bico-curto	V
<b>DENDROCOLAPTIDAE</b>	<i>Dendrocincla fuliginosa</i>	arapaçu-pardo	C
	<i>Dendrocincla merula</i>	arapaçu-da-taoca	C, F
	<i>Sittasomus griseicapillus</i>	arapaçu-verde	C
	<i>Glyphorhynchus spirurus</i>	arapaçu-bico-de-cunha	C
	<i>Nasica longirostis</i>	arapaçu-de-bico-comprido	C
	<i>Dendrexetastes rufigula</i>	arapaçu-galinha	V
	<i>Hylexetastes uniformis</i>	arapaçu-uniforme	V
	<i>Dendrocolaptes certhia</i>	arapaçu-barrado	V
	<i>Dendroplex picus</i>	arapaçu-de-bico-branco	V
	<i>Xiphorhynchus elegans</i>	arapaçu-elegante	C, F
	<i>Xiphorhynchus spixii</i>	arapaçu-de-spixii	V
	<i>Xiphorhynchus guttatus</i>	arapaçu-de-garganta-amarela	V
	<i>Lepidocolaptes albolineatus</i>	arapaçu-listas-brancas	V
<b>FURNARIIDAE</b>	<i>Synallaxis rutilans</i>	joão-teneném-castanha	C
	<i>Synallaxis gujanensis</i>	joão-teneném-becuá	C
	<i>Phylidor ruficaudatum</i>	limpa-folha-de-cauda-ruiva	V
	<i>Phylidor erythrocerum</i>	limpa-folha-de-sobre-ruivo	V, F
	<i>Phylidor erythropterum</i>	limpa-folha-de-asa-castanha	C
	<i>Automolus ochrolaemus</i>	barranqueiro-camurça	C
	<i>Automolus infuscatus</i>	barranqueiro-pardo	V
	<i>Xenops minutus</i>	bico-virado-miúdo	V
<b>TYRANNIDAE</b>	<i>Mionectes oleagineus</i>	abre-asa	V
	<i>Leptopogon amaurocephalus</i>	abre-asas-cabeçudo	V
	<i>Hemitriccus minor</i>	maria-sebinha	C
	<i>Hemitriccus zosterops</i>	maria-de-olho-branco	V
	<i>Hemitriccus striaticollis</i>	sebinho-rajado-amarelo	V, C
	<i>Myiornis ecaudatus</i>	caçula	C
	<i>Poecilotricus latirostris</i>	ferreirinho-de-cara-parda	C
	<i>Myiopagis gaimardii</i>	maria-pechim	C
	<i>Myiopagis viridicata</i>	guaracava-de-crista-alaranjada	C
	<i>Elaenia flavogaster</i>	guaracava-de-barriga-amarela	C
	<i>Ornithion inerne</i>	poiaeiro-de-sobrancelha	C
	<i>Camptostoma obsoletum</i>	risadinha	V

	<i>Suiriri suiriri</i>	suiriri-cinzento	C
	<i>Zimmerius gracilipes</i>	poaieiro-de-pata-fina	C
	<i>Rhynchocyclus olivaceus</i>	bico-chato-grande	C
	<i>Tolmomyias sulphurescens</i>	bico-chato-de-orelha-preta	C
	<i>Tolmomyias assimilis</i>	bico-chato-da-copa	C
	<i>Platyrinchus coronatus</i>	patinho-de-coroa-dourada	C
	<i>Platyrinchus platyrhynchos</i>	patinho-de-coroa-branca	C
	<i>Onychorhynchus coronatus</i>	maria-lecre	C
	<i>Myiophobus fasciatus</i>	maria-rabiruiva	C
	<i>Myiobius barbatus</i>	assanhadinho	V
	<i>Terenotriccus erythrurus</i>	papa-moscas-uirapuru	V
	<i>Contopus cinereus</i>	papa-moscas-cinzento	C
	<i>Pyrocephalus rubinus</i>	principe	V
	<i>Fluvicola pica</i>	lavadeira-do-norte	V
	<i>Colonia colonus</i>	viuvinha	V
	<i>Legatus leucophaeus</i>	bem-te-vi-pirata	C
	<i>Myiozetetes cayanensis</i>	bentevizinho-de-asa-ferrugínea	V
	<i>Myiozetetes similis</i>	bentevizinho-de-penacho-vermelho	V
	<i>Pitangus sulphuratus</i>	bentevi-verdadeiro	V
	<i>Philohydor lictor</i>	bentevizinho-do-brejo	V
	<i>Myiodynastes maculatus</i>	bentevi-rajado	C
	<i>Megarhynchus pitangua</i>	neinei	V
	<i>Empidonomus varius</i>	peitica	V
	<i>Tyrannus albogularis</i>	suiriri-de-garganta-branca	V
	<i>Tyrannus melancholicus</i>	suiriri	V
	<i>Tyrannus savana</i>	tesoureiro	V
	<i>Rhytipterna simplex</i>	vissia	V
	<i>Myiarchus swainsoni</i>	irré	V
	<i>Myiarchus ferox</i>	maria-cavaleira	C
	<i>Myiarchus tyrannulus</i>	maria-cavaleira-de-rabo-enferrujado	V
	<i>Ramphotrigon megacephalum</i>	maria-cabeçuda	V
	<i>Ramphotrigon ruficauda</i>	bico-chato-de-rabo-vermelho	V
	<i>Attila cinnamomeus</i>	tinguaçu-ferrugem	C
	<i>Attila bolivianus</i>	bate-para	V
	<i>Attila spadiceus</i>	capitão-de-saíra-amarelo	V
<b>COTINGIDAE</b>	<i>Cotinga cayana</i>	anambé-azul	V
	<i>Lipaugus vociferans</i>	poaieiro	V
	<i>Xipholena punicea</i>	anambé-pompadora	V
	<i>Gymnoderus foetidus</i>	anambé-pombo	V
	<i>Querula purpurata</i>	anambé-una	V
	<i>Cephalopterus ornatus</i>	anambé-preto	V
<b>PIPRIDAE</b>	<i>Tyranneutes stolzmanni</i>	uirapuruzinho	C
	<i>Machaeropterus pyrocephalus</i>	uirapuru-cigarra	V, C, F
	<i>Manacus manacus</i>	rendeira-branca	C

	<i>Heterocercus linteatus</i>	coroa-de-fogo	C, F
	<i>Pipra fasciicauda</i>	uirapuru-laranja	C, F
	<i>Pipra rubrocapilla</i>	cabeça-encarnada	C, F
<b>TITYRIDAE</b>	<i>Schiffornis turdina</i>	flautim-marrom	V, C, F
	<i>Laniocera hypopyrra</i>	chorona-cinza	V
	<i>Tityra inquisitor</i>	anambé-branco-de-bochecha-parda	V
	<i>Tityra cayana</i>	anambé-branco-de-rabo-preto	V
	<i>Pachyramphus polychopterus</i>	caneleiro-preto	V
	<i>Pachyramphus marginatus</i>	caneleiro-bordado	V
<b>VIREONIDAE</b>	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	gente-de-fora-vem	V
	<i>Vireolanius leucotis</i>	assobiador-do-castanhal	V
	<i>Vireo olivaceus</i>	juruviara	V
	<i>Hylophilus semicinereus</i>	verdinho-da-várzea	V
	<i>Hylophilus pectoralis</i>	vite-vite-de-cabeça-cinza	C
	<i>Hylophilus ochraceiceps</i>	vite-vite-uirapuru	C
<b>HIRUDINIDAE</b>	<i>Pygochelidon cyanoleuca</i>	andorinha-pequena-de-casa	V
	<i>Atticora fasciata</i>	andorinha-faixa-branca	V
	<i>Atticora melanoleuca</i>	andorinha-de-coleira	V
	<i>Stelgidopteryx ruficollis</i>	andorinha-serradora	V
	<i>Progne tapera</i>	andorinha-do-campo	V
	<i>Progne chalybea</i>	andorinha-grande	V
	<i>Tachycineta albiventer</i>	andorinha-do-rio	V
	<i>Tachycineta leucorroha</i>	andorinha-de-sobre-branco	V
<b>TROGLODYTIDAE</b>	<i>Microcerculus marginatus</i>	uirapuru-veado	V
	<i>Troglodytes musculus</i>	corruíra	V
	<i>Campylorhynchus turdinus</i>	nicolau	V
	<i>Pheugopedius genibarbis</i>	garrinchão-pai-avô	V
	<i>Cantorchilus leucotis</i>	garrinchão-de-barriga-vermelha	C, F
	<i>Cyphorhinus arada</i>	uirapuru-verdadeiro	C, F
<b>POLIOPTILIDAE</b>	<i>Ramphocaenus melanurus</i>	bico-assovelado	C
	<i>Polioptila dumicola</i>	balança-rabo-de-mascara	C
<b>TURDIDAE</b>	<i>Turdus leucomelas</i>	sabiá-barranco	V
	<i>Turdus hauxwelli</i>	sabiá-bicolor	V
	<i>Turdus fumigatus</i>	sabiá-da-mata	V
	<i>Turdus lawrencii</i>	caraxué-de-bico-amarelo	V
	<i>Turdus ignobilis</i>	caraxué-de-bico-preto	V
	<i>Turdus amaurochalinus</i>	sabiá-poca	C
	<i>Turdus albicollis</i>	sabiá-coleira	V
<b>MOTACILLIDAE</b>	<i>Anthus lutescens</i>	foguettino	V
<b>COEREBIDAE</b>	<i>Coereba flaveola</i>	cambacica	V
<b>THRAUPIDAE</b>	<i>Saltator grossus</i>	bico-encarnado	C
	<i>Saltator maximus</i>	tempera-viola	C
	<i>Saltator caerulescens</i>	trinca-ferro	V, A
	<i>Cissopis leverianus</i>	tiêtinga	V

	<i>Lamprospiza melanoleuca</i>	pipira-de-bico-vermelho	V
	<i>Tachyphonus cristatus</i>	tiê-galo	C
	<i>Tachyphonus luctuosus</i>	pipira-de-encontro-branco	V
	<i>Lanio versicolor</i>	pipira-de-asa-branca	C
	<i>Ramphocelus carbo</i>	bico-de-prata	C
	<i>Thraupis episcopus</i>	sanhaçu-da-amazônia	V
	<i>Thraupis palmarum</i>	assanhaçu-de-coqueiro	V
	<i>Tangara mexicana</i>	saíra-de-bando	V
	<i>Tangara cayana</i>	saíra-amarela	V
	<i>Tangara cyanicollis</i>	saira-de-cabeça-azul	V
	<i>Tangara nigrocincta</i>	saira-mascarada	V
	<i>Tersina viridis</i>	sai-andorinha	V
	<i>Dacnis lineata</i>	sai-de-cara-preta	V
	<i>Dacnis cayana</i>	sai-azul	V
	<i>Hemithraupis guira</i>	saíra-de-papo-preto	V
	<i>Hemithraupis flavicollis</i>	saira-galega	V
	<i>Conirostrum speciosum</i>	figuinha-bicuda	V
<b>EMBEREZIDAE</b>	<i>Zonotrichia capensis</i>	tico-tico-verdadeiro	V
	<i>Ammodramus humeralis</i>	tico-tico-do-campo	V
	<i>Volatinia jacarina</i>	tiziu	V
	<i>Sporophila castaneiventris</i>	caboclinho-de-peito-castanho	V
	<i>Sporophila angolensis</i>	curió	V, C, F
	<i>Sporophila maximiliani</i>	bicudo	V
	<i>Arremon taciturnus</i>	tico-tico-da-mata	C
	<i>Paroaria gularis</i>	cardeal-da-amazônia	V
<b>CARDINALIDAE</b>	<i>Habia rubica</i>	tiê-do-mato-grosso	C
	<i>Cyanoloxia cyanoides</i>	azulão-da-mata	C
<b>PARULIDAE</b>	<i>Basileuterus culicivorus</i>	pula-pula-coroado	C
	<i>Phaeothlypis fulvicauda</i>	pula-pula-de-cauda-avermelhada	C, F
<b>ICTERIDAE</b>	<i>Psarocolius viridis</i>	japu-verde	V
	<i>Psarocolius decumanus</i>	japu-preto	V
	<i>Cacicus haemorrhous</i>	guaxe	V
	<i>Cacicus cela</i>	japuirá	V
	<i>Icterus cayanensis</i>	encontro	V
	<i>Gnorimopsar chopi</i>	graúna	V
	<i>Molothrus oryzivorus</i>	Iraúna-grande	V
	<i>Molothrus bonariensis</i>	passaro-preto	V
	<i>Sturnella militaris</i>	polícia-inglesa-do-norte	V
<b>FRINGILIDAE</b>	<i>Euphonia chlorotica</i>	fim-fim	V
	<i>Euphonia xanthogaster</i>	fim-fim-grande	V
	<i>Euphonia rufiventris</i>	gaturamo-do-norte	V
<b>PASSERIDAE</b>	<i>Passer domesticus</i>	pardal	V, F

ANEXO 11 - Pequenos mamíferos não-voadores registrados na área de estudo. A classificação e os nomes populares seguem Reis *et al.* (2006); os hábitos alimentares seguem Fonseca *et al.* (1996). Tipo de evidência e registro na área de estudo: GA: Gaiola; AQ: armadilha de queda; ENT: Entrevista. Status de conservação: PP: pouco preocupante; SD: sem dados.

Táxon	Nome Popular	Habito alimentar	Registros	IUCN
<b>DIDELPHIMORPHIA</b>				
<b>Didelphidae</b>				
<i>Didelphis marsupialis</i> (Linnaeus, 1758)	Gambá ou saruê	Frugívoro-onívoro	ENT*	PP
<i>Marmosops noctivagus</i> (Tschudi, 1845)	Cuíca	Insetívoro-onívoro	AQ	PP
<i>Marmosops gr.parvidens</i>	Cuíca	Insetívoro-onívoro	AQ	SD
<i>Metachirus nudicaudatus</i> (É. Geoffroy, 1803)	Cuíca-de-quatro-olhos	Insetívoro-onívoro	AQ	PP
<i>Monodelphis</i> sp.n.	Catita		AQ	SD
<b>RODENTIA</b>				
<b>Cricetidae</b>				
<i>Neacomys spinosus</i> (Thomas, 1882)	Rato-de-espinho-pequeno	Frugívoro-granívoro	AQ	PP
<i>Oecomys</i> cf. <i>roberti</i> (Thomas, 1904)	Rato-do-mato	Frugívoro-granívoro	AQ	PP
<i>Oecomys bicolor</i> (Thomas, 1860)	Rato-do-mato	Frugívoro-granívoro	AQ	PP
<i>Hylaeamys megacephalus</i> (Fischer, 1814)	Rato-do-mato	Frugívoro-onívoro	AQ	PP
<b>Echimyidae</b>				
<i>Mesomys hispidus</i> (Desmarest, 1817)	Rato-de-espinho	Frugívoro-Onívoro	AQ	PP
<i>Proechimys</i> sp.	Soiá	Frugívoro-Granívoro	GA	SD

ANEXO 11.1 – Dados complementares: lista de espécies de pequenos mamíferos não-voadores esperadas para a Amazônia mato-grossense. Os dados apresentados nessa lista são baseados em: 1 - Rossi *et al.* (2010); 2 – Silva *et al.* (2006); 3 - Bonvicino *et al.* (2008).

ORDEM/Família	Espécie	Nome Popular	Registro
<b>DIDELPHIMORPHIA</b>			
<b>Didelphidae</b>			
	<i>Caluromys lanatus</i>	cuíca-lanosa	1
	<i>Caluromys philander</i>	cuíca-lanosa	1
	<i>Didelphis marsupialis</i>	gambá,saruê ou mucura	1
	<i>Glironia venusta</i>	cuíca	1
	<i>Marmosa murina</i>	cuíca, marmosa	1
	<i>Marmosops bishopi</i>	cuíca	1
	<i>Marmosops noctivagus</i>	cuíca, marmosa	1
	<i>Metachirus nudicaudatus</i>	cuíca-de-quatro-olhos	1
	<i>Micoureus demerarae</i>	cuíca	1
	<i>Monodelphis glirina</i>	catita	1
	<i>Monodelphis kunyi</i>	catita	1
	<i>Philander opossum</i>	cuíca-de-quatro-olhos	1
	<i>Thylamys karimii</i>	catita	1
<b>RODENTIA</b>			
<b>Cricetidae</b>			
	<i>Akodon</i> sp. n.	rato	2
	<i>Euryoryzomys nitidus</i>	rato	3
	<i>Holochilus sciureus</i>	rato-d'agua	3



	<i>Hylaeamys yunganus</i>	rato	3
	<i>Hylaeamys megacephalus</i>	rato	3
	<i>Neacomys spinosus</i>	rato	3
	<i>Necomys lasiurus</i>	pixuna	3
	<i>Nectomys rattus</i>	rato	3
	<i>Neusticomys ferreirai</i>	rato	3
	<i>Oecomys bicolor</i>	rato	3
	<i>Oecomys roberti</i>	rato	3
	<i>Oligoryzomys microtis</i>	rato	3
	<i>Oxymycterus amazonicus</i>	rato	3
	<i>Rhipidomys leucodactylus</i>	rato	3
<b>Echimyidae</b>	<i>Isothrix bistrata</i>	ratos-corós	3
	<i>Makalata didelphoides</i>	ratos-corós	3
	<i>Mesomys hispidus</i>	rato	3
	<i>Proechimys longicaudatus</i>	rato	3

ANEXO 12 - Espécies de médios e grandes mamíferos registradas na fazenda São Nicolau, município de Cotriguaçu, noroeste de Mato Grosso, com seus respectivos nomes vulgares, métodos de detecção, pontos de amostragem e categorias de ameaça segundo IUCN (2009) e MMA (2003). \*Espécies com potencial para caça. Métodos: CEN (censo), AF (armadilhas fotográficas), OCA (registros ocasionais) VEST (busca por vestígios) e ENT (entrevistas). Categorias de ameaça: AM (Ameaçada), QA (Quase ameaçada), EP (Em perigo), VU (Vulnerável).

<b>Táxons</b>	<b>Nomes vulgares</b>	<b>Métodos de amostragem</b>	<b>Pontos de amostragem</b>	<b>Categorias (IUCN/MMA)</b>
<b>Ordem Cingulata</b>				
<i>Cabassous</i> sp.*	tatu-rabo-de-couro	OCA/ENT		
<i>Dasypus kappleri</i> *	tatu-quinze-quilos	CEN/ENT	24	QA/--
<i>Dasypus novemcinctus</i> *	tatu-galinha	CEN/OCA/VEST/ENT	1,5,7,24	
<b>Ordem Pilosa</b>				
<i>Myrmecophaga tridactyla</i> *	tamanduá-bandeira	CEN/OCA/ENT	1	
<i>Tamandua tetradactyla</i> *	tamanduá-mirim	CEN/ENT	24	QA/--
<b>Ordem Primates</b>				
<i>Alouatta discolor</i> *	bugio-vermelho	CEN/ENT	1	--/AM
<i>Aotus</i> sp.	macaco-da-noite	ENT		
<i>Ateles chamek</i> *	macaco-aranha	CEN/OCA/ENT	5	
<i>Callicebus moloch cinerascens</i>	zogue-zogue	OCA/ENT		VU/--
<i>Cebus apella</i> *	macaco-prego	CEN/ENT	7,21,22,23,24	
<i>Chiropotes albinasus</i>	cuxiú	CEN/OCA/ENT	22,24	EP/--
<i>Lagothrix lagothricha cana</i> *	macaco-barrigudo	CEN/OCA/ENT	5,7	EP/--
<i>Saimiri sciureus</i>	macaco-de-cheiro	CEN/ENT	24	EP/--
<b>Ordem Lagomorpha</b>				

<i>Sylvilagus brasiliensis</i> *	tapiti	ENT		
<b>Ordem Carnivora</b>				
<i>Atelocynus microtis</i>	cachorro- do-mato-- de-orelha- curta	ENT		
<i>Cerdocyon thous</i>	lobete	CEN/ENT	1,5,21,22,23,24	
<i>Leopardus pardalis</i>	jaguaririca	CEN/ENT	21,22	
<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do- mato	ENT		AM/AM
<i>Leopardus wiedii</i>	gato- maracajá	ENT		AM/AM
<i>Nasua nasua</i>	quati	OCA/ENT		QA/AM
<i>Panthera onca</i>	onça- pintada	CEN/OCA/ENT	23,24	QA/AM
<i>Potos flavus</i>	jupará	OCA/ENT		
<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada	CEN/OCA/ENT	5	
<i>Puma concolor</i>	onça-parda	CEN/ENT	1,22,24	AM/AM
<i>Speothos venaticus</i>	cachorro- vinagre	CEN/ENT	21	--/VU
<b>Ordem Perissodactyla</b>				
<i>Tapirus terrestris</i> *	anta	CEN/VEST/ENT	1,5,7,22,24	VU/--
<b>Ordem Artiodactyla</b>				
<i>Mazama americana</i> *	veado- mateiro	CEN/ENT	24	
<i>Mazama nemorivaga</i> *	veado- cambuta	CEN/OCA/ENT	1,5,7	
<i>Pecari tajacu</i> *	cateto	CEN/VEST/ENT	24	
<i>Tayassu pecari</i> *	queixada	CEN/VEST/ENT	1,5,7,21,24	
<b>Ordem Rodentia</b>				
<i>Coendou prehensilis</i>	ouriço- cacheiro	CEN/ENT	7	
<i>Cuniculus paca</i> *	paca	CEN/ENT	1	
<i>Dasyprocta cf. prymnolopha</i> *	cutia	CEN/OCA/ENT	5	
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> *	capivara	CEN/VEST/ENT	1,5,21	

ANEXO 13 - Dados complementares: lista de espécies de médios e grandes mamíferos esperados para a região noroeste de Mato Grosso, Brasil, segundo dados da literatura. 1 = Reis *et al.* (2006b); 2 = Bonvicino *et al.* (2008); 3 = Gardner (2008); 4 = Emmons e Feer (1997); 5 = Eisenberg e Redford (1991); 6 = Vivo (1996); 7 = Van Roosmalen (2002); 8 = Gregorin (2006).

<b>Ordem</b>	<b>Espécie</b>	<b>Nome vulgar</b>	<b>Fonte</b>
<b>Cingulata</b>	<i>Dasyus kappleri</i>	tatu-quinze-quilos	1,3,4,5
	<i>Dasyus novemcinctus</i>	tatu-galinha	1,3,4,5
	<i>Dasyus septemcinctus</i>	tatuí	1,3,4,5
	<i>Cabassous unicinctus</i>	tatu-de-rabo-mole	1,3,4,5
	<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra	1,3,4,5
<b>Pilosa</b>	<i>Bradypus variegatus</i>	preguiça-comum	1,3,4,5
	<i>Cyclopes didactylus</i>	tamanduá	1,3,4,5
	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	1,3,4,5
	<i>Tamandua tetradactyla</i>	tamanduá-mirim	1,3,4,5
<b>Primates</b>	<i>Mico emilae</i>	mico-de-Snethlage	1,4,5,6
	<i>Mico intermedius</i>	mico-de-Aripuanã	6
	<i>Cebus apella</i>	macaco-prego	1,4,5
	<i>Saimiri sciureus</i>	macaco-de-cheiro	1,4,5
	<i>Aotus infulatus</i>	macaco-da-noite	1,4,5

	<i>Callicebus moloch cinerascens</i>	zogue-zogue	7
	<i>Callicebus moloch moloch</i>	zogue-zogue	7
	<i>Chiropotes albinasus</i>	cuxiú-de-nariz-branco	1,4,5
	<i>Pithecia irrorata</i>	parauacu	1,4,5
	<i>Alouatta discolor</i>	bugio-vermelho	8
	<i>Ateles chamek</i>	macaco-aranha	1,4,5
	<i>Lagothrix lagothricha cana</i>	macaco-barrigudo	1,4,5
<b>Lagomorpha</b>	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	tapiti	1,4,5
<b>Carnivora</b>	<i>Leopardus pardalis</i>	jaguatirica	1,4,5
	<i>Leopardus tigrinus</i>	gato-do-mato	1,4,5
	<i>Leopardus wiedii</i>	gato-maracajá	1,4,5
	<i>Puma concolor</i>	onça-parda	1,4,5
	<i>Panthera onca</i>	onça-pintada	1,4,5
	<i>Atelocynus microtis</i>	cachorro-do-mato-de-orelha-curta	1,4,5
	<i>Cerdocyon thous</i>	lobete	1,4,5
	<i>Speothos venaticus</i>	cachorro-do-mato-vinagre	1,4,5
	<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	1,4,5
	<i>Pteronura brasiliensis</i>	aririnha	1,4,5
	<i>Eira barbara</i>	irara	1,4,5
	<i>Galictis vittata</i>	furão	1,4,5
	<i>Nasua nasua</i>	quati	1,4,5
	<i>Potos flavus</i>	jupará	1,4,5
	<i>Procyon cancrivorus</i>	mão-pelada	1,4,5
<b>Perissodactyla</b>	<i>Tapirus terrestris</i>	anta	1,4,5
<b>Artiodactyla</b>	<i>Pecari tajacu</i>	cateto	1,4,5
	<i>Tayassu pecari</i>	porco-queixada	1,4,5
	<i>Mazama americana</i>	veado-mateiro	1,4,5
	<i>Mazama nemorivaga</i>	veado-cambuta	1,4,5
<b>Rodentia</b>	<i>Hydrochaerus hydrochaeris</i>	capivara	1,2,4,5
	<i>Cuniculus paca</i>	paca	1,2,3,6
	<i>Urosciurus spadiceus</i>	caxinguelê	2
	<i>Sciurus gilvicularis</i>	caxinguelê	2
	<i>Sciurus ignitus</i>	caxinguelê	2
	<i>Dasyprocta prymnolopha</i>	cutia	2
	<i>Coendou prehensilis</i>	ourico-cacheiro	1,2,4,5